



## NORMAS DE SEGURANÇA

# Denúncias trabalhistas sobem 50% na Paraíba

*Segundo o MPT, principais descumprimentos estão ligados à falta ou ao mau uso de EPIs.*

**Página 5**

## Computação quântica coloca a PB na vanguarda da tecnologia

Centro internacional que será instalado em João Pessoa amplia a autonomia do Brasil em áreas estratégicas.

**Página 19**

## Concursos em três municípios somam mais de 280 vagas

Cajazeiras, Sossego e Cuité têm editais abertos, com salários até R\$ 6 mil e inscrições até o mês de fevereiro.

**Página 16**

## 63% dos empresários usam conta pessoal para despesas de negócio

*Prática traz riscos à gestão das empresas. Dona de confeitaria, Priscila Abreu (foto) admite o problema e planeja fazer mudanças.*

**Página 17**

Foto: Evandro Pereira



## Espaços verdes melhoram a qualidade de vida nas cidades

*Jardins urbanos reduzem calor, ruído e estresse, mas exigem escolha adequada de espécies, com orientação técnica.*

**Página 20**

Foto: Roberto Guedes



Foto: Carlos Rodrigo



## Calçadas desniveladas limitam a mobilidade

*Por causa da falta de padronização, problema eleva risco de quedas de pedestres; um perigo, principalmente, para idosos e pessoas com deficiência.*

**Página 6**

Foto: Divulgação

## Livro mapeia trajetórias de artistas visuais paraibanas que resistem “nas margens”

Obra de Madalena Zaccara e Sabrina Melo reúne perfis de 92 artistas visuais da Paraíba, resgatando memórias, combatendo o apagamento feminino nas artes e celebrando diferentes gerações.

**Página 9**



Imagem: Divulgação/Arriabaça

■ “O livro é um pão, tratado graficamente como objeto poético, bom de alisar, cheirar e bem melhor de ler, por que não de comer? E, em muitas páginas, bom de se ler e de aprender”.

Gonzaga Rodrigues

**Página 2**

■ “Os ianques se veem diante de um cenário histórico no qual a sua hegemonia está ameaçada. Eles enfrentam na China o mais relevante desafio já imposto ao seu domínio desde a Guerra Fria”.

Estevam Dedalus

**Página 10**

■ “Vejo-me diante de um poeta [Cleanto Beltrão de Farias] que estreia maduro, sobretudo, se me volto para os poemas mais curtos e, pelo menos para mim, melhor realizados”.

Hildeberto Barbosa Filho

**Página 11**



# Editorial

## Encruzilhada Digital

O mundo encontra-se diante de um novo paradoxo tecnológico. Enquanto assistimos à evolução da inteligência artificial na criação de vídeos e áudios indistinguíveis da realidade, somos lançados, sem manual de instruções, a um grande desafio cognitivo da era digital: discernir, no fluxo inacreditável de informações, o que é real do que é *fake*.

A mesma ferramenta que promete revolucionar a produtividade, a criatividade e a personalização de serviços é a que instrumentaliza a desinformação em uma escala e sofisticação nunca vistas antes. O futuro próximo (sobretudo a próxima eleição) exigirá do cidadão brasileiro não apenas alfabetização digital, mas uma verdadeira “imunização” crítica.

A criação por uso de IA deixou, há tempos, o território experimental para se tornar ubíqua (para usar o jargão acadêmico) e, muitas vezes, invisível. Algoritmos já redigem notícias financeiras, compõem músicas, geram imagens hiper-realistas e produzem vídeos persuasivos a partir de um simples comando de texto.

O salto qualitativo, porém, é alarmante. Sistemas como os geradores de *deepfakes* já atingiram um patamar onde imperfeições antes flagrantes — um piscar de olhos não natural, uma sincronia labial falha — foram praticamente eliminadas.

Dados da empresa de segurança cibernética DeepStrike indicam um crescimento próximo a 900% no volume desse material, com projeções de que alcancemos a marca de oito milhões de vídeos sintéticos apenas em 2025. No contexto brasileiro, esse fenômeno ganha contornos particulares: estima-se que de 21% a 33% do conteúdo recomendado a novos usuários nas plataformas seja composto por esse “lixo de IA”, material sintético de baixa qualidade que polui o ecossistema informativo.

Os desafios que se aproximam são profundos e complexos. Em um país marcado por desigualdades sociais e educacionais, a disputa entre a criação e a detecção de fraudes digitais é desequilibrada. A capacidade de um *deepfake* inflamar paixões políticas, destruir reputações pessoais ou fraudar sistemas é enorme, enquanto a habilidade do cidadão comum para identificá-lo permanece limitada.

O período eleitoral, como o deste ano, torna-se um campo fértil para manipulações. O risco não é apenas de acreditarmos em uma mentira, mas de mergulharmos em uma espiral de ceticismo generalizado, onde qualquer evidência — inclusive a verdadeira — pode ser descartada como falsa, corroendo os pilares da confiança pública e do debate democrático.

Diante desse cenário, a passividade é um luxo perigoso. Garantir que não sejamos enganados exige uma postura ativa, individual e coletiva. Em primeiro lugar, é imperativo cultivar um ceticismo saudável. Diante de um conteúdo emocionalmente carregado ou conveniente demais, especialmente de fontes não verificadas, a primeira reação deve ser a dúvida, não o compartilhamento.

Em segundo, verifique a procedência. Busque a mesma informação em veículos jornalísticos estabelecidos e com credibilidade. Desconfie de áudios e vídeos circulando isoladamente em grupos de mensagens sem contexto claro.

Contudo, a solução definitiva não pode recair apenas sobre os ombros do indivíduo. É urgente uma resposta estrutural. Apoiar e exigir regulações claras e democráticas, como as que o Tribunal Superior Eleitoral já propõe para a rotulagem de conteúdo sintético em campanhas, é fundamental.

Precisamos, como sociedade, demandar que as grandes plataformas tecnológicas invistam em tecnologias de proveniência — sistemas que, como uma “certidão de nascimento digital”, possam rastrear a origem e as manipulações de um arquivo de mídia. O remédio contra o engano está em fortalecer, com ferramentas, leis e, sobretudo, consciência crítica, a capacidade humana de julgar, questionar e decidir.

# Artigo

Rui Leitão  
iurleitao@hotmail.com

## Os soldados da democracia

As Forças Armadas brasileiras, ao longo da história republicana, passaram a carregar o estigma de “golpistas”, como se lhes coubesse, de forma exclusiva, a responsabilidade pelas rupturas democráticas vivenciadas pelo país. O Brasil — assim como grande parte da América Latina — experimentou diversos momentos em que suas instituições militares serviram a golpes e ditaduras. Costuma-se esquecer, porém, que em muitos desses episódios houve participação decisiva de setores civis. Ainda assim, foram as Forças Armadas que permaneceram marcadas pelo histórico repressivo e autoritário com que atuaram sempre que assumiram o poder.

Nas três forças militares nacionais, houve — e há — muitos de seus integrantes imbuídos da responsabilidade institucional de defender a soberania nacional e as regras constitucionais. São os chamados “legalistas”, que colocaram em risco suas carreiras ao respeitar as condições de governabilidade legitimadas por eleições livres e democráticas. Na recente tentativa de ruptura institucional de que tivemos notícia, alguns deles se manifestaram contrários à intenção de fazer o país reviver os tempos sombrios dos chamados “anos de chumbo”.

Após o Golpe de 1964, mais de 6,5 mil oficiais e praças foram presos, perseguidos, torturados e assassinados pela ditadura, por se oporem às investidas autoritárias da tomada do poder. Entre eles, destaca-se o brigadeiro Rui Moreira Lima, deposto do comando da Base Aérea de Santa Cruz, no Rio de Janeiro, encarcerado e aposentado compulsoriamente. O marechal Henrique Teixeira Lott teve todos os seus direitos políticos cassados e foi impedido de disputar o governo do estado do Rio de Janeiro. Antes disso, ao perder a eleição presidencial de 1960 para Jânio Quadros, já havia iniciado campanhas públicas contra a ala golpista do Exército.

Militares de baixa patente — subtenentes, cabos e sargentos — também desempenharam papel relevante na resistência democrática e, por isso mesmo, foram duramente pe-

nalizados. Nas ditaduras, prisões de militares ocorriam por decisões arbitrárias; nas democracias, militares são privados de liberdade apenas por decisão judicial, com direito ao devido processo legal.

Rotulados como “esquerdistas”, na verdade são nacionalistas, comprometidos com a defesa da soberania nacional e dos direitos humanos. Relatório da Comissão Nacional da Verdade registra: “Os militares foram perseguidos de várias formas: mediante expulsão ou reforma; instigados a solicitar passagem para a reserva ou aposentadoria; processados, presos arbitrariamente e torturados; quando inocentados, não reintegrados às suas corporações; e, quando reintegrados, submetidos à discriminação no prosseguimento de suas carreiras. Por fim, alguns foram mortos”. Eram, em essência, soldados da democracia.

É necessário honrar a memória dessas figuras que garantiram a prevalência do poder popular e da democracia — valores reiteradamente traídos por parcelas da elite nacional ao longo de nossa turbulenta história. O papel constitucional das Forças Armadas deve ser o de garantir os poderes constituídos, jamais o de substituí-los. Esses heróis fardados cumpriram sua missão histórica. Paradoxalmente, são eles que as próprias Forças Armadas insistem em não reverenciar.

“

Após o Golpe de 1964, mais de 6,5 mil oficiais e praças foram presos, perseguidos, torturados e assassinados pela ditadura

# Foto

## Legenda

João Pedrosa



O guarda-sol

# Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

## Pão com sabor de poesia

“Erramos por ruas, bares, cinemas, gentes e retratos que, dele, tomamos como nossos” — é Antônio Mariano, poeta-escritor e editor de “Pão com sabor de poesia”, na orelha de abertura do livro, a anunciar exatamente o que vivi a cada página de João Batista de Brito, memória e encanto que nos levam além da admiração respeitosa à afinidade mais próxima de sentimentos.

O livro é um pão, tratado graficamente como objeto poético, bom de alisar, cheirar e bem melhor de ler, por que não de comer? E, em muitas páginas — como em todas de sua farta bibliografia de teoria, crítica literária ou do mais culto cinéfilo —, bom de se ler e de aprender.

E senti a emoção a cada passo do aprendiz de crítica nascido com os olhos no rio que lambia seu terreiro, em Santa Rita. Saí com ele do primeiro até o último grau, isto é, do Lins de Vasconcelos, do Liceu até a pós-graduação, fruto modelar da nossa universidade hoje com as asas no mais pleno voo vaticinado por José Américo, fundador de obras revolucionárias nos principais estágios de sua atuação de homem público a partir do escritor.

Setenta anos depois da criação da UFPB, vemos como as palavras verdadeiras, ainda que encubem alguma vaidade, como elas são poderosas: “Eu vos dei as raízes, outros vos darão asas e o selo da perpetuidade”.

Antes da universidade, íamos buscar fora, como autodidatas reverentes e curvados, o que ditassem as matrizes culturais e editoriais. O exemplo de Augusto dos Anjos nessa via-crúcis dá filme a pedir argumento ou direção de um J. B. de Brito. Converter o cosmopolitismo das moneras, os cósmicos segredos, a morbidez dos seres ilusórios e todo o caos telúrico na eternidade daqueles dois penosos anos que o poeta esqualido teve de aturar nas escaladas dos penhascos do morro carioca, dando aula particular de 5, 10 reais para chegar em casa com o pão da amargura. O filho do dr. Alexandre de declínio tão bem narrado por Zé Lins em “Dias Idos e Vividos”.

Hoje vivemos nossa própria autonomia nas letras, nas artes, nas ciências, refletida logo de testa na arquitetura panorâmica que tenta conciliar o quadrado seco, sem arte, do espigão com o ambiente provinciano; auto-

“

Setenta anos depois da criação da UFPB, vemos como as palavras verdadeiras, ainda que encubem alguma vaidade, são poderosas: ‘Eu vos dei as raízes, outros vos darão asas e o selo da perpetuidade’

mia nas ciências da saúde, da administração; autonomia criativa e crítica no ensino e no labor das nossas letras. Os jornais do Rio e São Paulo já não chegam com seus rodapés modelares, indispensáveis ao exame de nossas vocações. Já não são mais necessários, aqui nem nas demais províncias. A autonomia universitária com suas Elizabeth, Ângela, Ana Adelaide, Vitória Lima, seus Hildeberto, Milton Marques, Chico Viana, José Mário, Expedito Ferraz, João Batista de Brito (para falar nos que atuam na cátedra universitária ou os que dos impressos e eletrônicos suprem o carimbo do *imprimatur* exclusivo, antes dela, do pontificado central). A universidade libertou até mesmo os que não passaram por ela, como o autor destas linhas suportadas por um público de duas gerações.

A história de João Batista de Brito vem ajudar esse meu estado de espírito. Com uma diferença agora reduzida a zero: aquele leitor de Shakespeare sem problema de tradução, mestre em literatura inglesa que, em qualquer circunstância, mesmo num encontro de rua, de praça ou em atos culturais, eu só o via como um Lord Jim, é do meu massapê. Urbano, urbaníssimo, mas menino da beira de rio, que não é o Tâmisia, senhor das ruas e dos segredos de Jaguaribe.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL  
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Amanda Mendes Lacerda**  
DIRETORA ADMINISTRATIVA,  
FINANCEIRA E DE PESSOAS

**Rui Leitão**  
DIRETOR DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC  
Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**Gisa Veiga**  
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

**PABX: (083) 3218-6500**  
**E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)**  
**ASSINATURAS IMPRESSAS: Anual ..... R\$404,25 / Semestral ..... R\$202,12 / Número Atrasado ..... R\$4,00**  
**CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br**



DO ESTADO

# Hospitais garantem um atendimento humanizado

*Instituições de saúde oferecem acolhimento e apoio para pacientes e familiares*

Bárbara Wanderley  
babiwanderley@gmail.com

O nascimento de um filho é um momento de muita felicidade para uma mãe, exceto quando esse bebê, por algum motivo, precisa ficar internado em uma UTI neonatal. Nesse caso, o momento torna-se de preocupação e fragilidade emocional, mas no Hospital da Mulher, em João Pessoa, existe todo um sistema dedicado a oferecer acolhimento e apoio a essas mães. A Casa da Gestante, anexa ao hospital, tem capacidade para receber até 18 mães, podendo ampliar para 24, que ficam hospedadas o tempo que for preciso e mantendo contato diário com seus filhos internados.

Algumas chegam a morar no local durante meses. A cantora Fernanda do Nascimento, do município de Mogeiro, já vive no local há três meses acompanhando sua bebê. “Ela é cardiopata. Ela passou por uma cirurgia, aí foi para o Metropolitano, passou quase um mês lá, aí voltou. Pegou uma bacteriazinha, de hospital, está se tratando para depois ir para casa”, explicou Fernanda.

Por ser de outra cidade, a possibilidade de ficar hospedada ao lado do hospital, e visitar a filha diariamente, é especialmente importante para ela. “Só vou para casa quando tenho alguma coisa dela para resolver ou do meu outro filho, mas eu fico mais por aqui”, relatou. Fernanda



Fotos: Roberto Guedes



Casa da Gestante é anexa ao Hospital da Mulher, em JP

destacou ainda que, além de manter o contato mais próximo com a filha, o acolhimento no local é um diferencial. “Aqui a gente fica que nem uma família, sabe? Aqui a gente se ajuda, se uma tem problema, a gente vai lá dar conselho ou algo assim. É diferente. Não é criticando os outros hospitais, mas aqui é diferente porque a gente tem um apoio de dormir melhor, de comer melhor, de viver melhor”, afirmou.

A coordenadora da Casa da Gestante, Heliane Medeiros, orgulha-se em dizer que nunca recebeu uma avaliação negativa na ouvidoria. “Essa casa foi projetada para que elas tenham conforto e saúde mental. Porque elas estão num processo doloroso. E como todas estão na mesma situação, na luta pela saúde dos filhos, elas acabam fi-

cando muito amigas. Então a equipe — eu também prezo por isso, a equipe aqui é fixa — nós, aqui, convivemos como uma família”, afirmou, ressaltando, ainda, que todo o time é formado por mulheres.

Heliane explicou que, embora a maior parte das mães que usam a casa seja de outras cidades, este não é um pré-requisito para ter acesso ao serviço, que também pode ser acessado por moradoras de João Pessoa. “Eu tanto já tive mães de Piancó, que é

na divisa do estado, como eu tenho mães aqui de Cruz de Armas (bairro de João Pessoa onde o hospital está localizado). Só que quando ela fica aqui, ela tem toda uma assepsia, um cuidado, porque o bebê dela está na UTI, então ele exige um cuidado bem seletivo. Aí, elas ficam daqui, a gente tem o cuidado, por exemplo, de tomar banho toda vez que for subir para a UTI. Então ela toma banho e troca a vestimenta dela”, detalhou a coordenadora.

## Hospedagem, orações e passeio externo

A Casa da Gestante vai muito além de um lugar mais próximo do hospital para ficar. Além da hospedagem e seis refeições diárias, a casa dispõe de um local para ordenha de leite, biblioteca, cantinho ecumênico para orações (com objetos representando todas as religiões), biblioteca, atendimento psicológico e aulas de artesanato.

Além disso, uma vez por mês é realizado um passeio externo. Em um desses momentos, realizado na praia, uma mãe do município de Monteiro chorou ao ver o mar pela primeira vez, conforme relatou Heliane. Nesta semana, as mães foram

visitar a Bica. “Não gosto de deixar elas ociosas, porque se você deixa elas paradas você encontra elas chorando, então estamos sempre chamando para assistir a um filme, fazer alguma coisa”, disse a coordenadora.

Ela contou ainda que, logo ao chegar, as mulheres passam por uma entrevista com uma assistente social que identifica as necessidades de cada uma. A partir disso, as funcionárias disponibilizam fraldas, kits de higiene pessoal e até mesmo roupas para as mães em situação mais vulnerável. “Principalmente as que são do interior e muitas vezes vêm só com a roupa do cor-



Casa dispõe de um local para ordenha de leite das mães

po para fazer uma consulta, mas acabam tendo um parto prematuro e não têm nada. Às vezes, elas não têm nem calcinhas e nós conseguimos por doações que recebemos

de igrejas e instituições de caridade. E se não tiver doação, a gente dá um jeito, mas dificilmente elas saem daqui sem um enxoval”, comentou a coordenadora.

## Clementino Fraga tem o projeto Novos Ares

Não é só o Hospital da Mulher que aposta em um atendimento mais humanizado. No Complexo Hospitalar Clementino Fraga, em João Pessoa, a equipe de fisioterapia, coordenada por Laryssa Marcela, criou o projeto Novos Ares, que leva pacientes da UTI para realizar seus exercícios fisioterápicos, ou mesmo só passar algum tempo, na área externa do hospital.

Laryssa explicou que,

por ter uma UTI voltada ao cuidado de pacientes com doenças infectocontagiosas, o hospital tem muitos pacientes crônicos que ficam internados por muito tempo. “Duas vezes por semana é avaliada a possibilidade desses pacientes irem para o ambiente externo, levando em consideração alguns critérios instituídos”, disse.

“O projeto Novos Ares promove a humanização

na UTI, oferecendo conforto físico, espiritual do ser humano e psíquico. Melhora o humor, regulação do sono, auxilia na função cognitiva. Houve redução nas taxas de delirium e, consequentemente, uma melhor adesão ao tratamento, com uma recuperação mais rápida. Os pacientes relatam que se sentem motivados e com esperança”, contou Laryssa.

O delirium citado pela profissional é um estado de

confusão mental aguda que atinge principalmente idosos hospitalizados.

### Trauma JP

Já no Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, também localizado na capital paraibana, além de passeios da área externa, os pacientes que passam por internações mais longas ganham festas de aniversário promovidas pelas equipes da instituição.

## Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

## A feira dos mil mundos

Cruzar o umbral da feira de livros é um ato de travessia. O asfalto comum da cidade se dissolve sob os pés, substituído por um tapete de promessas e poeira dourada pelo sol. O ar, então, adquire uma nova textura, uma alquimia singular de papel envelhecido, cola fresca e um cheiro sutil de tinta que é o perfume próprio da possibilidade. Este não é um simples ajuntamento de bancas: é um portal.

Os estandes são arquipélagos de mundos possíveis. O viajante desprevenido é imediatamente assediado por visões fantásticas. Aqui, dragões de escamas holográficas drapejam asas majestosas em capas de alto-relevo, sua fúria ancestral e sua nobreza paradoxal contidas na quietude das páginas. Mais adiante, fadas etéreas dançam em ilustrações delicadas, suas asas de pó de lua e pétalas presas em versos de poetas visionários. Este é o reino do espanto puro, onde a lógica do dia a dia se dobra ao poder infinito do “e se...?”. É um chamado de volta ao assombro da infância, mas com a profundidade e a saudade que só a idade adulta pode carregar. É a descoberta de que a fantasia não é fuga, mas uma lente mais rica para examinar a realidade.

Contudo, a verdadeira viagem só começa quando se aventura além dessas costas familiares. Ao virar a esquina formada por uma pilha precária de clássicos, o explorador depara-se com os desbravadores do território mais complexo e intricado de todos: a alma humana. Nessas prateleiras, os dragões têm nomes como Angústia, Ciúme e o Medo do Abismo. Suas labaredas não queimam cidades, mas consomem certezas e laços. As fadas, aqui, são os lampejos de lucidez, os instantes fugazes de

graça e os amores impossíveis que iluminam brevemente a escuridão interior. São os pensadores, os romancistas, os ensaístas, que com a precisão de um cirurgião e a sensibilidade de um poeta, dissecam nossos paradoxos mais íntimos. Um romance russo, pesado como uma pedra de consciência, promete um mergulho abissal na culpa e na redenção. Um ensaio francês, ágil e afiado como um bisturi se propõe a decifrar os mecanismos secretos do coração

“Este é o reino do espanto puro, onde a lógica do dia a dia se dobra ao poder infinito do ‘e se...?’”

e da sociedade. Estes livros não nos transportam para florestas encantadas, mas nos guiam, muitas vezes a contragosto, pelas paisagens acidentadas e sombrias do nosso próprio eu. A aventura, descobrimos, pode ser tão aterrorizante e reveladora quanto qualquer batalha épica.

A magia suprema da feira, no entanto, não reside apenas no encontro programado com um autor ou título específico. Está na beleza serendipitosa da descoberta casual. É a mão que, movida por um impulso quase inconsciente, pesca da pilha mais desorganizada um volume de lombada desbotada e título intrigante. É o coração que acelera ao encontrar aquela edição especial, antiquíssima, com ilustrações que são portas para dentro da própria narrativa, ou o livro de bolso, modesto e corajoso, que cabe no palmo da mão e está pronto para ser levado em qualquer jornada, real ou imaginária. É o diálogo mudo com o livreiro, um sábio que parece conhecer cada história em seu reino e cujo simples aceno de cabeça é um tesouro de recomendação.

Cada aquisição é um fragmento de universo conquistado. O saco plástico que carregamos vai ficando pesado, não pelo peso do papel, mas pela densidade dos mundos que agora nos pertencem. Sinto o calor do dragão que ainda não domamos, a leveza da fada que nos fará sonhar, a opressão e a clareza do pensamento que nos fará questionar tudo o que julgávamos saber. É um cansaço delicioso, de quem acumulou riquezas incalculáveis.

Ao sair, o sol do mundo real parece mais intenso. Os sons da cidade voltam a ecoar, mas algo mudou. Dentro de mim, carrego não apenas livros, mas sementes de universos. São portas fechadas, aguardando apenas o gesto simples de abri-las para que, mais uma vez, eu possa perder-me e encontrar-me nas páginas sem fim daquela feira dos mil mundos.

Colunista colaborador



Foto: Evandro Pereira



# Jéssica Juliana Batista

Coordenadora do Programa Paraíba que Acolhe

## “Na garantia das políticas públicas, a nossa maior ferramenta de trabalho é a articulação”

*Em entrevista, assistente social fala sobre os desafios da profissão e os projetos executados pela Sedh em todo o estado*

Camila Monteiro  
milabmonteiro@gmail.com

O profissional de Serviço Social é o primeiro a entrar em contato com as mazelas da sociedade, a evidenciá-las e a propor programas para enfrentá-las. Foi assim que a assistente social Jéssica Juliana Batista destacou a importância da profissão durante entrevista com o jornal **A União**.

O assistente social tem um objeto de atuação abrangente: as situações de desigualdades encontradas na sociedade. Ele lida com as expressões da questão social em áreas diversas, como saúde, previdência, educação, habitação, lazer, assistência social, justiça, entre outros, com o objetivo de agir nas relações entre seres humanos inseridos na vida social e ofertar instrumentos para que tenham acesso às políticas públicas.

Assim, durante a conversa, Jéssica Juliana, que compõe a equipe da diretoria do Sistema Único de Assistência Social (Suas) e coordena o programa Paraíba que Acolhe, no âmbito da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh), falou sobre a relevância do assistente social, com foco nos vários campos de trabalho, além de trazer uma perspectiva sobre o mercado na atualidade, os desafios do ofício e os projetos executados pela secretaria.

### Entrevista

■ *Em sua visão, qual é o papel do assistente social na atualidade? E qual o seu objeto de atuação?*

O profissional do Serviço Social, que são os assistentes sociais, são os responsáveis por lidar com o que chamamos de expressões da questão social. E o que são essas expressões? As questões de violência, de desemprego, de pobreza, de negligência, de preconceitos, então todo esse leque de desigualdades sociais é o nosso objeto de intervenção. Cada profissional vai atuar em algum segmento, mas todos eles voltados à consolidação e também ao acesso aos direitos da população. Nós não garantimos necessariamente o direito das pessoas, mas, a partir do lugar de atuação em que estamos, conseguimos viabilizar que tenham acesso à alimentação digna, a programas de transferência de renda, por exemplo, e, às vezes, o trabalho consiste em apenas uma orientação. Então, todo esse conjunto de acessos, de direitos, é o nosso objeto de atividade, seja em qualquer política pública em que estejamos. É um campo bem grande de atuação. Eu costumo dizer que, se você faz Serviço Social, você só fica desempregada se você quiser, se você não tiver um bom *networking* também. Atuamos em qualquer lugar: na política de assistência, de educação, de saúde.

■ *Como os assistentes sociais atuam na garantia dos direitos dos usuários das políticas públicas?*

Nosso trabalho permeia diversos tipos de atuação. Lidamos com vários instrumentos técnicos que viabilizam a nossa atividade, como também inúmeros sistemas. Mas eu costumo dizer que, na garantia dos direitos dos usuários das políticas públicas, a nossa maior ferramenta de trabalho é a articulação. Temos municípios, estados e União trabalhando conjuntamente na garantia dos direitos. Então, eu vou dar um exemplo muito prático para ficar claro

como funciona a coisa. Eu coordeno um programa e nós viabilizamos benefícios financeiros para crianças e adolescentes que ficaram órfãos em decorrência da pandemia. Então, como viabilizamos esse direito? Bem, isso tem um caminho muito longo, que vai da mobilização à construção de instrumentos que justifiquem o nosso trabalho. Porque, se vamos, por exemplo, pedir para o governador liberar um benefício para os órfãos da Covid-19, temos que, primeiramente, dizer que existe essa situação na Paraíba. Tem que ser tudo bem embasado. O nosso trabalho é permeado também por muita pesquisa. Estamos o tempo todo estudando, porque viabilizar o direito não é somente dizer que a pessoa tem direito ou não, é analisar essa realidade, definir critérios para que os indivíduos acessem benefícios e fazer a correlação de forças para que o direito dessa população seja garantido. Então, vamos do reconhecimento da demanda até a viabilização do direito, que perpassa por um caminho técnico, metodológico, operativo também. É um trabalho que tem uma metodologia bem própria, não é uma receita de bolo, porque cada família e cada indivíduo têm especificidades.

■ *Como o Serviço Social dialoga com outras áreas, como a psicologia, saúde e segurança pública?*

Eu acho que isso é uma riqueza muito grande da nossa profissão, essa facilidade que temos de atuar em diversas políticas públicas. A nossa própria grade curricular do curso de Serviço Social é formada por diversas disciplinas que nos dão subsídios para atuar de maneira ampla. Temos conteúdos de educação, de saúde, de segurança pública, de família, de gênero, de previdência, de assistência. A grade curricular do curso nos forma para isso. Então, temos facilidade também de dialogar com outras áreas técnicas, o que, para mim, é uma das maiores

riquezas das políticas públicas no Brasil. Porque na assistência social, por exemplo, pensam que só tem assistentes sociais, mas não. Atuamos com psicólogas, advogadas, pedagogas, entre outras. É um desafio também na nossa profissão, porque, por exemplo, chega uma psicóloga na política de assistência e, às vezes, ela pensa que ela vai clinicar, que ela vai ter o seu consultório dentro do Centro de Referência de Atenção à Saúde (Cras). Isso não acontece. Ela vai lidar com as expressões sociais que causam sofrimento mental, que causam sofrimento emocional nas pessoas e encaminhar e dar subsídios para que as pessoas tenham acesso à política de saúde mental. Então, lidar com o social é intervir diretamente na vida daquela pessoa para que ela consiga aquele acesso.

■ *Como tem evoluído o mercado de trabalho para assistentes sociais na Paraíba nos últimos anos?*

Infelizmente, temos um mercado de trabalho muito voltado para contratos precarizados. O mercado até te absorve, mas por algum tempo. Isso é uma questão estrutural da nossa profissão. A gente nasce em um caráter de subalternidade. Até hoje há pessoas que não entendem o que fazemos. Até hoje há pessoas que pensam que só distribuímos cestas básicas. A nossa profissão nasceu para intervir nas tensões entre as desigualdades sociais e o Estado. O Estado precisava de um profissional que tratasse disso. Há demanda, porque, enquanto existir a contradição social, enquanto existir esse processo de desigualdade, é necessário que existam profissionais para lidar com elas. Contudo, temos colegas que precisam usar seus próprios equipamentos, que precisam utilizar os seus próprios meios, porque muitas vezes a instituição não oferece. Isso, ainda bem, não é uma realidade nossa. A gente se coloca até num espaço de mais privilégios. Por exemplo, eu coordeno o Paraíba que Acolhe desde 2021, estamos em 2026, então eu tenho uma trajetória de continuidade. Quando há uma segurança efetiva de que você vai iniciar um trabalho e dar continuidade a ele, isso também gera segurança para a população, que vai ter referência na instituição e vai ter referência nas profissionais que atuam nesse processo e vai gerar mais valorização da profissão. Quando a gente consegue ter segurança institucional e autonomia para realizar o trabalho, bem como uma resposta da instituição, é o melhor dos mundos.

■ *Como funciona a atuação do assistente social na Sedh?*

Lidamos muito com números, planilhas. Então, se o município sabe como operacionalizar a política, é porque nós estamos construindo os subsídios para isso.

No entanto, aqui, na Secretaria de Desenvolvimento Humano, temos um diferencial. Fazemos muito mais do que o Estado poderia fazer. E isso é resultado de escolhas políticas também. Até porque temos uma gestão muito aberta a nos escutar enquanto profissionais e a acatar aquilo que colocamos como necessário para desenvolver a política. Então, por exemplo, o Paraíba que Acolhe poderia ser um programa só de gestão — eu estou puxando muito para o Paraíba que Acolhe, porque é o programa que eu coordeno, mas existem outros programas aqui que têm esse caráter. O município identifica a criança e adolescente, manda toda a documentação, analisamos aquela documentação e liberamos ou não o benefício. É uma forma bem técnica e pragmática. Inserimos no sistema, o financeiro insere também e aquela família recebe dinheiro. Mas o que acontece com essa família quando ela não recebe benefício? O que acontece com essa família quando ela não consegue acessar o Cras, que foi quem a atendeu primeiro para fazer a inscrição? Isso nos inquietou de uma forma que pensamos: vamos ter que ir até essas famílias. Vamos ter que contratar mais pessoas para essa equipe, porque tem questões de guarda, tem questões de saúde mental, porque a criança e o adolescente perderam o pai e a mãe numa situação de pandemia, não velou, não viveu o luto. Então, isso tudo envolve uma complexidade que eu, enquanto assistente social, não posso lidar sozinha. Eu preciso ter uma equipe com mais profissionais. Então, aqui, não somente criamos o programa, mas também acompanhamos.

■ *Poderia citar uma história real sobre o impacto direto de algum programa da Sedh para a população paraibana?*

Eu cito muito uma experiência que tivemos recentemente, em Campina Grande, com o rompimento do reservatório. Nós tivemos respostas muito rápidas. E por que isso aconteceu dessa maneira? Porque temos uma equipe muito engajada. Tiveram profissionais que saíram da Secretaria de Desenvolvimento Humano, foram até Campina Grande e passaram diversos dias lá. E tudo que levantávamos e levávamos para o vice-governador era atendido prontamente. A população esperava respostas rápidas, e nós esperamos, enquanto profissionais, que a demanda dela seja atendida também. Porque você lidar, por exemplo, com pessoas que estão desabrigadas, não têm para onde ir, que perderam tudo, é uma situação muito extrema também para nós. No entanto, conseguimos dar retornos efetivos, lançamos um auxílio emergencial, tanto que vamos voltar agora para monitorar o que fizemos. E o que

aconteceu foi em novembro, é bem recente. Aconteceu no dia 7 de novembro e, no dia 20, o pessoal estava com a primeira parcela do auxílio emergencial nas contas.

■ *Quais ações da Sedh foram apresentadas na Solenidade de Apresentação do Resultado da Gestão Estadual em 2025, realizada no início do mês?*

Todos os anos acontece essa solenidade sobre as entregas, as realizações e as conquistas da gestão estadual. Tivemos como destaque na Secretaria de Desenvolvimento Humano, o Serviço de Acolhimento Regionalizado em Família Acolhedora, bem como o programa Paraíba que Acolhe. Então, a pauta principal da nossa revista neste ano foi o acolhimento e a dignidade. Mas também tivemos outros destaques aqui. Claro que em uma revista não dá para colocarmos tudo o que fazemos aqui, na secretaria, mas podemos pontuar também a questão da rede de segurança alimentar, que é referência, uma das mais consolidadas do país, como o Nutrir+PB, que é um programa que promove a segurança alimentar no estado. Também tivemos o investimento de R\$ 2 milhões na ampliação das unidades de Casas da Cidadania.

■ *Se a senhora pudesse deixar uma mensagem para os jovens que estão pensando em ingressar na profissão de Serviço Social, qual seria?*

A primeira coisa é falar que é uma profissão essencial no desenvolvimento da sociedade. No Serviço Social, você não aprende somente a lidar com as questões de assistência. Nós somos profissionais que lidam com situações que envolvem conjuntura social, economia, direitos, desigualdades, violências. É uma profissão que não é exata, a realidade vai dizer muito como vamos atuar nos espaços sócio-ocupacionais. É uma profissão muito importante. Eu diria até que é uma profissão essencial para a nossa sociedade. Então, é um curso extremamente rico. Vemos o quanto a universidade nos forma para atuar em qualquer lugar. É uma profissão que garante esse perfil crítico de intervenção, de alocação em diversos espaços. Como eu te falei, uma profissão que vai sempre existir. Então, não existe para nós essa questão do mercado estar em alta ou estar em baixa, estamos o tempo todo lidando com diversos aspectos sociais. E estamos em uma luta muito grande também pelo nosso piso salarial. É uma luta que está em pauta, hoje, na Câmara dos Deputados. Então, eu acho que estamos em vias de uma maior valorização, pelo menos salarial. E estamos lutando também por mais recursos públicos, porque a nossa profissão, ainda bem, tem as nossas entidades representativas muito atuantes. Então, temos tudo para ser uma profissão que se torne realmente valorizada pela sociedade.



ACIDENTES NO TRABALHO

Denúncias ao MPT-PB crescem 50%

Dados indicam mais de 1,1 mil investigações em 2025; falhas no uso de EPIs costumam ser a principal causa

Iris Machado  
irmschelo@gmail.com

As denúncias de descumprimento das normas de segurança no trabalho cresceram 50,2% na Paraíba, segundo dados do Ministério Público do Trabalho na Paraíba (MPT-PB). Em 2024, o órgão acumulou 759 processos ao longo do ano, enquanto em 2025 foram registradas 1.140 ações, que resultaram na abertura de investigações para apurar a existência de riscos nos ambientes laborais.

Entre os principais agravantes identificados estão a falta e/ou a má utilização dos equipamentos de proteção individual (EPIs), conforme destacou o promotor Marcos Antônio Almeida, titular da Coordenadoria de Defesa do Meio Ambiente do Trabalho (Codemat) do MPT-PB. “A falta de treinamento adequado constitui um fator importante que contribui decisivamente para a ocorrência de acidentes de trabalho, especialmente aqueles relacionados à ausência ou ao uso inadequado dos equipamentos de proteção, inclusive os EPIs. Os trabalhadores podem não saber usar os equipamentos corretamente ou não entender a importância deles, justamente porque não houve um treinamento adequado nesse sentido. Isso também pode levar a comportamentos de risco, fazendo com que não se use os EPIs ou não sejam seguidos os procedimentos

TAC  
Caso após a apuração sejam constatadas irregularidades, a Justiça pode firmar um Termo de Ajustamento de Conduta para adequar a prática laboral às prescrições legais

de segurança necessários”, salienta.

Esse cenário de insegurança foi evidenciado no início deste mês, em uma obra no bairro de Manaíra, em João Pessoa. Na ocasião, um trabalhador caiu de uma altura de 6 m e atingiu um coteira que estava logo abaixo. No momento do acidente, os dois homens, de 30 e 55 anos, realizavam a instalação de gesso no teto sem o uso de equipamentos de segurança.

Em decorrência da queda, uma das vítimas sofreu uma fratura no fêmur, enquanto a outra precisou utilizar um colar cervical.

Fiscalização

O mero fornecimento de EPIs, no entanto, não é suficiente. Para evitar uma cultura de negligência em relação à segurança do trabalho, a utilização de cada aparelho deve



A utilização correta dos utensílios de segurança também é um elemento que deve ser fiscalizado durante o exercício da função

ser fiscalizada. “O próprio trabalhador também precisa fazer a sua parte, usando os equipamentos corretamente, seguindo todos os procedimentos de segurança estabelecidos pela empresa, comunicando a ocorrência de incidentes ou acidentes, ou situações de risco, à chefia imediata ou à equipe, participando dos treinamentos relacionados à saúde e à segurança do trabalho, para que se possa criar, dentro daquele

ambiente, um espaço efetivamente seguro para o desenvolvimento das atividades laborais. Lembrando sempre que não são necessários apenas os equipamentos de proteção individual. Antes mesmo desse nível individual de proteção, é preciso que as empresas adotem com absoluta prioridade os equipamentos de proteção coletiva”, pontua.

Ao receber denúncias acerca de acidentes de trabalho ou descumprimen-

to de normas de saúde e segurança, o MPT-PB realiza ações a fim de averiguar as causas e identificar os responsáveis. Se a investigação constatar irregularidades no decorrer do processo, a Justiça pode firmar um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) para adequar a prática empresarial às prescrições legais. O órgão também é capaz de determinar o pagamento de indenizações por danos coletivos e até mesmo a

interdição do estabelecimento ou embargo da obra.

Vale lembrar, ainda, que os registros do MPT-PB representam apenas os casos comunicados oficialmente. Esse número, no entanto, costuma ser inferior ao total real de ocorrências do tipo, devido à subnotificação de incidentes no ambiente de trabalho. A precarização das relações trabalhistas e a informalidade dificultam o relato de situações de risco.

Uso correto dos equipamentos protege de danos mais sérios

Luvas de proteção pouparam o cabedelense Antônio Lopes de um acidente mais grave. Quando trabalhava como moço de convés em um navio em alto-mar, próximo a Pararucu, no Ceará, ele foi instruído a transportar uma tubulação, sem o aparelho específico, por meio de uma estrutura de ferro. No processo, um gancho soltou-se e atingiu em cheio um dos dedos de Antônio, que sofreu uma fratura exposta e foi submetido a duas cirurgias de emergência.

“Comuniquei ao meu superior que aquilo não daria certo, que tinha que ser feito de outra forma. Ele insistia em fazer da forma errada. Mesmo tendo risco de se machucar, quando a gente tem um emprego, a gente faz, né? Como era um navio que ficava bem longe da costa, só ia de lancha ou de helicóptero [ao hospital], e o mar estava um pouco agitado. Eles demoraram bastante para me socorrer”, recorda.

Na ocasião, o marítimo só recebeu atendimento especializado no fim da tarde, às 16h, sete horas após o ocorrido. Antes da primeira cirurgia, à meia-noite, o médico que o acompanhava já notava sinais de necrose na região afetada pelo choque. Se Antônio estivesse sem a luva, ele poderia ter perdido o dedo. “O impacto da pan-



Antônio Lopes salvou-se de consequências mais graves em um acidente por utilizar luvas

cada foi forte. Fiquei afastado um ano e três meses, mais ou menos”, revela.

Apesar disso, segundo a técnica em Segurança do Trabalho Sâmela Aoreliano, a utilidade de equipamentos de proteção ainda é subestimada, tanto pelos contratantes quanto pelos próprios trabalhadores: cintos, capacetes, luvas, óculos e protetores auriculares são os aparelhos mais negligenciados. Como frisa a especialista, a responsabilidade do uso é compartilhada, mas começa pela empresa.

“Sem a fiscalização ativa e diária, o EPI pode virar somente um item entregue e não uma barreira real de proteção. Quando o uso do colaborador não é cobrado diariamente e o EPI também não é utilizado como exemplo para os demais colaboradores, o

trabalhador tende a minimizar esse risco até que um acidente aconteça. A ausência dos EPIs básicos transforma situações que vemos como previsíveis em casos graves e muitas vezes com consequências permanentes. Em muitas ocasiões, o acidente até poderia ocorrer, mas o dano seria menor se o equipamento de proteção estivesse sendo usado e usado corretamente”, explica o operário.

Além de incentivar a utilização de EPIs, também é preciso instruir como utilizá-los. Caso contrário, o perigo continua, ao lado de uma falsa sensação de segurança. “O uso inadequado do EPI pode e é tão perigoso quanto não usá-los. Um capacete mal ajustado vai se soltar na hora do impacto. Um respirador, se estiver sem a vedação, não vai

filtrar os contaminantes presentes naquela atividade. Um cinto de segurança mal ancorado não protege uma queda”, aponta.

Na experiência de Sâmela, a construção civil, a indústria e os serviços de manutenção apresentam a maior incidência de acidentes, devido ao contato constante com agentes de risco. Obras e edifica-

ções, por exemplo, concentram registros de quedas de altura, cortes, choques elétricos e prejuízos relativos à exposição excessiva a ruído e poeira. Nessas circunstâncias, usar corretamente os equipamentos, respeitar os procedimentos e comunicar os problemas encontrados preservam a vida de toda a equipe.

“Ainda é muito comum ver segurança do trabalho como um custo, como um gasto desnecessário, e na verdade não é. Mapear riscos, fornecer os EPIs adequados, treinar de forma contínua e fiscalizar o uso no dia a dia é o ideal. E a segurança não pode ser apenas um documento. Quando a empresa e o trabalhador assumem a segurança como valor, o acidente deixa de ser normal e se torna inaceitável, passando a ser parte da cultura da empresa trabalhar de forma segura”, finaliza.

Como denunciar

De maneira imediata, a ausência de EPIs, assim como quaisquer infrações à segurança no ambiente de trabalho, devem ser comunicadas ao próprio empregador. Se não houver regularização, o recomendado é entrar em contato com os órgãos de fiscalização, a exemplo do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), do MPT-PB e do sindicato da categoria, para deflagrar os procedimentos de investigação e correção da falha empresarial.

Na capital, a sede do MPT-PB está localizada na Rua Almirante Barroso, nº 234, no Centro, e atende o público das 8h30 às 15h30. Pela internet, o órgão disponibiliza o portal de petição pr13.mpt.mp.br/denuncia para o relato de denúncias. Já o MTE pode ser acionado por meio do Disque 158, ativo de segunda-feira a sábado, das 7h às 22h, e pelo site denuncia.sit.trabalho.gov.br.

Principais tipos de EPIs e suas funções:

- Proteção da Cabeça: capacetes (contra quedas de objetos, impactos)
- Proteção dos Olhos/Face: óculos de proteção, protetor facial, máscaras de solda (contra partículas, químicos, radiação)
- Proteção Respiratória: máscaras e respiradores (contra poeiras, fumos, gases, vapores)
- Proteção das Mãos: luvas (contra cortes, queimaduras, químicos)
- Proteção dos Pés: botas e calçados de segurança (contra quedas de objetos, impactos, perfurações)
- Proteção do Corpo: aventais, macacões, capas (contra químicos, respingos)
- Proteção Auditiva: protetores auriculares (contra ruído excessivo)
- Proteção contra Quedas: cintos de segurança (para trabalho em altura)



MOBILIDADE

# Passeios sem padrão limitam o ir e vir

*Calçadas irregulares e sem acessibilidade colocam pedestres em risco e expõem falhas no planejamento urbano de JP*

Carolina Oliveira  
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Ir e vir em João Pessoa pode ser uma tarefa desafiadora, principalmente quando se deseja caminhar pelas calçadas e passeios públicos. Para transitar na avenida Beaurepaire Rohan, no Varadouro, Maria de Fátima Alves, que mora na região, precisa andar atentamente pelas partes íngremes da via, onde alguns trechos da calçada chegam a ser completamente inacessíveis. “A gente não consegue caminhar nas calçadas. tem que ir para o asfalto, arriscando a própria vida. As calçadas não dão segurança nem estabilidade, só nos resta tentar desviar, ao mesmo tempo que evitamos os carros”, conta.

Aos 63 anos, Maria de Fátima convive com dificuldades cotidianas para acessar de modo seguro e eficaz os lugares que frequenta. Ela relata, também, que observa outras pessoas, principalmente idosas, nessa condição. “Um dia cheguei a evitar, com esforço, que uma senhora caísse. Isso aconteceu porque o espaço em que ela ia descer estava ocupado. O lixo, os buracos, uma calçada diferente da outra: não era para ser assim, mas infelizmente é. Uma pessoa de 70, 80 anos não consegue ficar segura onde está caminhando”, opina.

Em grande parte das calçadas do município são recorrentes situações como desníveis abruptos entre lotes, rampas de acesso veicular que invadem integralmente a faixa de



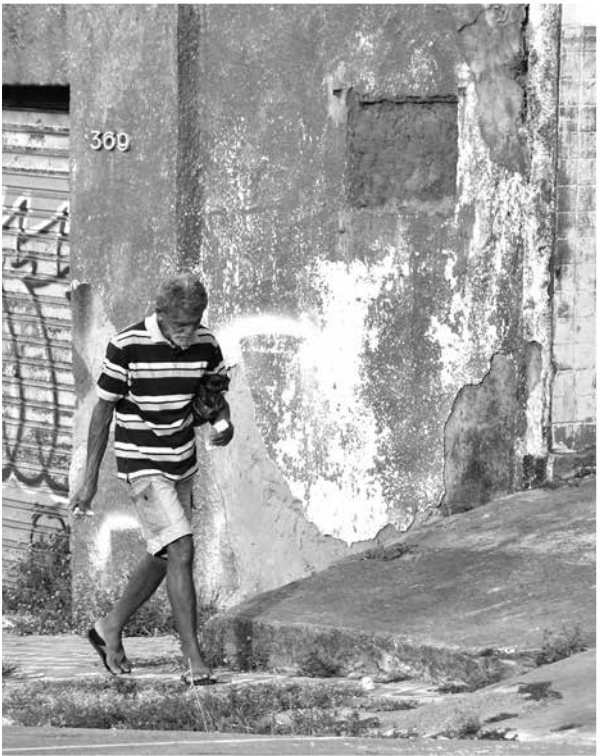
Desníveis abruptos colocam população em risco ao caminhar

circulação de pedestres, ausência de travessias acessíveis e de rebaixamentos de guias, insuficiência na largura para circulação segura e autônoma, além da implantação desordenada de mobiliário urbano.

Especialista em acessibilidade, o arquiteto e urbanista Eduardo Almeida contextualiza que os principais problemas observados nas calçadas da capital estão relacionados, sobretudo, a questões estruturais de planejamento urbano e de priorização inadequada dos modos de deslocamento. “O fato de se tratar de uma cidade com mais de 400 anos impõe desafios específicos, especialmente em áreas históricas, mas não pode ser um impedi-

tivo para a qualificação do espaço público”, avalia.

Eduardo esclarece que, nas últimas décadas, o crescimento populacional do município não foi acompanhado por uma política de mobilidade urbana capaz de priorizar o deslocamento pedonal, o que se reflete na baixa qualidade das calçadas. “A priorização do transporte individual motorizado tem orientado as intervenções no espaço público, em sua maioria voltadas ao alargamento de vias e à implantação de estruturas viárias, reduzindo as calçadas ao eliminar trechos mais generosos e criar barreiras físicas que dificultam ou inviabilizam o deslocamento a pé”, explica Almeida.



Idosos fazem parte do público mais afetado pelo problema

À frente da Secretaria de Planejamento de João Pessoa (Seplan), Ayrton Lins Falcão Filho reconhece que, atualmente, João Pessoa ainda acumu-

la um número significativo de calçadas sem acessibilidade. “Estamos buscando reduzir esse déficit com a pavimentação completa das ruas que não

estão contempladas, executando igualmente suas calçadas”.

De acordo com o secretário de planejamento, a gestão municipal, por meio do programa Minha Rua Calçada, já realizou a pavimentação de mais de mil vias da cidade, incluindo ruas e calçadas padronizadas. “O objetivo das ações em curso é conseguir que João Pessoa tenha 100% de suas ruas pavimentadas”, afirma Ayrton.

Com o programa, liderado pela Secretaria de Infraestrutura (Seinfra), a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMPJ) efetua a pavimentação completa das vias, o que inclui a execução de calçadas padronizadas e acessíveis. “A atual prioridade é atingir 100% das ruas; dessa forma, a padronização em áreas já urbanizadas, cujas ruas já possuem calçamento ou asfalto, deve ocorrer também a partir de ações dos proprietários”, conta o secretário.

Disponível no *site* da PMJP, uma cartilha formulada em parceria com o Laboratório de Acessibilidade (Lacesse) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), informa as diretrizes, orientações e especificações para a adequação das calçadas. “Entendemos que a acessibilidade é vital para a mobilidade urbana e a inclusão social. Trata-se de algo que não é uma responsabilidade exclusiva da gestão pública, mas um compromisso que deve envolver também as empresas, as instituições e a sociedade”, destaca Ayrton Lins.

## Inadequações nas vias violam direitos e resultam em exclusão

Idealizador da primeira cartilha para calçadas acessíveis de João Pessoa, Eduardo Almeida destaca que a discussão sobre calçadas e acessibilidade diz respeito à circulação de pessoas em sentido amplo, e ter calçadas qualificadas é um elemento essencial para a mobilidade urbana inclusiva, não apenas para as pessoas com deficiência (PcD) — aproximadamente 8% da população, percentual que por si só já é expressivo —, mas para todos os usuários do espaço urbano.

As inadequações e a ausência de acessibilidade resultam diretamente em exclusão, violam o direito fundamental de ir e vir, garantido pela Constituição Federal, e comprometem a autonomia individual assegurada pela Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015. “Ao não garantir condições mínimas de circulação, o espaço público deixa de cumprir sua função social e restringe o acesso a direitos básicos, como trabalho, saúde, educação e serviços urbanos”, asseverou o arquiteto.

Sem a garantia de acessibilidade nas calçadas, as pessoas em cadeiras de rodas, por exemplo, enfrentam barreiras físicas evidentes, como a ausência de rebaixamentos de calçadas, desníveis, e inclinações inadequadas, que inviabilizam a travessia de vias e a continuidade dos percursos. “Já as pes-

soas com deficiência visual são afetadas pela inexistência de faixas livres de circulação, de referências táteis, e pela ocupação irregular das calçadas por postes, lixeiras, ou elementos privados, que elevam o risco de colisões e acidentes”, destaca.

Idosos e pessoas com mobilidade reduzida, mais vulneráveis a quedas, dependem de percursos regulares, estáveis e desobstruídos. “Pais com carrinhos de bebê, turistas com malas de rodinhas e pessoas com limitações temporárias também enfrentam dificuldades equivalentes”, completa Eduardo.

### Atribuição mútua

A responsabilidade pela construção e manutenção das calçadas no Brasil é compartilhada entre o Poder Público e os proprietários dos imóveis, o que constitui um dos principais desafios para a qualificação desses espaços. De modo geral, cabe ao município definir os parâmetros urbanísticos, dimensionais e técnicos das calçadas, enquanto aos proprietários compete a execução, manutenção e conservação do passeio público em frente aos seus lotes.

O compartilhamento de responsabilidades gera conflitos recorrentes. “Parte dos proprietários se apropriam indevidamente da calçada, realizando intervenções sem respaldo técnico ou legal, enquanto outros se eximem de

qualquer responsabilidade sob o argumento de que o espaço é público. Em João Pessoa, observa-se a tentativa do Poder Público de promover a padronização, mas esse processo enfrenta resistência, especialmente em imóveis que utilizam o passeio público de forma irregular, e que deveriam passar por adequações”, avalia o especialista.

Há também desafios institucionais na gestão e execução das obras. “Mesmo quando os projetos são elaborados em conformidade com as normas, é comum que as empresas executoras não capacitem adequadamente seus técnicos, resultando em obras executadas fora dos padrões estabelecidos”. Eduardo ressalta que a atuação dos órgãos de fiscalização e controle, como Tribunais de Contas, Ministério Público e conselhos profissionais, é fundamental para assegurar o cumprimento das normas, a correta aplicação dos recursos públicos e a qualificação do espaço urbano.

A fiscalização ocorre, principalmente, nos processos formais de licenciamento, como a emissão de alvarás de funcionamento e de Habite-se, e as medidas decorrentes dessas ações podem variar desde a aplicação de multas até o embargo de obras, a suspensão de alvarás de funcionamento e a responsabilização técnica dos profissionais envolvidos em projetos ou execuções em

desacordo com as normas.

Um fator determinante para a ampliação da eficácia da fiscalização é a mobilização social. “De modo geral, a população manifesta insatisfação, mas formaliza poucas denúncias, o que reduz a capacidade de atuação dos órgãos competentes”. Eduardo destaca que a provocação institucional, por meio de denúncias junto à prefeitura, ao Ministério Público e, quando pertinente, a outros órgãos como o Procon, é fundamental para desencadear ações fiscalizatórias.

O Código de Trânsito Brasileiro (CTB) define calçada como a “parte da via, normalmente segregada e em nível diferente, não destinada à circulação de veículos, reservada ao trânsito de pedestres e, quando possível, à implantação de mobiliário urbano, sinalização, vegetação e outros elementos”. O especialista explica ainda, que “para que o sistema viário funcione de forma eficiente, todas as suas partes, incluindo as calçadas, devem estar adequadamente dimensionadas, qualificadas e compatíveis com sua função principal”.

A garantia desses padrões ocorre por meio da adoção de instrumentos técnicos e normativos como a norma técnica específica para a construção de calçadas, existente desde 1990, a ABNT NBR 12255, e a ABNT NBR 9050, referência em acessibilidade, e atualizada em 2020. Por

si só, esses padrões não atendem plenamente a todas as pessoas. “As normas técnicas devem ser compreendidas como parâmetros mínimos obrigatórios para possibilitar o uso dos espaços, especialmente no que se refere à segurança e à acessibilidade. Seu cumprimento representa o patamar mínimo aceitável de qualidade do ambiente construído”.

O atendimento mais amplo e inclusivo ocorre quando o projeto extrapola o atendimento normativo e passa a incorporar a criação de espaços utilizáveis, de forma equitativa e intuitiva. “Esse avanço, no entanto, ainda representa um desafio significativo, uma vez que, na prática, o cumprimento do básico que é a observância das normas técnicas vigentes ainda não é plenamente alcançado em grande parte das cidades”, pontua Eduardo.

■ **Pessoas com deficiência precisam superar verdadeiros obstáculos para se locomover no espaço público**

### Conforto e segurança

O urbanista Flávio Tavares destaca a necessidade e a relevância de se investir na melhoria das calçadas na capital. “São muito importantes, mas seguem sendo pouco vistos, investimentos para a construção de novas calçadas, ou reforma das calçadas. É fato que houve um avanço nos últimos, em função das legislações nacionais, também da indução que o Governo Federal tem feito, a partir dos investimentos, quando vem o recurso, especialmente do Ministério das Cidades, por exemplo, se condiciona que essa pavimentação signifique também a execução das calçadas”, avalia o urbanista.

Diretor de Regularização, Urbanização Integrada e Qualificação de Territórios Periféricos da Secretaria Nacional de Periferias no Ministério das Cidades, Flávio aponta que, além de priorizar a padronização e a acessibilidade desse ambiente destinado aos pedestres, é importante promover o conforto. “Ter arborização adequada, bancos para descansar, lixeiras, enfim, um ambiente convidativo aos pedestres. Devemos cobrar dos governantes e parlamentares que priorizem esse tema, para que a população caminhe mais, use mais o espaço público. Isso gera mais segurança: com mais gente na rua, temos uma cidade vibrante, um ambiente mais agradável e culturalmente vivo”, defende Flávio.



SERVIÇOS TURÍSTICOS

# Janeiro é campeão em reclamações

Volume de denúncias sobre problemas com hospedagem e pacotes de viagem é destaque em relatório anual do estado

Marcelo Lima  
macerlolimanatal@yahoo.com

Das 307 reclamações relacionadas a serviços turísticos registradas pela Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor do Estado da Paraíba (Procon-PB), em 2025, 48 foram em janeiro. O primeiro mês do ano passado lidera o número de protocolos desse tipo de reclamação junto ao órgão, no período, seguido por junho.

A maior porção das denúncias concentradas em janeiro refere-se a falhas na hospedagem, cancelamentos por parte de estabelecimentos turísticos, dificuldades ou negativas de reembolso, pacotes turísticos não cumpridos, conflito de responsabilidade entre fornecedores e práticas abusivas.

Conforme o relatório estatístico anual divulgado pelo Procon-PB, os estabelecimentos denunciados são plataformas digitais de intermediação de hospedagem — como Booking.com e Hotel Urbano —, hotéis, agências de viagens, empresas de venda de pacotes turísticos e empresas de oferta de *vouchers* ou de certificados de hospedagem.

A empresária Mariana Fôlego passou por um “*combo*” dessas situações indesejadas em sua primeira viagem a João Pessoa. Para dar um tempo na rotina de mais de 300 dias de trabalho por ano na cidade onde mora, São Paulo (SP), ela

agendou cinco dias de férias na capital paraibana, ao lado do namorado. Mas, em vez de suspender preocupações e problemas, o casal ganhou

uma dor de cabeça ao chegar ao destino: sua hospedagem estava em condições completamente diferentes daquelas indicadas na plataforma *on-line*

em que fez a reserva. “Nas fotos, tinha um banheiro com *box* bonitinho, e o anúncio falava que tinha ar-condicionado também. Quando a gente

chegou, viu que os aparelhos de ar-condicionado eram velhos e o banheiro não era igual ao da foto, era bem precário. O pior de tudo: as camas não

tinham colchão. Eram camas *box* conjugadas, de madeira e com um colchonete por cima. Tinha mofo e infiltração”, descreveu Mariana, acrescentando que o vaso sanitário do local vazava quando a descarga era acionada e o chuveiro não esquentava a água.

O casal conseguiu trocar de quarto e, posteriormente, ainda foi realocado para outra pousada, visto que o proprietário responsável possui mais de um meio de hospedagem na capital. “[A realocação] resolveu parcialmente [os problemas]. Também não tinha colchão no novo quarto e a gente teve que pegar um de outro aposento. O banheiro é melhor, mas ainda é bem sujo. O chuveiro não esquentava, mas melhorou [em relação ao anterior]”, relatou a turista.

Mariana e o namorado acabaram desembolsando R\$ 2.800 por cinco diárias em João Pessoa — uma estadia frustrada por transtornos, atendimento rude e cobranças em desacordo com a política da plataforma de hospedagem, segundo alegou a empresária. “Estragou totalmente a experiência da cidade. A gente estava, primeiro, em Pipa [no Rio Grande do Norte], e lá foi tudo ótimo. Desde que cheguei aqui [em João Pessoa], só tenho ficado chateada. A cidade é linda e tudo mais, mas dá um desânimo”, desabafou Mariana, em sua primeira vez no lugar onde o Sol nasce primeiro na América.

## Avaliações na internet podem ser parâmetro

Apesar de utilizarem costumeiramente plataformas *on-line* para fazer reservas de hospedagem, Mariana Fôlego e o namorado nunca haviam passado por uma situação como a que vivenciaram em João Pessoa. No entanto, checar as avaliações deixadas, em outros *sites* da *internet*, por clientes da pousada onde ficaram, inicialmente, poderia tê-los feito pensar duas vezes antes de fechar o negócio.

No Google Maps, por exemplo, o estabelecimento em questão acumula uma série de comentários críticos dos hóspedes. Muitos qualificam a pousada com apenas uma estrela — sendo possível dar até cinco, o que representa máxima satisfação com os serviços — e descrevem problemas semelhantes aos que a empresária enfrentou.

“Tinha um vazamento no quarto. O banheiro não tinha tranca e, para dar descarga, [eu] tinha que enfiar a mão dentro da acopla”, escreveu uma hóspede, ainda no ano passado. “Não se hospede nesse lugar! O dono rasgou o Código [de Defesa] do Consumidor [CDC] e só me tratou como me tratou por eu ser mulher e estar sozinha”, completou a usuária.

Mariana planejou a viagem em setembro de 2025 e poderia ter visto essa e outras avaliações públicas sobre a pousada escolhida na capital. “Eu realmente não vi, acabei olhando as reclamações só agora, mas é terrível”, declarou a turista.

## Órgão também recomenda registro de caso em BO

A denúncia de práticas abusivas cometidas por serviços turísticos deve ser registrada tanto no Procon-PB como nas delegacias de polícia, caso a situação configurar-se crime. Isso é o que orienta o procurador jurídico e superintendente interino da autarquia estadual, Samuel Carneiro.

“A gente pede que a população registre [denúncias junto ao Procon-PB], porque há muitos casos subnotificados. Muita gente conhece alguém que foi vítima, mas ninguém registra. A gente também pede que o consumidor faça o registro em Boletim de Ocorrência [BO], para que as autoridades policiais tomem conhecimento dos fatos, possam obter um quantitativo [dos casos], fazer um levantamento, investigar e responsabilizar pessoas”, enfatizou Samuel.

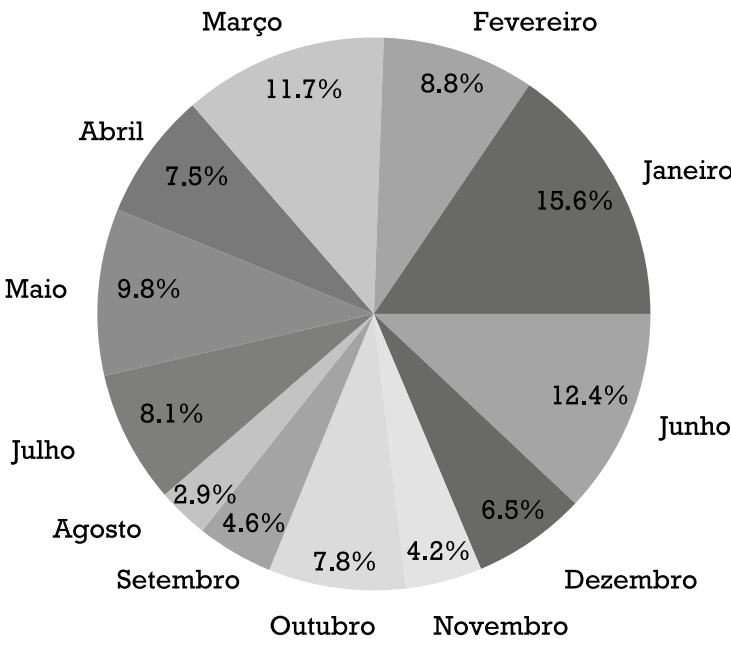
Nos casos de reservas feitas por meio de *sites* especializados, os problemas ocorridos na relação com os meios de hospedagem ou com os locadores (em situações de aluguel por temporada) também devem ser resolvidos pelas plataformas digitais. “A linha de defesa dessas plataformas é que elas não têm responsabilidade, porque fazem somente a intermediação. Mas isso contradiz totalmente o Código de Defesa do Consumidor, tendo em vista que elas fazem parte da cadeia de consumo e a responsabilidade delas é solidária”, explicou o superintendente interino do Procon-PB.

■ Quanto a locações por temporada, a orientação é buscar referências sobre o serviço e guardar comprovantes

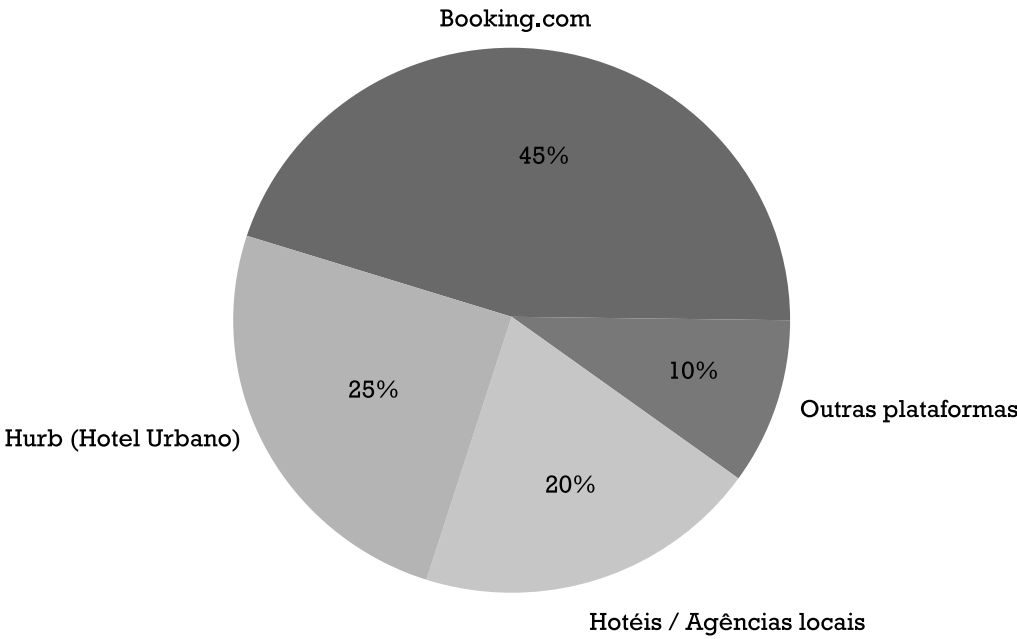
Especificamente quando se trata de uma locação por temporada, Samuel aconselha que o consumidor busque um agente de viagens ou um corretor de imóveis, com registro profissional, para atestar a existência do imóvel e verificar as condições do local, mediante uma visita. “Também se deve guardar todos os comprovantes de pagamentos [relativos ao aluguel]. E, antes de fazer a locação, deve-se perguntar a algum conhecido que já alugou, buscar referências [sobre o serviço]”, completou o procurador jurídico.

A equipe de reportagem do jornal **A União** entrou em contato com o presidente da Associação Brasileira de Locação por Temporada (ABLT) para saber como a entidade orienta os associados em caso de mau uso de plataformas e sobre a necessidade de regulação do mercado. Até o fechamento desta edição, contudo, o representante do setor não havia enviado resposta.

### Reclamações por mês



### Reclamações por plataforma



Balanco de 2025 aponta, ainda, as plataformas que concentram a maior parte das denúncias



O Procon-PB recebeu relatos sobre falhas em acomodação, reembolsos e cancelamentos

Arte: Bruno Chiossi

Gráficos: Bruno Chiossi



CINECLUBE DA CAPITAL

# O Homem de Areia celebra 10 anos

Fundada em 2015, na sede da FCJA, iniciativa reúne cinéfilos e especialistas para exibições de filmes e debates

Fátima Farias  
Especial para A União

Uma década é, exatamente, o período de tempo que abrange o surgimento, a implementação e a consolidação de um destacado projeto cultural: o Cineclube O Homem de Areia, da Fundação Casa de José Américo (FCJA) — instituição situada à Avenida Cabo Branco, nº 3.336, em João Pessoa.

A data de estreia do cineclube foi o dia 10 de junho de 2015, com a exibição do filme “Relatos Selvagens”, uma produção argentina de Damián Szifron. Desde então, foram exibidos cerca de 130 filmes no espaço da FCJA, com bandeiras de diversos países. As sessões, gratuitas, continuam ocorrendo nas primeiras quartas-feiras do mês. Após cada exibição, há sempre um momento para comentários, seguido de debate sobre o filme, com a participação de convidados — sejam críticos de cinema ou especialistas no tema abordado na obra. Atualmente, as sessões vêm acontecendo, excepcionalmente, no Sesc Cabo Branco, enquanto o Auditório Juarez da Gama Batista, da FCJA, passa por reparos em sua estrutura.

Sobre a importância do papel do Cineclube O Homem de Areia na comunidade local, o presidente



Foto: Divulgação/FCJA

Atualmente, as sessões vêm acontecendo no Sesc Cabo Branco, enquanto o auditório da FCJA passa por reparos

da FCJA, o jornalista Fernando Moura, definiu: “[O cineclube é um] ambiente de resistência cinéfila, em embate desproporcional da telona contra a telinha. Espaço de vivências e troca de impressões, mantendo as melhores tradições na análise de cinema, arte que sempre encantou os paraibanos”.

Origens

A ideia de criação do cineclube partiu do então presidente da FCJA, o professor Damião Cavalcanti, que contava com a en-

tão vice-presidente Rejane Ventura na coordenação da iniciativa. Ele revela que, desde os tempos de sua adolescência, participa de cineclubes, nos quais conviveu com nomes como Linduarte Noronha, Wills Leal e Carlos Aranha. “Era um período de muito interesse pelo cinema, ao que contribuíam críticos e cineastas, como os jornalistas Jurandy Moura e Antônio Barreto Neto. Havia uma efervescência da juventude que se concentrava todas as quintas-feiras, no Cine Municipal, para um filme de arte”,

relembra o professor.

Damião lamenta que o cineclubismo tenha perdido fôlego, no Brasil, depois de 1964. Por isso, vindo desses tempos, o professor pensou em revivê-los e promover, na FCJA, o retorno do movimento. Também partiu dele nomear o cineclube como “O Homem de Areia”. “Foi para homenagear o amigo de Itabaiana, Vladimir Carvalho, diretor e realizador do filme ‘O Homem de Areia’, mas, sobretudo, porque José Américo de Almeida é protagonista desse filme e figura central

da fundação”, justificou.

Ao longo dos últimos 10 anos, o espaço exibiu obras de gêneros variados, destacando-se por aspectos como arte, linguagem e enredo. “Filmes, às vezes, já esquecidos, fora da onda comercial, mas que se impuseram como obras de arte, mesmo longe dos festivais de Hollywood ou da indústria do cinema. Um bom cineclube não deixa que os bons diretores sejam esquecidos, tampouco seus filmes”, destaca Damião.

Para a instalação do Cineclube O Homem de



É um espaço de vivências e troca de impressões, mantendo as melhores tradições na análise de cinema

Fernando Moura

## Curadoria combina rigor, sensibilidade e espírito democrático

Na criação do cineclube, também surgiu a ideia de compor um conselho diretor, com 12 membros, formado por intelectuais com conhecimento sobre quais seriam os filmes de agrado do público, para serem indicados e escolhidos por meio de uma votação.

Para integrar o grupo inicial, Damião Ramos convocou algumas das vozes mais atuantes da crítica e da cinéfilia pessoense. Entre os primeiros conselheiros, estavam Wills Leal, escritor, crítico de cinema e fundador da Academia Paraibana de Cinema (APC); Mirabeau Dias, pesquisador e ensaísta ligado à história do cinema; João Batista de Bri-

to, escritor e crítico de cinema; e Alex Santos, cinéfilo e divulgador da produção cinematográfica brasileira e internacional. Junto a eles, outros estudiosos, professores e frequentadores históricos de cineclubes colaboraram na formação de uma curadoria que une rigor, sensibilidade e espírito democrático.

“O Cineclube O Homem de Areia representa uma das iniciativas mais duradouras e significativas na formação cinematográfica da Paraíba. Sua criação nasceu de uma visão clara: oferecer à cidade de João Pessoa um espaço permanente de encontro entre cinema, literatura, memória e crítica cultural. Em

um ambiente marcado pela paisagem de Cabo Branco e pela herança intelectual de José Américo de Almeida, o cineclube transformou-se rapidamente em laboratório de pensamento e difusão do audiovisual”, avalia Mirabeau Dias.

Outro antigo conselheiro, o crítico de cinema Andrès von Dessauer lembra da sessão de estreia, com “Relatos Selvagens”, filme sugerido por ele. “Os seis episódios de humor negro do filme são tão diversificados que acabaram agradando gregos e troianos. Sala lotadíssima, tiveram que colocar cadeiras extras”, conta Andrès, que atua, hoje, como comentarista do cineclube.



Foto: João Pedrosa

Foto: Divulgação/FCJA

Para Mirabeau Dias, projeto sediado em Cabo Branco é um laboratório de difusão do audiovisual

## Encontros educam o olhar e estimulam o pensamento crítico

O Cineclube O Homem de Areia estruturou-se, em 2015, com um princípio que permanece até hoje como sua espinha dorsal: a exibição pública e gratuita de filmes, realizada todos os meses, sem interrupção. Esses encontros mensais transformaram-se na principal atividade do projeto, garantindo ao público pessoense acesso regular a obras fundamentais dos cinemas mundial e brasileiro.

A dinâmica das sessões segue uma estrutura que combina acolhimento, reflexão e diálogo. Antes da projeção, um dos conselheiros ou convidados apresenta o filme, contex-

tualizando sua estética, seu período histórico e suas camadas temáticas. Após a exibição, o auditório da FCJA converte-se em uma arena de conversa: os espectadores comentam, interpretam e atravessam juntos a obra recém-vista. Essa troca, livre e sensível, é talvez o maior valor do cineclube. Ali, o cinema deixa de ser mero produto cultural para tornar-se experiência compartilhada.

A curadoria sempre privilegiou a diversidade: ciclos dedicados ao cinema paraibano, retrospectivas de grandes autores, homenagens a movimentos históricos, resgates de filmes raros e, sobretu-

do, a abertura para obras que desafiam o olhar convencional. A formação de público foi — e continua sendo — uma vocação central do Cineclube O Homem de Areia; não se trata apenas de exibir filmes, mas de educar o olhar, aproximar gerações e oferecer uma porta de entrada para o pensamento crítico.

Essa iniciativa, abrigada em uma das instituições culturais mais simbólicas do estado, ampliou o papel da Fundação Casa de José Américo como guardião da memória paraibana. O cineclube não apenas dialoga com essa tradição, mas a renova: faz da FCJA

um território onde literatura, cinema, história e política cruzam-se, reafirmando que a cultura é sempre movimento, areia que o vento reorganiza, maré que retorna.

Ao longo dos anos, o espaço tornou-se parte indispensável do calendário cultural pessoense. Sua continuidade, seu caráter formativo e sua abertura ao público constituem um legado duradouro: um lugar onde o cinema não apenas é exibido, mas vivenciado. A iniciativa de Damião Ramos, somada ao trabalho dos primeiros conselheiros e à participação fiel do públi-

co, consolidou um espaço que honra o passado, ilumina o presente e prepara novas gerações para olhar, compreender e dialogar com o mundo por meio da imagem.

Para a atriz Zezita Matos, ex-presidente da APC, o cineclube é “mais um ganho para o cinema paraibano”. Ela observa: “As casas de cinema que tínhamos, no Centro e nos bairros, foram todas fechadas e, agora, ficamos com a Fundação como uma saída, para ver filmes que, de fato, fazem questionamentos”.

“Com a ascensão da Sétima Arte e do cinema brasileiro, nos últimos anos, es-

pero que a ideia criada há 10 anos tenha um futuro promissor. Que venham mais e mais bons filmes”, acrescenta a professora e escritora Neide Medeiros Santos, frequentadora assídua do cineclube.

O cineclube ampliou o papel da FCJA como guardião da memória paraibana



## LANÇAMENTO

# Holofote focado nas artistas

*Novo livro é dicionário que desfila mais de 90 mulheres que fizeram e fazem artes visuais na Paraíba*

Esmejoano Lincol  
esmejoanolincol@hotmail.com

A expressão “estar à margem” carrega consigo, de pronto, um sentido negativo de exclusão e de invisibilidade diante de um segmento maior e aparentemente dominante. Mas este não pode ser o único significado atrelado a tais palavras. É justamente nas margens de rios que os biomas e as cidades do mundo florescem e frutificam. O livro que as pesquisadoras Madalena Zaccara e Sabrina Melo lançaram, recentemente, em formato digital navega pelas trajetórias de mais de 90 artistas visuais paraibanas, não somente para dar vazão a esse segmento da nossa cultura, como também para dizer que apesar dos preconceitos elas perseveraram — e produzem. *Mulheres que Resistem nas Margens – Arte e Gênero na Paraíba* ganha, agora, uma versão em formato físico, em pré-venda no site da editora Arribachá por R\$ 80.

A obra remonta a produção artística de mulheres nascidas ou radicadas no estado, a partir do relato de sua trajetória no segmento e com a catalogação, em imagens, de algumas de suas obras. Os 92 perfis reunidos nesse levantamento estão dispostos em verbetes em ordem alfabética e representam gerações diversas — da pioneira Amélia Theorga Alves, passando pelo legado de artistas veteranas, ainda em atividade, a exemplo de Alice Vinagre, Analice Uchôa e Marlene Almeida, desaguando nas jovens Bruxe, Cris Peres e Pri Witch.

Madalena Zaccara e Sabrina Melo são ambas professoras. A primeira é pessoense e acumula 30 anos de carreira, atuando no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (DAAV-UFPE); sua trajetória profissional foi consolidada, a propósito, em Recife. A segunda nasceu em Belo Horizonte (MG) e tem formação em História e em Museologia. Desde de 2019 é vinculada ao Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (DAV-UFPB), onde a pesquisa para o livro foi consolidada.

Detalhando as motivações que cercam essa empreitada, as autoras reforçam que o interesse das duas partiu de outras pesquisas prévias sobre o apagamento das mulheres nas artes visuais que, finalizadas, são ferramentas de resgate dessa memória.

“Em 2017, coordenei atividade semelhante em Pernambuco, incentivada pelo

Funcultura, e em 2021 publiquei mais um livro. Foi o produto de um pós-doutorado realizado em Paris”, detalha Madalena.

O novo livro nasce, por sua vez, de um estudo de três anos sobre o segmento feminino das artes na Paraíba. Nesse período, outras ações correlatas foram criadas, desde projetos de extensão à promoção de colóquios como o “Elas nas Artes Visuais da Paraíba”, que está na 11ª edição. “Para a realização do livro, contamos com o apoio de discentes do curso de Artes Visuais, que participaram ativamente dessa iniciativa, contribuindo para o levantamento de dados, organização de acervos e reflexão crítica que fundamentam a obra”, aponta Sabrina.

A primeira versão da obra, em formato digital, veio a público no fim do ano passado. Além do texto introdutório assinado por Madalena e Sabrina, *Mulheres que Resistem nas Margens* conta com prefácios de docentes como Patrícia Fogelman, da Universidad Nacional de Tres de Febrero (Untref), na Ar-

gentina. O e-book pode ser acessado na página do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV-UFPB/UFPE). “Na versão em papel, tivemos os limites do patrocínio e as imagens são em preto e branco”, informa Madalena.

## Pensando o futuro

Esmiuchando seus processos, as autoras atestam sua maior dificuldade: a falta de informações, sobretudo no tocante às gerações mais antigas. Os arcaísmos a que tiveram acesso concentram-se nos homens, fato recorrente em outros lugares do Brasil e do mundo.

“Quando falamos de uma história da arte com recorte de gênero na Paraíba, enfrentamos uma dupla exclusão: de gênero e de região. Um

exemplo foi o levantamento realizado na Pinacoteca da UFPB: só 7,6% das obras reunidas lá eram de autoras mulheres”, revela Sabrina.

Conforme a história era recontada por meio dessa investigação, detalhes esquecidos ou pouco mencionados sobre artistas paraibanas vieram à tona. Dentre os casos mais surpreendentes está o de uma mamanguapense, com forte atuação no início do século 20.

“Saber da existência de um ateliê para ensino da pintura, em João Pessoa, sob o comando de alguém que foi tão importante para o cenário da época é fascinante. É o caso de Amélia Theorga, uma das

artistas paraibanas mais marcantes de sua geração”, destaca Madalena.

Outras informações versam sobre a contundência da produção de desbravadoras como Helle Bessa, natural do município de Esperança. Uma porção relevante de seu acervo foi doada à Pinacoteca da UFPB.

Marlene Almeida, nascida em Bananeiras, é outra expoente na área. “Ela mantém ateliê ativo desde os anos 1970 e desenvolve pesquisa sobre pigmentos e aglutinantes naturais, utilizando a terra como matéria de trabalho em pinturas, esculturas e instalações, articulando práticas artísticas e questões ambientais”, compartilha Sabrina.

Explorando os motivos que precipitam o lugar “à margem”, que dá título ao livro, Madalena e Sabrina assentam que o preconceito é a razão principal da exclusão que persiste, mesmo que

este atinja um segmento pretensamente mais livre, como artes visuais.

“O estar ‘mais livre’ é relativo. Apesar das conquistas, a mulher ainda enfrenta diferenças profissionais e existenciais no aqui e agora. Mais espaço de atuação em alguns países. Quase nenhum em outras culturas. Ainda estamos nas margens e delas fazemos história”, analisa Madalena.

O trabalho das autoras e dos demais pesquisadores não se encerra nesta obra, já publicada: continua por meio de investigações documentais, entrevistas e de um formulário digital, disponibilizado no perfil @mulheresartistasnapb, no Instagram.

“A desigualdade é evidente. Os dados tendem a ser muito mais fragmentados e difíceis de acessar e isto está ligado a barreiras estruturais históricas que limitaram o acesso das mulheres a condições básicas para a criação e para a legitimação de suas obras”, justifica Sabrina.

Apostando na dinamicidade dos processos históricos e nas tensões positivas entre narrativas, Madalena Zaccara responde que é possível mudar esse cenário. Em trabalho recente, a estudiosa inglesa Katy Hessel questiona, por exemplo, o fato de *A História da Arte*, de Ernst Gombrich (um dos livros mais vendidos do mundo desde 1950), não elencar nenhuma artista mulher.

“O conhecimento se aprofunda no campo artístico também. *Mulheres que Resistem nas Margens* emerge como uma fonte para que outros pesquisadores aprofundem seu conhecimento”, resume Madalena.

Sabrina Melo, por sua vez, ressalta que essa jornada não será espontânea nem linear e que deverá ser acompanhada de políticas públicas que garantam a visibilidade das artistas em atividade e a preservação de sua memória. A academia também tem papel importante na consolidação de referências na área, junto aos estudantes.

“Pensar um futuro mais representativo implica compreender a história da arte como um campo em revisão, atento às assimetrias de gênero, raça, classe e território. Trata-se menos de ‘incluir’ mulheres em um sistema dado e mais de questionar as estruturas que produzem exclusão”, conclui Sabrina.



Analice Uchoa (1), Cybele Dantas (2), Cris Peres (3), Cristina Strapação (4) e Marlene Almeida (5) mostram a força da arte feminina atual enquanto Amélia Theorga (6) é um dos resgates do livro



Artigo

Estevam Dedalus  
Sociólogo | Colaborador

A violência imperial e a hegemonia do dólar

Existe uma ideia filosófica sobre a dominação que pode ser resumida da seguinte forma: “A lei do mais forte é aquela que não precisa ser enunciada”. Um bom exemplo é a figura do pai que garante a obediência do seu filho apenas com o olhar. Ele não necessita bater ou gritar para conseguir o que deseja, seja porque a dominação já foi incorporada psiquicamente pelo filho ou pelo fato do medo da punição condicionar a ação. Em muitos casos, como pensava Michel Foucault, “o poder mais eficaz é aquele que não se apresenta como poder”. Visto como algo natural, portanto, fora da história. Uma realidade independente de nossas vontades, que seríamos incapazes de mudar.

O presidente dos EUA, Donald Trump, declarou numa coletiva de imprensa, após o ataque à Venezuela e o sequestro do presidente Nicolás Maduro e de sua esposa Cilia Flores, que “os Estados Unidos provaram que têm o exército mais poderoso, mais letal, mais sofisticado e mais temível... Ninguém pode nos enfrentar, ninguém...”.

O que para muitos parece uma afirmação óbvia, pode ser entendida como uma expressão da relativa decadência do império americano. Os ianques se veem diante de um cenário histórico no qual a sua hegemonia está ameaçada. Eles enfrentam na China o mais relevante desafio já imposto ao seu domínio desde a Guerra Fria.

Na última década, os principais pilares do imperialismo estadunidense começaram a ser duramente questionados. Com o fim da União Soviética, os EUA apresentavam-se ao mundo como a única potência mundial. O seu poder parecia insuperável, levando-nos a crer que o século 21 se-

ria também de domínio americano. O que muitos ainda não perceberam é que não há nada certo ou inevitável no processo histórico. Em apenas 30 anos, após o fim do socialismo soviético, a China assumiu um inquestionável protagonismo. O país passou a rivalizar com os EUA, ao liderar a corrida tecnológica em vários setores e aumentar exponencialmente o seu poderio militar e econômico. Após consolidar-se como a maior potência industrial da Terra, a China passou atacar o sistema monetário global criando meios que podem, no futuro, soplar a hegemonia do dólar.

É importante lembrar que com o fim do padrão-ouro a moeda estadunidense tornou-se fiduciária, isto é, sem lastro material, gerando um choque de confiança no mercado. A alternativa encontrada pelos EUA para garantir o poder global do dólar foi estabelecer um acordo estratégico com a Arábia Saudita que depois se estenderia à Opep.

Basicamente, todas as vendas de petróleo passaram a ser feitas em dólares. Como o petróleo é um insumo básico para os transportes, a energia, a agricultura e a indústria, os países são forçados a adquirir dólares para manter as suas economias funcionando. Por outro lado, os países produtores ficam obrigados a reinvestir seus excedentes financeiros em títulos do Tesouro americano, em troca de proteção militar.

Nasceu daí o que chamamos de petrodólares, que podemos resumir da seguinte forma: o mundo paga petróleo em dólares, que depois retornam aos EUA para financiar o seu déficit fiscal. O resultado prático é que o Banco Central estadunidense pode imprimir dólares de forma “quase infinita”,

gerando déficits gigantescos, impossíveis de serem feitos por qualquer outro país. É por isso que Trump enxerga na possível perda da hegemonia do dólar um acontecimento equivalente a ser derrotado numa Terceira Guerra Mundial.

Assim os EUA tentam evitar que algo dessa natureza ocorra. O dólar como moeda de referência traz vantagens enormes. Ela permite, por exemplo, a exportação de inflação para o resto do mundo, o financiamento militar e as sanções financeiras impostas a estados e empresas que contrariem os seus interesses.

Historicamente, os líderes políticos e países que tentaram romper com o sistema dos petrodólares sofreram algum tipo de coerção. Foi o caso de Saddam Hussein que acabou morto, enquanto seu país foi destruído depois de passar a vender petróleo em euros; com a Líbia de Gaddafi que propôs uma nova moeda lastreada em ouro; o Irã que busca meios alternativos ao dólar e a Venezuela que vende seu petróleo em yuan (moeda chinesa).

O ataque dos EUA à Venezuela não se restringe à pilhagem imperialista do petróleo, é também uma forma de impedir que esse recurso continue sendo vendido em moeda chinesa, colocando em risco o sistema dos petrodólares. A América Latina é encarada como um pilar da dominação americana. O medo dos EUA fez com que o governo Trump reatualizasse a Doutrina Monroe, que se expressa no lema: “A América para os americanos”. A ideia é neutralizar a China na região reforçando a presença estadunidense, numa tentativa de assegurar o acesso a mercados e a recursos estratégicos.

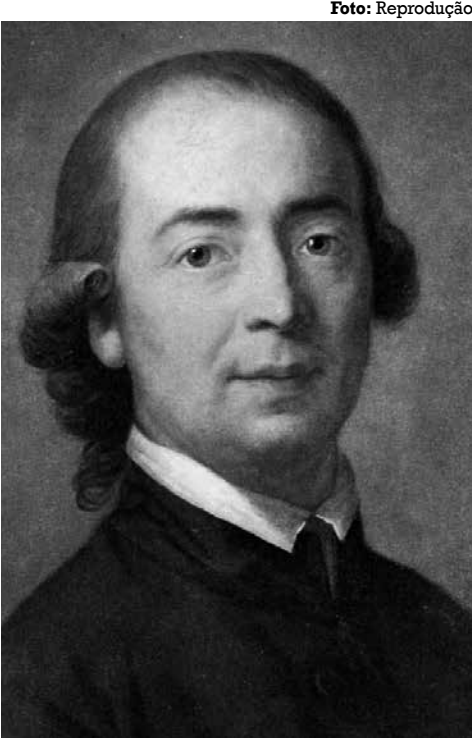
Klebber Maux Dias  
klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Estética da espontaneidade

O *Sturm und Drang* (“tempestade e ímpeto”) foi um movimento literário e artístico alemão que se desenvolveu principalmente entre as décadas de 1760 e 1780, constituindo-se como um importante precursor do Romantismo. Surgido em uma realidade de insatisfação com os cânones estéticos do Neoclassicismo, que expressou uma reação vigorosa contra a primazia da razão, defendendo, em contrapartida, a centralidade da emoção, da subjetividade e da liberdade criadora do indivíduo. Conforme observa o filósofo e escritor alemão Rüdiger Safranski (1945), em seu livro *Romantismo – Uma Questão Alemã*, publicado em 2007, a revolta representou “Uma rebelião estética e existencial contra a domesticação racional do ser humano promovida pelo Iluminismo”.

O movimento surgiu a partir da peça teatral *Sturm und Drang* (1776), escrita pelo dramaturgo alemão Friedrich Maximilian Klingler (1752-1831). A expressão “tempestade e ímpeto” sintetizava o espírito de inquietação, intensidade emocional e ruptura com normas estabelecidas da produção artística do século 18. O termo passou a designar uma atitude estética e filosófica marcada pela exaltação da força vital e da criatividade espontânea. Entre as principais características, destaca-se a valorização radical da subjetividade e da emoção. Os autores desse movimento concebem a experiência individual como fonte de conhecimento e expressão artística, em oposição à objetividade racional. Nesse sentido, a literatura passa a explorar sentimentos extremos, como o amor, o desespero, a angústia e a revolta. O poeta, dramaturgo e estadista alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), em sua obra-prima *Fausto*, publicada em 1808, na primeira parte, aproximadamente nos versos 3455-3458, especificamente durante um diálogo entre Fausto e Margarida, no capítulo conhecido como “Jardim de Marta”, afirma que “o sentimento é tudo”. A partir dessa afirmação, pode-se compreender que tanto a produção quanto a fruição da arte exigem o primado do sentimento. Não é possível produzir nem admirar a arte adotando-se exclusivamente



Herder: “O gênio não aprende regras, as cria”

a razão. Outra característica do movimento é o culto ao gênio criativo, entendido como uma força natural, inata e indomável, que não se submete a regras fixas. O artista é concebido como um criador original, guiado pela intuição, cuja obra nasce da intensidade de sua experiência direta com a natureza. Essa concepção rompe com o ideal neoclássico de imitação e harmonia formal, substituindo-o por uma estética da espontaneidade e da expressividade. O filósofo e escritor alemão Johann Gottfried von Herder (1744-1803), em seu *Diário de Minha Viagem no Ano de 1769*, publicado em 1848, afirma que “o gênio não aprende regras; ele as cria”.

Inspirados pelas teses do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), os autores do movimento veem a natureza como um espaço de verdade autêntica. Para Rousseau, o ser humano é concebido como essencialmente bom, mas corrompido pelas convenções sociais e pelas estruturas de poder. Assim, a aproximação com as pulsões vitais e com a vida natural aparece como um caminho para a liberdade e a autenticidade. No início de seu livro *O Contrato Social*, publicado em 1762, ele afirma que “o homem nasce livre, e por toda

parte encontra-se acorrentado”. Isso significa que as instituições sociais, as leis, os costumes e as desigualdades o aprisionam, corrompendo sua natureza original. A citação é utilizada em teses que tratam da liberdade, da desigualdade social, dos direitos civis e da relação entre indivíduo e sociedade. Esses conflitos estão presentes na arte, que assume um caráter crítico e, por vezes, subversivo, expressando a tensão entre o impulso vital do sujeito e as limitações impostas pelo mundo social.

No processo da construção de uma cultura, o movimento também desempenhava uma função relevante na busca por uma identidade nacional em vários países, especialmente na Alemanha. Em um território ainda fragmentado politicamente, os autores do *Sturm und Drang* valorizavam o próprio idioma, as tradições populares e o passado histórico como elementos constitutivos de uma cultura comum. Herder exerceu uma grande influência nesse processo, ao defender que a identidade de um povo se expressa em sua linguagem, sua poesia e seus mitos. Entre os principais representantes da vanguarda, destaca-se Goethe, cujo romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1774) retrata o conflito entre a sensibilidade exacerbada do protagonista e as convenções sociais, culminando em um desfecho trágico que simboliza o choque entre indivíduo e sociedade. Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805), poeta, filósofo, médico e historiador alemão, contribuiu com peças teatrais como *Os Bandoleiros* (1781), nas quais a revolta contra a autoridade e a busca por justiça e liberdade ocupam lugar central. A revolução “Tempestade e Ímpeto” influencia diversas expressões artísticas ao longo dos séculos.

Sinta-se convidado à audição do 552º. Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 18 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajam.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei algumas peças que tratam do romantismo e do nacionalismo do compositor tcheco Antonín Leopold Dvořák (1841-1904).

Kubitschek  
Pinheiro  
kubipinheiro@yahoo.com.br

Irene, 100 vidas

Irene Dias vai chegar aos cem anos em 2027, mas ela não vem de arrastadas solidões, não, ela vem de uma guerra, de uma chuva ácida e dançou com os deuses da chuva. Eu vi.

Somos poucos, somos muitos, muito pouco, e somos muito mais e não estamos por fora, mas deve haver uma saída na ladeira de São Francisco no gozo do *Itinerário Lírico de João Pessoa*, de Jomard Moares Souto. Irene não veio salvar o mundo e suas incubências.

Não, não estamos falando da cidade João Pessoa, mas de uma pessoa, uma só pessoa que enche o meu palácio, meu paladar, minha revolução, meu sim e meu não, que conheci no fim dos anos 1970.

Convidei a poetisa Irene Dias para o *podcast K pra Nós* e achei que ela não toparia, mas topou, e pensei — Irene é mais que isso, é o sol e ela gera calor e então seguimos a breve existência. Onde vamos parar, Irene?

A primeira vez foi no fim dos anos 1970, ela já mostrava sua morenice, um pedacinho da serra da boa esperança, de onde ilusoriamente vimos e nunca chegamos, mas, com certeza, nós somos, porque Irene é quem não morre nunca. Um transe, uma bailarina no *dancing*, vestida de poesia.

Irene chegou minutos antes de entrarmos no estúdio, e de cara, nosso amor deu certo, gargalhadas sem lágrimas. Na verdade, Irene é imensa.

Irene esquetejou sem dar nomes, os homens que lhe mandavam bilhetes, certos que a mulher é uma ilha particular, mas só ela, a escritora que ultrapassou décadas no pedal, ao escrever poemas eróticos na década de 1970, só ela, só ela, para ter a certeza que vínhamos para acontecer e ainda estamos constelação.

Engrandecidos pela liberdade que se move no claro e no escuro, eu boto a mão no fogo no que nos salta aos olhos. E não estou a tergiversar.

No *podcast* pude ver cada curva da imaginação, com a brisa que o Brasil beija e balança, que o acaso impõe aos nossos olhos infantis de que, uma mulher é mais que uma mulher, mais que mil homens.

Sentada olhando pra mim, o fone na lapela, lembrando-nos de tudo, mão a mão, numa odisseia que só ela poderia sair da tela e voltar para salvar quem ainda vive atolada na mesmice e agora, na hora, tão além, Irene vem, Irene ri, Irene longe da arena dos imbecis.

Irene voraz. Lembro dela e Lua Almeida no cubículo da sala da nossa casa, um janelão verde dando para uma rua sem trânsito, e, em transe, ficávamos todos com a improvisação de um sarau — morro de saudades desse tempo e delicadezas.

Mal me reconheço andando por aí entre novas pessoas, para o fluxo inútil dos milhares de novos poetas e sangro depois, bem depois, que o galo canta.

Irene me faz lembrar o arco, o barco, o entra e sai dos mares, uma atriz, uma sereia, um disco voador, que aprendeu cedo a se multiplicar e eu sou um aprendiz

Somos do século passado, deixamos o naufrago para trás. Somos carne em escotilha, do sentido, das águas, das almas do Sanhaúá. Deus dará, Deus dará. Bora rir, Irene!

Kapetadas

1 – Deu a louca – A literatura brasileira não sofre de falta de talento, mas de excesso de camaradagem.

2 – Por favor, voltem a ler. Voltem. Se um livro for difícil, comprem gibis.



Irene Dias Cavalcanti e o colunista na gravação do podcast

Colunista colaborador



# Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

## Fora da “virtualidade”, um bom cinema

Sempre defendi a boa originalidade do nosso cinema. Não em termos estritamente conservadores, mas de um cinema construído muito mais próximo da realidade em que vivemos. Que abdicasse mais dos recursos da tecnologia “virtualizada” dos dias de hoje — menos “aquilo que poderá acontecer”; mais “aquilo representado e/ou que aconteceu”, realmente. Um cinema feito sob a ótica de uma transcrição histórica, que seja a partir de uma realidade existencial mesma.

Certa vez, no Liceu Paraibano, quando eu proferia uma palestra sobre cinema, a convite da organização do I Encontro de História da Linguagem, promovido pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), uma das alunas da turma 84 me fez a seguinte pergunta: “O que o senhor considera como um verdadeiro cinema, nesse mundo virtual e tecnológico em que nos encontramos?”.

A questão colocada naquele momento pela aluna do curso de História da UVA, também presente no auditório do Liceu, foi mais que oportuna. Respondi, então: realmente, não vivemos um adequado cinema, mutante que está sendo, em grande parte, pela pirotecnia desenfreada de hoje, em razão das facilidades eletroeletrônicas das máquinas e computadores, que substituíram (*sic*) o homem, o mais puro “artesão” da arte-do-filme, na sua capacidade natural de criação, nas diversas formas de arte.



Foto: Divulgação/Dick Clark Prod.

Equipe de “O Agente Secreto” no Globo de Ouro: premiações refletem o bom cinema brasileiro

A propósito, assistindo a filmes como *O Agente Secreto*, de Kleber Mendonça, vejo que a marca do bom cinema ainda prevalece. Isso porque, alguns posicionamentos usados no filme sobre a questão da linguagem, a partir de uma bem cuidada “representação” histórica, existem na obra de Kleber. Razão do seu reconhecimento pela crítica especializada, sucesso de avaliação e premiação pelo mundo afora. Inclusive, ganhador do Globo de Ouro na categoria de Melhor Filme de Língua Não Inglesa, representando o Brasil em recente festival de cinema nos EUA, dando ao ator Wagner Moura também o prêmio

de Melhor Ator/Drama. Detalhe: com presença honrosa e numerosa de atores paraibanos no elenco do filme.

Com sua estreia mundial no Festival de Cannes, em maio deste ano, o filme de Kleber Mendonça só vem somando aplausos por onde passa. O que significa dizer que os recursos financeiros de produções destinados ao filme pelo Poder Público, a partir do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA) da Agência Nacional do Cinema (Ancine) e do Ministério da Cultura, estão sendo bem representados. Que venha agora o tão ansiado Oscar 2026. – Mais “Coisas de Cinema” em: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br).



## Conselho da APC traça metas para 2026

Em sua primeira reunião do ano, na quarta-feira (14) passada, a Academia Paraibana de Cinema contou com a presença de seu conselho-diretor na Unidade Tambaú da Fundação Casa de José Américo, deliberando algumas pautas de programação para 2026. Sobre tudo, a colaboração da APC na indicação de filmes ao cineclube O Homem de Areia, da FCJA, sendo então sugerido para a próxima exibição de fevereiro o filme *A Lira do Delírio*, do fluminense Walter Lima Jr.

## OSCAR

# Jodie Foster diz que indicação a manteve segura

Agência Estado

Jodie Foster afirmou que a indicação ao Oscar recebida ainda na adolescência foi determinante para que ela escapasse de situações mais graves de abuso sexual em Hollywood. Em entrevista ao programa *Fresh Air*, da rádio NPR, a atriz refletiu sobre como o reconhecimento profissional precoce a colocou em uma posição de poder incomum para alguém tão jovem dentro da indústria cinematográfica.

Indicada ao Oscar em 1977, por *Taxi Driver*, no qual interpretou uma adolescente em situação de prostituição, Foster disse que o prestígio conquistado naquele momento a protegeu de experiências que muitas mulheres enfrentaram no ambiente de trabalho.

“Eu realmente tive que analisar isso: como eu fui salva?”, afirmou, ao lembrar do início da carreira.

Segundo a atriz, apesar de ter vivido situações que classificou como “microagressões misóginas”, ela acredita que o poder acumulado ainda na infância foi decisivo para evitar abusos mais graves. “Eu tinha uma certa quantidade de poder quando tinha, tipo, 12 anos. Quando veio a minha primeira indicação ao Oscar, eu já fazia parte de uma categoria diferente de pessoas”, explicou.

Foster ainda relatou acreditar que, naquele contexto, passou a ser vista como alguém “perigosa demais para ser tocada”, já que poderia denunciar comportamentos inadequados e comprometer carreiras dentro da indústria. “Eu poderia ter arruinado a carreira de pessoas ou pedido ajuda. Então eu não estava no alvo”, afirmou.

### Controle emocional

Além do reconhecimento profissional, Jodie Foster avalia que sua forma de lidar com emoções também contribuiu para afastar comportamentos inaceitáveis. A atriz destacou que não expõe sentimentos com facilidade, o que dificultou tentativas de manipulação emocional.

“É muito difícil me manipular emocionalmente, porque eu não opero com as emoções à flor da pele”, pontuou. Para ela, predadores costumam explorar fragilidades, algo mais comum em pessoas jovens, com menos poder e menos recursos para reagir.

### Reconhecimento

Após a indicação por *Taxi Driver*, Jodie Foster consolidou uma trajetória premiada. Ela venceu o Oscar duas vezes: em 1989, por *Acusados*, e em 1992, por *O Silêncio dos Inocentes*.

Na entrevista à NPR, Foster afirmou que a profissão também a ajudou a desen-

volver resiliência emocional.

“Acho que existe uma parte de mim se tornou resiliente por causa do que fiz para viver e do que aprendi para controlar as emoções para interpretar papéis”, concluiu.

Jodie Foster em “Taxi Driver”, no papel que lhe rendeu uma indicação ao Oscar em 1977

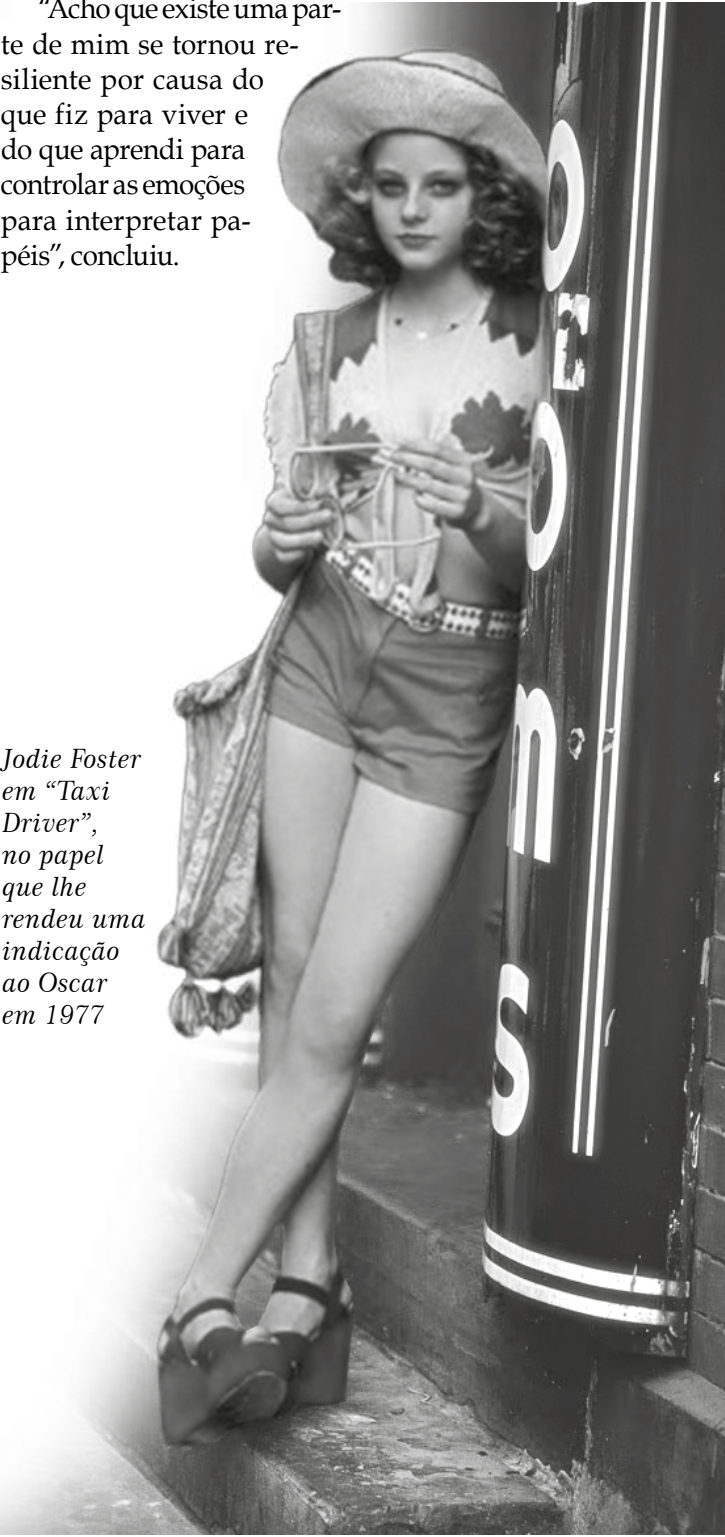


Foto: Divulgação/Sony

# Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

[hildebertopoesia@gmail.com](mailto:hildebertopoesia@gmail.com)

## Um silencioso tecelão de afetos

**P**oesias de Pano (São Paulo: Dialética, 2025) é o livro de estreia na poesia do professor aposentado da UFPB, Cleanto Beltrão de Farias, que conheço desde os idos de 1970, do século passado. Formado em Geografia e em Direito, especialista em Planejamento Urbano e Regional, Cleanto, no entanto, nunca se distanciou dos vocativos da palavra poética em sua longa e maturada experiência pedagógica, como professor e pesquisador.

Na longa apresentação com que introduz a coletânea de seus poemas, conta sua história e, em determinado momento, assinala “que a poética, enquanto arte da versificação, não pode ser compreendida, em sua inteireza, desconsiderando-se a história existencial e as condições materiais que lastreiam a vida do autor”.

Eis um primado teórico que, a princípio, pode ser discutido como qualquer primado teórico no terreno da estética literária. No entanto, observada a organização dos textos no volume e também os percalços existenciais a que se associa o processo criativo, devo inferir que são pertinentes suas razões. Sua poética individual, reunida agora, e à altura de seus 75 anos constitui, sem dúvida, um testemunho lírico de sua trajetória afetiva, perceptual, cognitiva e imaginária.

“Tecelagens do chão e da saudade”, “Tecelagens da paixão”, “Tecelagens do eu profundo” e “Tecelagens das bandeiras solidárias” são os subtítulos que intentam fundir poemas de uma mesma raiz temática. Há, portanto, na dicção de Cleanto Beltrão de Farias, um lirismo de intensa índole confessional, desdobrado em motivos da recordação (palavra-chave da lírica, segundo Emil Staiger), do amor, dos conflitos existenciais e do apelo social e ideológico.

Chamo a atenção do leitor, não obstante a presença do dado afetivo e dos elementos sentimentais, demarcando o tom e a perspectiva dos poemas, para o fato de que a emoção não transborda de seus limites justificáveis, e o eu poético não se cristaliza numa relação linear e simplória com o eu biográfico. Diria mais: tal ocorre porque preside a expressão lírica de Cleanto Beltrão de Farias uma nítida consciência crítica em torno da palavra, na composição cuidada e medida do verso.

A propósito, o substantivo “pano”, do título, e o termo “tecelagens”, dos subtítulos, como que sinalizam já para este traço essencial de sua fatura expressiva. Cleanto revela-se um poeta dos ingredientes emocionais, porém, um poeta que foge ao excesso, que trata os vocábulos, na tessitura dos poemas, sob o imperativo do controle, qual um *fabbro* cioso da melhor palavra no melhor lugar possível; uma palavra que fale ou que silencie, dentro do ritmo adequado às exigências do material poético.

Um poema, como “Chuva”, por exemplo, na faixa do telúrico e da recordação, isto é, a volta do mundo ao coração, ilustra bem o que digo. Vejamos:

“O sol nasceu agora  
comigo,  
com os olhos, cheios d’água.  
A paisagem é o meu espelho,  
a pasta de dentes,  
o inverno.”

A paisagem, a infância, os fenômenos naturais recorrem na vereda de seus versos e forjam a musicalidade de sua poesia, dentro da economia e da contensão. O mesmo se dá com alguns poemas lírico-amorosos, em que o erotismo insinua-se em rigor minimalista. “Nu” é um deles: “Despiu-me/Como um nenê./Deixei-me...”. “Súplica” é outro: “Toca,/roça minha pele,/pelo menos a do braço,/a mais fácil,/a mais próxima,/a menos nua”.

Vejo-me, assim, diante de um poeta que estreia maduro, sobretudo, se me volto para os poemas mais curtos e, pelo menos para mim, melhor realizados. Estreia em livro, uma vez que o autor, ao longo do tempo, veio tecendo os fios lexicais de sua enunciação lírica, lenta e pacientemente, como um silencioso tecelão de afetos.



QUADRINHOS

# Gibi traz quatro histórias do Sertão

*O paraibano Aurélio Filho lança seu novo álbum, no qual Lampião é personagem: Cangaço – Peleja Nordestina*

Esmejoano Lincol  
esmejoanolincol@hotmail.com

Inspirado pela paixão que acalenta pelos quadrinhos desde a infância e pelo interesse que desenvolveu por um dos movimentos político-sociais mais intrigantes do século 20 em nossa região, o artista visual campinense Aurélio Filho lançou recentemente seu novo projeto: *Cangaço – Peleja Nordestina*, produzido pelo selo Sertão HQ, com arte-final de Anilton Freires e John Castelhana. O trabalho com 32 páginas pode ser adquirido por meio do WhatsApp do autor, no telefone (83) 98166-8768.

*Cangaço* reúne quatro histórias independentes, ambientadas no interior nordestino e com muitas cenas de ação: *O Rei de um Olho Só* (sobre a deficiência visual de Lampião), *Salgada Agonia*, *A Vingança do Coiteiro* e *Flor de Mandacaru* – esta última, escrita em versos, sobre a trajetória de Maria

Bonita. “É o meu décimo quadrinho independente. O primeiro foi lançado em 2014 – outra coletânea de histórias com o título *Nan-quim Arretado*, e que depois teve mais três edições”, detalha Aurélio.

Natural de Campina Grande, há 13 anos o artista concilia a trajetória como quadrinista à carreira de policial militar na Paraíba. Apesar de, como autor, explorar com frequência as paisagens e os sujeitos locais, seus primeiros contatos com HQs foram com os heróis da Marvel.

“Só depois vieram os quadrinhos feitos no Brasil. Foi daí que conheci grandes desenhistas, como Mike Deodato, Emir Ribeiro, Mozart Couto, Watson Portela dentre outros, que tornaram-se minhas referências”, recorda.

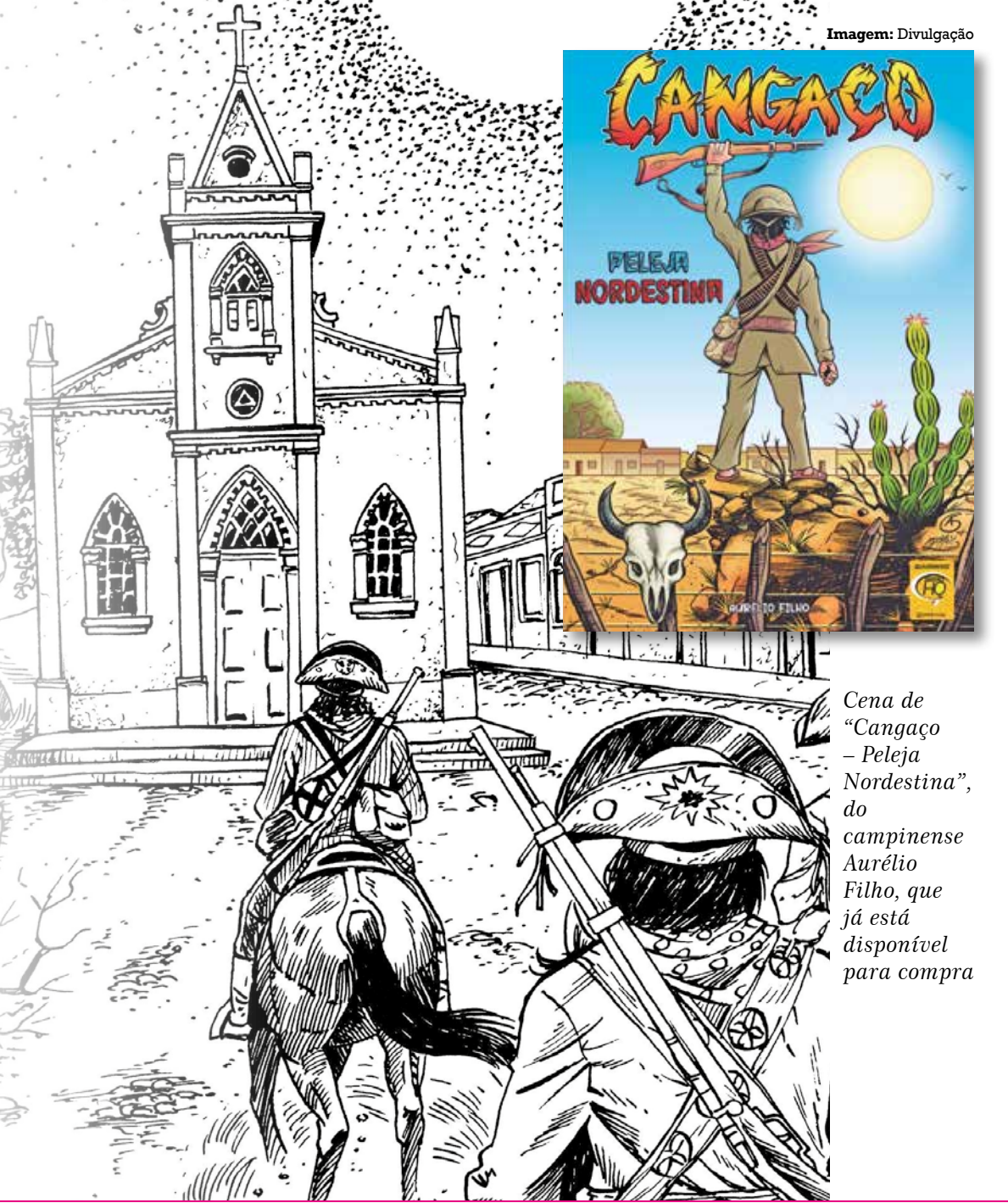
Ele utiliza grafite para os desenhos, que ganham uma finalização posterior. Um dos trabalhos anteriores de Aurélio foi a anto-

logia *Derréis e Zabé da Loca*, que prestou tributos a duas figuras importantes para a nossa cultura.

“São muitos os desafios que enfrentamos como artistas independentes, principalmente no que se refere ao apoio e nos custos para se ter a obra pronta. Acho que a paixão é o que me impulsiona a continuar a fazer quadrinhos independentes”, analisa.

Aurélio Filho é um dos idealizadores do selo Sertão HQ, sob o qual lançou todas as suas obras ilustradas. Essa empreitada literária é vinculada ao evento de mesmo nome que acontece regularmente no Sertão do estado, reunindo outros artistas e aficionados em quadrinhos e na cultura *pop*.

“Espero um dia participar da CCXP, que é um dos maiores encontros de quadrinhos do Brasil e continuar transportando pros meus traços um pouco da regionalidade do meu Nordeste”, almeja.



Cena de “Cangaço – Peleja Nordestina”, do campinense Aurélio Filho, que já está disponível para compra

## Em Cartaz



### Cinema

Programação de 15 a 21 de janeiro, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos e Guarabira.

\* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

**O BEIJO DA MULHER-ARANHA** (*Kiss of Spider-Woman*). EUA/ México, 2025. Dir.: Bill Condon. Elenco: Diego Luna, Tonatiuh, Jennifer Lopez. Musical/ drama. Dois homens presos em prisão argentina dividem histórias de vida e histórias de filmes falsos. 2h09. 14 anos.  
**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 2: leg.: 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 18h30, 21h15.

**DAVI – NASCE UM REI** (*David*). EUA, 2025. Dir.: Phil Cunningham e Brent Dawes. Aventura/ religioso/ animação. Pastor enfrenta gigante e se torna um rei. 1h49. 10 anos.  
**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 18h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h, 15h30, 18h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 14h15, 16h45. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 14h10, 16h20, 18h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h10, 16h20, 18h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 17h15. CINE GUEDES 2: dub.: 14h50. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 15h20, 18h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 16h30.

**O DIÁRIO DE PILAR NA AMAZÔNIA.** Brasil, 2026. Dir.: Eduardo Vaisman e Rodrigo Van Der Put. Elenco: Lina Flor, Sophia Ataide, Babu Santana, Marcelo Adnet. Aventura/ infantil. Com uma rede mágica, menina viaja até a Amazônia e ajuda amiga ribeirinha a reconstruir sua comunidade. 1h30. 6 anos.  
**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: 14h15, 16h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: qui. a seg. e qua.: 13h15, 15h30; ter.: 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 16h15. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 14h30.

**EXTERMÍNIO – O TEMPLO DOS OSSOS** (*28 Years Later – The Bone Temple*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Nia DaCosta. Elenco: Jack O’Connell, Ralph Fiennes, Emma Laird. Ficção científica/ horror. Em um mundo dominado por zumbis, sobreviventes enfrentam a barbárie a brutalidade. Quarto da série iniciada em 2002. 1h49. 18 anos.  
**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 17h45, 22h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 18h30, 21h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 16h30. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 20h40. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 19h10, 21h15. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 18h45, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: 18h40.

**HAMNET – A VIDA ANTES DE HAMLET** (*Hamnet*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Chloé Zhao. Elenco: Jessie Buckley, Paul Mescal, Emily Watson. Drama. Esposa de Shakespeare lida com a perda de seu filho. 2h05. 14 anos.

CONTINUAÇÃO

**ABRE ALAS.** Brasil, 2025. Dir.: Ursula Rösele. Documentário. Mulheres falam sobre suas vidas e assistem performances baseadas em seus depoimentos. 1h49. 12 anos.  
**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: ter., 20/1: 18h; dom., 25/1: 17h; seg., 26/1: 16h.

**O AGENTE SECRETO.** Brasil/ França/ Países Baixos/ Alemanha, 2025. Dir.: Kléber Mendonça Filho. Elenco: Wagner Moura, Tânia Maria, Carlos Francisco, Maria Fernanda Cândido, Gabriel Leone, Hermila Guedes, Alice Carvalho, Udo Kier, Tomás Aquino, Buda Lira, Jodlisson Cunha, Suzy Lopes, Cely Farias. Drama. Em 1977, durante a ditadura militar, homem chega a Recife se escondendo de perseguidores. Prêmios de melhor direção e ator em Cannes. 2h38. 16 anos.  
**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 4: 20h45. CINE BANGÜÊ: dom., 18/1: 16h40, 19h40; qui., 16h30, 19h30; sáb., 24/1: 16h40, 19h40; ter., 27/1: 19h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: 18h45, 22h. CINESERCLA TAMBIA 2: 20h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: 20h10.

**AGENTES MUITO ESPECIAIS.** Brasil, 2025. Dir.: Pedro Antonio. Elenco: Marcus Majella, Pedroca Monteiro, Dira Paes, Malu Valle, Chico Diaz. Comédia. Agentes gays se infiltram em penitenciária para desmantelar quadrilha. 1h39. 14 anos.  
**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 20h15. CINESERCLA TAMBIA 1: 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 3: 17h10.

**ANACONDA** (*Anaconda*). EUA, 2025. Dir.: Tom Gormican. Elenco: Paul Rudd, Jack Black, Steve Zahn, Selton Mello, Thandiwe Newton, Ice Cube. Aventura/ comédia. Dois melhores amigos partem para a Amazônia para filmar um reboot de *Anaconda*, mas acabam realmente caçados por uma cobra gigantesca. 1h40. 14 anos.  
**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 16h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 20h, 22h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h30. **Patos:** PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 14h10. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 18h. **Remigio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 18h50; seg. e qua.: 18h.

**AVATAR – FOGO E CINZAS** (*Avatar – Fire and Ash*). EUA, 2025. Dir.: James Cameron. Elenco: Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Oona Chaplin, Kate Winslet. Ficção científica/ aventura. No planeta Pandora, família na vi sofre perda e enfrenta tribo hostil. 3h15. 16 anos.  
**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 2D: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 12h30, 16h30, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): 3D: dub.: 13h, 17h, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 2D: 13h20; 3D: 17h15, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 16h30, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 16h30, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 19h20. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 3D: 18h30. **Guarabira:**

CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 20h; seg. a qua.: 19h30. **Remigio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 15h35; seg. e qua.: 19h45.

**BOB ESPONJA – EM BUSCA DA CALÇA QUADRADA** (*The Sponge Bob Movie – Search for Square Pants*). EUA, 2025. Dir.: Derek Drymon. Animação. Para provar sua bravura, Bob Esponja segue o pirata fantasma Holandês Voador até as profundezas do oceano. 1h28. Livre.  
**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h. CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h, 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 12h50. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 16h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 14h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h10. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 15h10. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 16h15. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: 3D: seg. a qua.: 14h30. **Remigio:** CINE RT: dub.: 13h50.

**A EMPREGADA** (*The Housemaid*). EUA, 2025. Dir.: Paul Feig. Elenco: Sidney Sweeney, Amanda Seyfried, Brandon Sklenar, Elizabeth Perkins. Suspense. Empregada doméstica trabalha para família rica, mas tanto ela quanto os patrões escondem segredos sombrios. 2h11. 16 anos.  
**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h30. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): leg.: 17h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 12h45, 15h40, 18h30, 21h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h, 17h15, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 17h30, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 16h30. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 18h10, 20h35. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 18h10, 20h35. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 18h50, 21h15. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: 20h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 20h45. **Remigio:** CINE RT: dub.: dom. e ter.: 20h40; seg. e qua.: 15h35.

**JEANNE DIELMAN, 23, QUAÍ DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES** (*Jeanne Dielman, 23, Quai du Commerce, 1080 Bruxelles*). Bélgica/ França, 1975. Dir.: Chantal Akerman. Elenco: Delphine Seyrig, Jean Decorte, Henri Storck. Drama. Dona de casa viúva vive sua rotina e se prostitui para pagar as contas. 3h22. 16 anos.  
**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: leg.: qua., 21/1: 15h; qui., 29/1: 16h.

**A NATUREZA DAS COISAS INVISÍVEIS.** Brasil, 2025. Dir.: Rafaela Camelo. Elenco: Laura Brandão, Serena, Camila Márdila. Drama. Duas meninas formam em um hospital uma amizade que as ajudam a lidar com perdas. 1h30. 12 anos.  
**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: dom., 18/1: 15h; ter., 20/1: 16h.

**O QUE A NATUREZA TE CONTA** (*Geu Jayeoní Nege Mworago Hani*). Coreia do Sul, 2025. Dir.: Hong Sang-Soo. Elenco: Ha Seong-Guk, Kwon Hae-Hyo, Cho Yun-Hee. Drama. Jovem poeta leva namorada à casa dos pais dela e passam uma tarde com conversas sobre a vida. 1h48. 14 anos.  
**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: seg., 19/1: 16h; qua., 28/1: 16h.

**PATERNO.** Brasil, 2025. Dir.: Marcelo Loredello. Elenco: Marco Ricca, Tomás Aquino, Selma Egrei. Drama. Dono de imobiliária planeja empreendimento em área popular de Recife, enquanto lida com heranças duvidosas do pai. 2h30. 12 anos.  
**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: qua., 21/1: 19h; sáb., 31/1: 15h.

**O SÍTIO** (*La Quinta*). Argentina, 2025. Dir.: Silvina Schnicer. Elenco: Sebastián Arzeno, Emma Cetrángolo, Alejandro Gigena. Drama. Em casa de campo, família descobre que alguém esteve morando lá e crianças escondem segredo. 1h38. 14 anos.  
**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: seg., 19/1: 18h; qua., 28/1: 18h.

**TOM & JERRY – UMA AVENTURA NO MUSEU** (*Mão Hé Lãoshá – Xing Pán Qí Yuán*). China/ EUA, 2025. Dir.: Gang Zhang. Infantil/ comédia/ animação. Em meio a uma perseguição num museu, Tom e Jerry são transportados no tempo para a China antiga. 1h44. Livre.  
**João Pessoa:** CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 16h50. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 14h20. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 14h30.

**USEFUL GHOST – UMA AJUDA DO ALÉM** (*Pee Chai Dai Ka*). Tailândia/ Singapura/ Alemanha/ França, 2025. Dir.: Ratchapoom Boonbunchachoke. Elenco: Wisarut Himmarat, Davika Hoorne, Apasiri Nitibhon. Comédia/ fantasia. Esposa morta volta encarnada em aspirador de pó de fábrica para evitar que marido morra como ela, por causa da poluição. 2h10. 16 anos.  
**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: ter., 20/1: 20h; dom., 25/1: 19h.

**VALOR SENTIMENTAL** (*Affeksjonsverdi*). Noruega/ Alemanha/ Dinamarca/ França/ Suécia/ Reino Unido/ Turquia, 2025. Dir.: Joachim Trier. Elenco: Renate Reinsve, Stellan Skarsgård, Inga lfsdotter Lilleaas, Elle Fanning. Drama. Diretor oferece o papel em seu novo filme para sua filha. Quando ela recusa, ele escala uma jovem estrela de Hollywood que entra nessa complicada relação. 2h13. 14 anos.  
**João Pessoa:** CINE BANGÜÊ: seg., 19/1: 20h; sex., 23/1: 19h; sáb., 31/1: 19h.

**ZOOTÓPIA 2** (*Zootopia 2*). EUA, 2025. Dir.: Jared Bush e Byron Howard. Vozes na dublagem brasileira: Monica Izzi, Rodrigo Lombardi, Danton Mello. Comédia/ aventura/ animação. Coelho e raposa policiais investigam o misterioso aparecimento de uma cobra em Zootopia. 1h48. 6 anos.  
**João Pessoa:** CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 15h, 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 12h30, 15h20, 18h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 15h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 19h. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 14h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 14h20. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 19h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h10. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: 16h30. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 14h, 16h; seg. a qua.: 14h, 16h15.

### Teatro

HOJE

**FEIRANTES PROFANAS.** Da Trupe de Humor da Paraíba. Direção: Edilson Alves. Comédia com o elenco do *Pastoril Profano*.  
**João Pessoa:** TEATRO PAULO PONTES (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambaúzinho). Domingo, 18/1, 20h. Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 40 + 1 kg de alimento não perecível (social) e R\$ 25 (meia), antecipados no site Olha o Ingresso.

### Música

HOJE

**CEIÇA FARIAS.** Cantora apresenta show de samba.  
**João Pessoa:** MANGA ROSA (Av. Campos Sales, nº 153, Bessa, João Pessoa). Domingo, 18/1, 20h. Ingressos: R\$ 20 (couvert).

**MYRA MAYA.** Cantora apresenta o *Ensaio da Myra*. Convidados: Fabiana Souto, Pedro Paz e Rosy Martins.  
**João Pessoa:** LOCA COMO TU MADRE (R. Joaquim Avundano, nº 62, Miramar). Domingo, 11/1, 19h30. Ingressos: R\$ 40 (couvert).

AMANHÃ

**SANHAUÁ SAMBA CLUBE.** Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais, no modo *Verão Sanhaúá*.  
**João Pessoa:** VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 19/1, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/ 1º lote) a R\$ 50 (inteira/ 2º lote), antecipados na plataforma Shotgun.

### Exposições

CONTINUAÇÃO

**CRISTINA STRAPACHÃO.** Exposição de pinturas e lançamento de livro da pintora.  
**João Pessoa:** SESC CABO BRANCO (Av. Cabo Branco, nº 2788, Cabo Branco). Visitação até 31 de janeiro. Entrada franca.

**NORDESTE EXPANDIDO ESTRATÉGIAS DE (RE)EXISTIR.** Exposição coletiva com 195 obras de 111 artistas nordestinos do acervo do BNB Cultural.  
**João Pessoa:** CIDADE DA IMAGEM (Conventinho, R. Padre Antônio Pereira, Varadouro). Visitação até 31 de janeiro. Entrada franca.



REFORMA TRIBUTÁRIA

Lei cria Comitê Gestor do novo imposto

Legislação prevê que 2026 será um ano dedicado à adaptação ao novo modelo; IBS substituirá o ICMS e o ISS

Agência Senado

A reforma tributária deu mais um passo importante na última semana, com a sanção da Lei Complementar nº 227, que estabelece as regras de administração do Imposto sobre Bens e Serviços (IBS). Sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a norma consolida a estrutura necessária para colocar em prática as mudanças instituídas pela reforma.

A nova lei cria o Comitê Gestor do IBS, órgão responsável por gerir e coordenar operacionalmente o novo imposto, que será compartilhado entre estados, Distrito Federal e municípios. O IBS substituirá o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) — estadual — e o Imposto Sobre Serviços (ISS) — municipal.

Relator no Senado do projeto que deu origem à nova lei, o senador Eduardo Braga (MDB-AM) destacou que a sanção encerra um ciclo de décadas de debates e incertezas sobre o sistema tributário brasileiro. “Finalmente a reforma tributária, depois de quatro décadas, está aprovada. O povo terá simplificação, transparência, neutralidade e a garantia de que não haverá aumento da carga tributária”, afirmou ele, durante a cerimônia de sanção da lei no Palácio do Planalto.

Administração integrada

Pela nova lei, o Comitê Gestor do IBS terá caráter técnico e atuação nacional, com sede no Distrito Federal. O órgão será responsável por editar regulamento único do imposto, coordenar a arrecadação, administrar o contencioso administrativo e distribuir, automaticamente, os recursos arrecadados entre os entes federativos.

A governança do Comitê será compartilhada entre Estados e Municípios, com um Conselho Superior composto por representantes

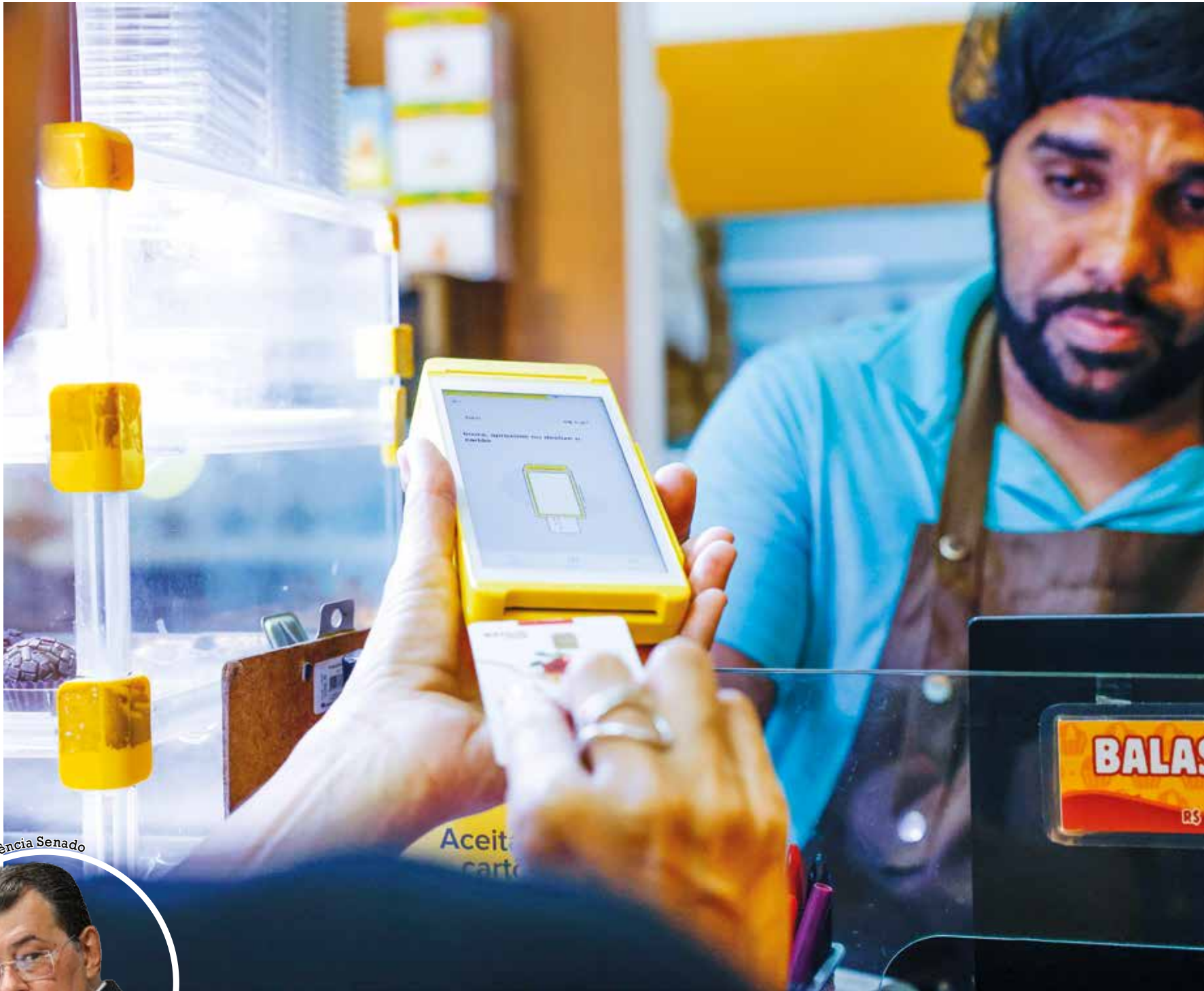


Foto: Fernando Frazão/Agência Senado



Foto: Andressa Anholeto/Agência Senado

Sanção da Lei Complementar nº 227 encerra ciclo de debates e incertezas sobre o sistema tributário brasileiro

das duas esferas. As decisões exigirão maioria qualificada, o que busca equilibrar interesses regionais e fortalecer a cooperação federativa.

O texto também define regras claras para fiscalização, cobrança e julgamento administrativo, a fim de evitar sobreposição de competências e disputas entre os entes. A administração do IBS passa a ocorrer de forma coordenada, com sistemas integrados e padronização de procedimentos.

Transição

A reforma tributária simplifica o sistema tributário nacional sobre o consumo, substituindo diversos tributos em vigor atualmen-

te por um imposto de valor agregado — o IVA, que inclui o IBS e a Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS), sucessora do PIS, Cofins e IPI, todos federais. Além deles, é criado o Imposto Seletivo, que vai incidir sobre produtos que podem prejudicar a saúde ou o meio ambiente.

O objetivo é trocar o atual modelo fragmentado por um sistema único, com regras padronizadas, maior transparência e redução da burocracia para contribuintes e gestores públicos.

A legislação prevê que 2026 será um ano dedicado à adaptação ao novo modelo. Neste período, Estados, Municípios e empresas poderão testar sistemas, ajus-

tar procedimentos e capacitar equipes, sem efeitos tributários e sem punições para quem agir de boa-fé.

Conforme Eduardo Braga, esse intervalo é essencial para garantir uma transição segura e bem-sucedida. “O ano de 2026 será um ano de testes, de calibração e de aprendizado, para que todos possam dominar o novo sistema”, explicou o senador.

O primeiro dia de 2026 marcou o início das obrigações para as empresas com a expectativa de mais justiça na cobrança de impostos. Desde o dia 1º de janeiro, os contribuintes dos novos impostos devem emitir notas fiscais que destaquem os valores correspondentes à

CBS e ao IBS.

No caso específico da Nota Fiscal de Serviços eletrônica (NFS-e), o destaque será inicialmente facultativo. As exigências não atingem empresas do Simples Nacional.

Reforma simplifica o sistema, substituindo diversos tributos atuais por um imposto de valor agregado

O povo terá simplificação e a garantia de que não haverá aumento da carga tributária

Eduardo Braga

Lula veta trechos por contrariedade a interesse público

O presidente Lula vetou trechos do projeto por contrariedade ao interesse público ou risco de insegurança jurídica, conforme a Mensagem nº 36/2026, enviada ao Congresso Nacional.

Um dos principais vetos atinge as Sociedades Anônimas do Futebol (SAFs). O texto aprovado pelos parlamentares previa que os valores obtidos com a venda de jogadores ficariam fora da base de cálculo dos novos tributos criados pela reforma. Com o veto, essas receitas voltam a ser tributadas. Lula também barrou a redução da carga tributária das SAFs de 6% para 5%. Com a decisão, a alíquota total ficará em 6%, dividida da seguinte forma:

- 4% de tributos não alterados pela reforma;
- 1% de CBS;
- 1% de IBS.

Benefícios a clientes

Outro veto relevante trata dos programas de fidelidade. O Congresso havia incluído dispositivos que permitiam a tributação de pontos não onerosos, como milhas concedidas por cadastro, promoções ou compensações por atraso de voo.

Gás canalizado

Foi barrada, ainda, uma regra que estendia o *cashback*, devolução de tributos à população de menor renda, para o gás canalizado. O Congresso tinha incluído a possibilida-

Congresso Nacional ainda poderá analisar a derrubada ou a manutenção dos vetos presidenciais ao projeto, neste primeiro semestre

de de ressarcimento em operações de tributação monofásica, com cobrança em apenas um elo da cadeia produtiva,

o que beneficiaria o fornecimento de gás canalizado. A equipe econômica avaliou que a exceção criaria incompatibilidade com o modelo geral do sistema.

Regulamentado na primeira lei complementar da reforma tributária, sancionada em janeiro do ano passado, o *cashback* prevê 100% de devolução da CBS e de pelo menos 20% do IBS à população de baixa renda sobre: água, botijão de gás, contas de telefone e *internet*, energia elétrica e esgoto.

Para os demais produtos e serviços, o ressarcimento equivalerá a 20% da CBS e do IBS. No caso do IBS, os Estados e Municípios terão autonomia para definir se a de-

volução será maior que 20%.

Alimentos líquidos

O presidente também vetou a inclusão genérica de “alimentos líquidos naturais” na lista de produtos com redução de 60% das alíquotas. Segundo a Fazenda, a redação era ampla demais e poderia gerar distorções na concorrência entre leites e sucos. O Congresso tinha incluído esse trecho na lei para beneficiar itens como leites vegetais.

Um deles atingiu o Imposto sobre a Transmissão de Bens Imóveis (ITBI), cobrado pelos Municípios. O projeto previa a possibilidade de o pagamento do imposto ser antecipado para o momento

da formalização do título de transferência.

Zona Franca

Lula também retirou do texto a atribuição exclusiva da Superintendência da Zona Franca de Manaus para regulamentar procedimentos de verificação e fiscalização, ampliando o escopo da norma. Além disso, foi vetada a definição legal de “simulação” como fraude fiscal. De acordo com a Fazenda, o conceito proposto divergia de interpretações consolidadas no Judiciário, o que poderia gerar insegurança jurídica.

O Congresso ainda poderá analisar a derrubada ou manutenção dos vetos presidenciais.



EM SÃO PAULO

# Tribunal paga meio bilhão de reais a magistrados

*Holerites da toga são inflados com “vantagens eventuais” e “gratificações”*

Felipe de Paula  
*Agência Estado*

A remuneração líquida dos desembargadores do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), o maior tribunal estadual do país, atingiu média de R\$ 148.971,88 por mês, em 2025. Levantamento do Estadão mostra que, em dezembro, 99,85% dos magistrados receberam acima do teto constitucional, hoje fixado em R\$ 46 mil brutos, o que equivale a cerca de R\$ 35 mil líquidos pagos aos ministros do Supremo Tribunal Federal. No total, a folha salarial dos magistrados do Tribunal de Justiça de São Paulo alcançou R\$ 546.318.579,97 em valores brutos.

Ao Estadão, o Tribunal informou que “efetua, regularmente, pagamentos a magistrados e servidores de valores em atraso de quantias que não foram pagas no momento adequado”. Segundo a Corte, “os pagamentos retroativos se referem às diferenças salariais não recebidas à época em que foram reconhecidas”.

Os pagamentos de tais verbas foram e são efetuados de forma parcelada, “observando estritamente a condição orçamentária e financeira do tribunal”. Segundo o TJ, “o reconhecimento desses valores e o seu correspondente pagamento possuem respaldo em decisão do Supremo Tribunal Federal e do Conselho Nacional de Justiça e incluem férias não pagas e plantões trabalhados”.

A média dos subsídios pagos em 2025 ficou abaixo do valor desembolsado em dezembro de 2024, quando a remuneração líquida dos magistrados do Tribunal de Justiça paulista chegou a R\$ 160 557,01 — no ano passado, ela foi de R\$ 148.971,88.

Dados do Portal da Transparência da Corte indicam que houve uma redução de



Foto: Reprodução

No maior tribunal estadual do país, média de remuneração líquida atingiu R\$ 148,9 mil por mês

7,22% em um ano, de acordo com os pagamentos realizados em dezembro.

O maior holerite em dezembro foi o do desembargador Fábio Monteiro Gouvêa, que recebeu R\$ 244.664,06 líquidos em dezembro.

A remuneração bruta do magistrado no período chegou a R\$ 332 671,04. O “abate teto” — dispositivo de retenção por teto constitucional — no subsídio de Gouvêa foi de R\$ 26,2 mil.

Os holerites da toga são inflados pelos chamados “penduricalhos” do Judiciário, que aparecem nas folhas de pagamento como “vantagens eventuais” e “gratificações”. Esses adicionais funcionam como o principal motor dos vencimentos acima do teto.

Em dezembro, a média das “vantagens eventuais” pagas aos magistrados foi de R\$ 107.953,50 líquidos, o que corresponde a 208% acima do teto constitucional após os descontos. Já as gratifica-

ções atingiram a média de R\$ 42.111,55 no mesmo mês.

No caso de Gouvêa, apenas a soma de vantagens eventuais e gratificações chegou a R\$ 251.554,37. O valor foi reduzido em R\$ 88 mil por débitos totais, que incluem contribuição previdenciária e o mecanismo de retenção por teto constitucional.

Esse dispositivo de recolhimento por limite salarial, no entanto, teve impacto limitado no Tribunal de São Paulo. Em dezembro, o abatimento médio aplicado aos magistrados foi de apenas R\$ 3.207,67.

## Com a palavra, o TJ-SP

“O Tribunal de Justiça de São Paulo efetua, regularmente, pagamentos a magistrados e servidores de valores em atraso, de quantias que não foram pagas no momento adequado. Os pagamentos retroativos se referem às diferenças salariais não recebidas à época em que foram reconhecidas. Os pagamen-

tos de tais verbas foram e são efetuados de forma parcelada, observando estritamente a condição orçamentária e financeira do Tribunal. O reconhecimento desses valores e o seu correspondente pagamento possuem respaldo em decisões do Supremo Tribunal Federal e do Conselho Nacional de Justiça e incluem férias não pagas e plantões trabalhados. É preciso observar que existe expressa recomendação do Conselho Nacional de Justiça para que o Tribunal reduza o seu passivo, a fim de que o orçamento não seja onerado pelos acessórios da dívida (correção monetária e juros), redução essa que só pode ocorrer se o Tribunal, na medida da sua capacidade, conseguir liquidar o principal mais rapidamente. O Tribunal de Justiça de São Paulo ressalta que todos os pagamentos efetuados, seja para magistrado ou servidor, estão publicados em seu portal, no ícone “Transparência”, explica o Tribunal.

## RETORNO AOS TRABALHOS

# Congresso deve votar 24 MPs após o recesso

Agência Senado

O Congresso Nacional iniciará o ano legislativo, em 2 de fevereiro, com a responsabilidade de votar 24 medidas provisórias (MPs). A maior parte está em tramitação em comissões mistas — formadas por senadores e deputados federais. E todas terão de passar, primeiro, pelo Plenário da Câmara dos Deputados e, em seguida, pelo Plenário do Senado.

Editadas pela Presidência da República, as medidas provisórias têm força de lei e começam a valer imediatamente (assim que são publicadas). Mas, para serem definitivamente transformadas em lei, precisam ser analisadas e aprovadas pelas duas Casas do Congresso (Câmara e Senado).

Entre as MPs que estão próximas do fim de seu prazo de validade (de 120 dias), está a que estabeleceu o programa Gás do Povo (MP nº 1.313/2025). Publicada em 4 de setembro, essa me-

didada provisória alterou as regras para oferta de gás de cozinha a famílias de baixa renda, além de incorporar incentivos para a compra de equipamentos de cozinha limpo, estabelecer um mecanismo de transparência de preços do gás de cozinha e criar o selo de segurança Gás Legal. A matéria já passou por análise de sua respectiva comissão mista e aguarda votação na Câmara. Se não for aprovada nas duas Casas do Congresso até 10 de fevereiro, perderá a validade.

Outra MP cujo prazo está perto do fim é a MP 1.317/2025, que transformou em agência reguladora a Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD), agora denominada Agência Nacional de Proteção de Dados. Essa MP determinou que a ANPD passa a ser uma autarquia de natureza especial, com autonomia funcional, técnica, decisória e administrativa. Além disso, criou 200 cargos para a nova estrutura. Entre as competências da agência, está

a implementação do Estatuto Digital da Criança e do Adolescente (ECA Digital). A medida vale até 25 de fevereiro.

## CNH

Tem vigência até 30 de março a MP 1.327/2025, que assegura a renovação automática da Carteira Nacional de Habilitação (CNH) de motoristas sem multas de trânsito aplicadas nos últimos 12 meses. Para estabelecer a renovação automática, o texto altera o Código de Trânsito Brasileiro — que já previa a criação do Registro Nacional Positivo de Condutores. De acordo com a medida provisória, o condutor incluído nesse registro fica dispensado de passar pelos exames do Departamento de Trânsito (Detran) quando acabar a validade de sua CNH ou da Autorização para Conduzir Ciclomotor.

A última medida provisória publicada no ano passado — no dia 30 de dezembro — foi a MP 1.332/2025. Ela prorrogou

por três anos o prazo de identificação das terras da União nas margens de rios e no litoral. Sem essa medida, o prazo determinado pela Lei da Regularização Fundiária teria expirado em 31 de dezembro. A demarcação é necessária para a supervisão do Poder Público sobre as terras já previstas como suas pela legislação em vigor. O prazo de vigência dessa MP será contado após o fim do recesso parlamentar.

## Créditos extraordinários

Há medidas provisórias que abrem créditos extraordinários (no âmbito do Orçamento) cuja validade termina em 9 de fevereiro. Uma delas é a MP 1.311/2025, que destinou R\$ 30,5 milhões para o combate a uma praga de mandioca no Amapá e no Pará. Outra (MP 1.312/2025) reforçou com R\$ 83,5 milhões as ações de prevenção e combate à *influenza* aviária e a outras emergências agropecuárias. Ambas aguardam votação na Câmara.

# Toca do Leão

Fábio Mozart  
mozartpe@gmail.com | Colaborador

## Microcrônicas (27)

“Acredito em Deus só quando estou com asma. Ai, acredito até em Papai Noel” (Nelson Rodrigues).

**Selfie com a sogra ninguém quer fazer.**

Ataque do pérfido Ameba à Madame Preciosa: “Essa mulher está tão gorda que, se for pra Argentina, vai acabar rica porque a moeda de lá é o peso”.

**Se o Banco Central e a Previdência Social não têm equilíbrio financeiro, eu é que vou ter?**

“Rapaz, ela me disse um palavrão desses que não se leva pra casa nem se você morar no cabaré” (Ameba, falando mal de Preciosa).

**Faz tempo que sumiram do mercado duas coisas: vitrola de alta fidelidade e políticos idem.**

Jogador brasileiro é metido a malandro, mas o volante Sardinha, do Mangueira Futebol e Cachaça, de Entroncamento, esse atleta se superou: puxou a própria camisa dentro da área para ver se ganhava um pênalti.

**Fiquei sabendo que Itabaiana é a capital da carne de sol de porco. E eu nem sabia que existe carne de sol de porco.**

“ChatGPT são capazes de produzir textos cordelísticos, ainda que não atendam a todos os critérios do Dossiê de Registro da Literatura de Cordel (Iphan, 2018), como métrica e expressão poética”.

**Resumo: tem muito poeta ruim fazendo cordel ordinário por meio de inteligência artificial.**

Por obrigação profissional, li um cordel escrito por inteligência artificial. Cada vez mais, IÃ me surpreende com sua burrice. O suposto autor? É apenas um aproveitador.

“É preocupante pessoas que não sabem nem o que é métrica darem oficina de cordel” (Kydelmir Dantas). Cordel sem medidas. Como diz Joel Silveira: “O mal do Brasil é que o país é brasileiro demais”.

Venâncio Neiva foi o primeiro governador da Paraíba, em 1889. Em 13 de outubro de 2014, a bisneta de Venâncio Neiva, Iva Neiva, saiu de Brasília para assistir ao Sarau Literário da Sociedade Cultural Poeta Zé da Luz, na Câmara de Itabaiana. Os vereadores da cidade não estiveram por lá, talvez porque a atividade não tivesse sentido político.

**Millôr Fernandes, que só tinha a 4ª classe, foi desenhista, humorista, dramaturgo, escritor, poeta, tradutor e jornalista brasileiro. E você, “doutor”, nem sabe escrever direito e se acha o maioral.**

“O chuchu é formado por 90% de água, o ser humano por 70%, ou seja, nós somos descendentes do chuchu, não do macaco, confere?” (Sonsinho, o cientista).

Evangélico cita a Bíblia para justificar o genocídio na Palestina: “Despacharei contra ela a peste, inundarei de sangue as suas ruas, onde sucumbirão feridos, golpeados por minha espada, que surgirá de toda parte; assim, saberão que sou eu o Senhor” (Ezequiel 28:23).

“Descobri que não sou disciplinado por virtude, e sim como reação contra a minha negligência; que pareço generoso para encobrir minha mesquinhez, que me faço passar por prudente quando na verdade sou desconfiado e sempre penso o pior, que sou conciliador para não sucumbir às minhas cóleras reprimidas, que só sou pontual para que ninguém saiba como pouco me importa o tempo alheio.

**Certo dia, levei o livro “José Lins do Rego em versos de cordel”, do poeta Oliveira de Panelas, com um bilhete: “Prezado leitor, ‘esqueci’ este livro na esperança de que ele encontre um leitor e cumpra seu destino de espalhar saberes e prazeres. Faça o mesmo, após ler. Por favor”.**

Cordelistas querem indicar Oliveira de Panelas para a Academia Brasileira de Letras. Não sei se a ABL merece o poeta.







SALÁRIOS ATÉ R\$ 6 MIL

# Prefeituras oferecem 280 vagas

Administrações de Cajazeiras, Sossego e Cuité reúnem oportunidades para todos os níveis de escolaridade

Priscila Perez  
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

O início do ano segue movimentado para quem acompanha o radar de concursos públicos dentro do estado. No interior, mais três municípios paraibanos estão com editais abertos, totalizando mais de 280 vagas em disputa. Em Cajazeiras, a prefeitura abriu uma nova seleção voltada a áreas estratégicas da administração municipal, como Educação, Saúde, Administração e Serviços. Já em Sossego, o edital reúne oportunidades para diferentes níveis de escolaridade e perfis profissionais, com foco em funções essenciais, como gari e motorista. Outra prefeitura que também está com concurso aberto é a de Cuité, que se destaca pelo volume de cargos oferecidos: 142, ao todo.

### Oportunidades diversas

No Sertão paraibano, a Prefeitura de Cajazeiras abriu um novo concurso público com 75 vagas para candidatos de todos os níveis de escolaridade. O edital reúne cargos como auxiliar de serviços gerais, motorista, recepcionista, auditor, vigilante, agente administrativo, além de vagas para técnicos de Enfermagem, enfermeiros, médicos e odontólogos. A Educação também aparece entre os destaques, com oportunidades para professores da Educação Básica, em diferentes disciplinas. As jornadas variam de 20 a 40 horas semanais, com salários de R\$ 1,5 mil a R\$ 4,4 mil.



Foto: Divulgação/Prefeitura de Cuité

Para participar, os interessados no concurso têm até 8 de fevereiro para se inscreverem no *site* da Educa PB, responsável pela organização do certame. A taxa cobrada varia de R\$ 70 a R\$ 110, a depender do cargo escolhido. Quanto à seleção, está prevista a aplicação de prova objetiva em 8 de março, seguida de avaliação de títulos e prova prática para cargos específicos, como professores e motoristas. No conteúdo programático, constam questões de Língua Portuguesa, Matemática, Informática, além de

conhecimentos gerais e específicos. Todas as etapas do concurso ocorrerão em Cajazeiras, mas, caso o número de candidatos ultrapasse a capacidade local, também está prevista a realização em cidades vizinhas.

### Áreas estratégicas

Localizado no Curimataú, o município de Sossego lançou seu mais novo concurso com 63 vagas para profissionais de níveis fundamental, médio e superior, voltadas a funções essenciais da administração municipal. Entre os

cargos citados no edital, estão os de gari, merendeira, motorista, auxiliar de serviços gerais e assistente administrativo, além de oportunidades



Use o QR Code e acesse o edital da Prefeitura de Cajazeiras



Use o QR Code e acesse o edital da Prefeitura de Sossego



Use o QR Code e acesse o edital da Prefeitura de Cuité

## Além da burocracia: auditores sustentam a gestão pública

Quando se fala em auditor, nosso imaginário costuma apontar para uma profissão rígida, excessivamente burocrática, recheada de números e ligada à tributação — e, se imposto atrapalha a vida do brasileiro, o próprio auditor acaba personificando essa insatisfação. Mas é fato que essa visão não dá conta da complexidade que envolve a função. O profissional atua em decisões que sustentam o funcionamento do Estado, influenciando em como a coletividade é organizada. Para o doutor em Direito Waldemar de Albuquerque Aranha Neto, que acumula 26 anos de experiência na função, a arrecadação é um pilar desse processo, uma vez que “essa estrutura é necessária de dinheiro” para atender às demandas da sociedade.

Entre leis em constante transformação, análise de informações cada vez mais complexas e aplicação de normas que se sobrepõem, a carreira exige muito mais do que domínio técnico. Longe dos holofotes, trata-se de um trabalho que, ao garantir o funcionamento da engrenagem pública, demanda altas doses de eficiência e transparência. Lidar com

receitas públicas é uma missão bastante sensível que, segundo Waldemar, exige uma conduta exemplar do auditor. “A postura ética é algo exigível de cada um que desempenha esse tipo de função, porque vai lidar com um volume de recurso público significativo”, afirma. Esse cuidado, aliás, não se restringe ao cumprimento das formalidades, mas atravessa, como ele bem diz, a forma como o profissional se posiciona diante das responsabilidades do cargo.

Entretanto, ao longo da carreira, surgem situações que colocam o auditor diante de conflitos éticos reais. Há momentos em que a aplicação da lei provoca desconforto, principalmente quando o profissional percebe uma injustiça. Ainda assim, sua atuação deve permanecer vinculada à legalidade, sem qualquer margem para escolhas pessoais. Como exemplifica Waldemar, “às vezes aquela lei é bastante injusta no caso concreto, e você tem ali um dilema ético de ter de aplicar uma norma com a qual você discorda”. Não à toa, ele destaca que lidar com esse tipo de tensão exige maturidade, equilíbrio e clareza sobre os limites institucionais.



Foto: Arquivo pessoal

Área exige reciclagem permanente de seus profissionais

### Atualização constante

Assim como nas demais profissões, a necessidade permanente de atualização é regra. Mas, no campo da auditoria, isso se torna ainda mais crucial considerando que a área é marcada por uma grande instabilidade normativa, ou seja, as leis estão sempre mudando, a exemplo da recente reforma tributária. “Há uma quantidade muito grande de normas vigentes

no país e elas mudam com muita frequência, o que impõe ao auditor um acompanhamento constante. A reforma tributária, por exemplo, mudou boa parte do nosso sistema”, reforça. Segundo ele, essas transformações impactam diretamente o cotidiano da carreira, exigindo flexibilidade desse profissional para assumir novas atribuições. “Nesse movimento, algumas funções antigas

deixam de existir”, observa, ao explicar que o auditor precisa estar disposto a aprender coisas novas e a se desafiar.

Não por acaso, a carreira não é nada homogênea. Para se ter ideia, a área reúne profissionais de diferentes formações em resposta às múltiplas demandas que a função exige. No caso do Direito, é comum a atuação em tarefas ligadas à interpretação das leis e ao julgamento de processos administrativos. “A pessoa do auditor vai funcionar como um magistrado, um julgador daquele caso concreto”, detalha. Já a Contabilidade aparece de forma mais direta nas auditorias externas e na fiscalização de empresas, enquanto as Engenharias ganham espaço no cruzamento e na gestão de dados. “Em resumo, o auditor trabalha nas tarefas de arrecadação, fiscalização e cobrança dos tributos e demais receitas que são de competência do cliente ao qual ele está vinculado. No meu caso, eu trabalho como auditor do município de João Pessoa”, ilustra o especialista.

### Reconhecimento

Contudo, por mais importante que a carreira seja para o funcionamento do Estado, a forma como o tributo é per-

cebido pela sociedade faz com que o cidadão não dê a devida importância à figura do auditor. Na avaliação de Waldemar, a população tende a enxergar o imposto apenas como um encargo que atrapalha a vida cotidiana, sem associá-lo à oferta de serviços públicos. “O cidadão médio não faz essa ligação normalmente entre o dinheiro que entra no cofre estatal e o retorno que chegaria à sociedade”, observa. Esse distanciamento ajuda a explicar porque a atuação do auditor fiscal nem sempre é bem recebida. Ainda assim, ele reforça que sem receita não há políticas públicas nem funcionamento das instituições.

Em Cajazeiras, a carreira de auditor aparece de forma concreta no concurso público da prefeitura local, que oferta uma vaga para auditor interno. A administração municipal busca um profissional com formação superior em áreas como Direito, Contabilidade, Economia ou Administração, perfil que reflete o caráter multidisciplinar citado por Waldemar de Albuquerque Aranha Neto. São 30 horas semanais e remuneração inicial de R\$ 3,8 mil. De acordo com o edital, o resultado do certame será divulgado em 25 de maio.



<b>Selic</b>  Fixado em 10 de dezembro de 2025  <b>15%</b>	<b>Salário mínimo</b>  <b>R\$ 1.621</b>	<b>Dólar \$ Comercial</b>  <b>-0,08%</b>  <b>R\$ 5,372</b>	<b>Euro € Comercial</b>  <b>-0,06%</b>  <b>R\$ 6,230</b>	<b>Libra £ Esterlina</b>  <b>+0,1%</b>  <b>R\$ 7,194</b>	<b>Inflação</b> IPCA do IBGE (em %) Dezembro/2025 0,33 Novembro/2025 0,18 Outubro/2025 0,09 Setembro/2025 0,48 Agosto/2025 -0,11	<b>Ibovespa</b>  <b>164.581 pts</b>  <b>-0,6%</b>
--	---	--	--	--	--	---

PEQUENOS EMPREENDEDORES

# Gestão financeira informal é prática comum na Paraíba

Seis em cada 10 empresários usam conta pessoal para despesas do negócio

Bárbara Wanderley  
babiwanderley@gmail.com

A informalidade ainda marca a gestão financeira de grande parte dos pequenos negócios, inclusive na Paraíba. No estado, 63% dos empreendedores utilizam a conta pessoal para pagar despesas da empresa, prática que também é comum em todo o país, onde o índice chega a 61%. Os dados fazem parte da pesquisa “Hábitos Financeiros dos Pequenos Negócios”, realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), e revelam um cenário preocupante sobre a separação entre finanças pessoais e empresariais.

Apesar dos avanços em ferramentas financeiras voltadas para pequenos negócios, a separação entre finanças pessoais e empresariais ainda é um desafio para os pequenos negócios. O contador João Alberto de Carvalho explicou que a prática de misturar as finanças pessoais das empresariais fere totalmente o princípio da Entidade no ramo da contabilidade. “Deve ser de fato separado para que tenhamos nossas contas físicas e jurídicas saudáveis e sem prejuízos”, constatou.

O Princípio da Entidade, citado pelo contador, é um fundamento contábil que determina a separação total do patrimônio de uma empresa do patrimônio pessoal de seus proprietários ou sócios, sendo considerado a regra de ouro para manter a saúde financeira e jurídica de um negócio.

A pesquisa do Sebrae aponta ainda que, quanto maior for o porte da empresa,



Priscila Abreu admite estar no grupo que mistura as finanças particulares com as da empresa

menor a incidência de uso de conta pessoal para pagar despesas empresariais. Isso sugere que a formalização cresce acompanhando o tamanho da empresa.

Controle

A forma como os empresários organizam o controle financeiro também revela desafios na gestão dos pequenos negócios. Na Paraíba, 28% ainda utilizam anotações em cadernos para acompanhar as finanças da empresa, enquanto 26% recorrem a planilhas. O uso de aplicativos ou sistemas digitais aparece em 19% dos casos, e 18% dos empreendedores deixam essa responsabilidade exclusivamente a cargo do contador. O levantamento aponta ainda que 6% dos entrevistados afirmam não adotar qualquer tipo de controle financeiro no negócio.

O contador João Alberto afirmou que não recomenda o controle com anotação em ca-

derno, mas ponderou que as planilhas, quando bem utilizadas, podem ser excelentes ferramentas, já que possibilitam até a elaboração de gráficos e facilitam ter um bom sistema de contas.

O empresário Geovandro Nascimento, que há cinco anos trabalha com produção de ovos na Avícola GFN, é bastante organizado nesse ponto. “Uso um sistema de vendas. Faço anotações em planilhas e fichas em pranchetas. No final, tudo vai para o sistema e algumas coisas ficam em uma planilha na nuvem, fica uma pessoa responsável por tratar todas as informações, gerando um DRE [Demonstração de Resultado de Exercício] bem elaborado”, contou.

Geovandro explicou que a gestão financeira do negócio foi sendo aperfeiçoada com o tempo, mas desde o início já havia uma boa organização. “Eu já trabalhava com planilhas. Já gostava de fazer fór-

mulas para ajudar na gestão. Nossa planilha já tem tudo automático”, contou. Ele lembrou que gostava de estudar sobre o mercado financeiro e, por isso, já entendia a importância de uma boa gestão financeira para o negócio.

A empresária Priscila Abreu, por outro lado, confessou que se identifica com o perfil mostrado pela pesquisa e que, às vezes, acaba misturando um pouco as finanças pessoais com as contas da confeitaria La Trufel, que administra em João Pessoa. “É uma empresa familiar, temos 20 anos, e acabei adquirindo os costumes de minha mãe”, avaliou.

Ela ressaltou, porém, que já estabeleceu como meta para este ano melhorar esse aspecto que, para ela, é a parte mais difícil de gerenciar um negócio. “Estou determinada a aprender esse ano, e mudar. Inclusive eu pedi para o Sebrae uma nova consultoria financeira”, revelou.

## Estado lidera em confiança nos contadores

Um ponto positivo para os empreendedores paraibanos, demonstrado pela pesquisa do Sebrae, é que 48% deles afirmaram ter o contador como a principal fonte de informações financeiras para a empresa. O contador apareceu como um pilar central em todo o Brasil, mas o índice da Paraíba foi o maior do país, cuja média ficou em 34%.

As outras fontes de informação mais exploradas pelos empreendedores paraibanos são a internet (sites, redes sociais, vídeos), com 22%; banco ou gerente, com 20%; Sebrae, com 12% e consultoria financeira, com 3%. Há ainda 11% de empreendedores que afirmaram não buscar nenhuma fonte de informação.

A gestora do Programa Sebrae na sua Empresa e Co-

nexão Financeira na Paraíba, Márcia Timotheo, destacou que ter informações financeiras precisas e atualizadas permite que os empreendedores tomem decisões consistentes. Ela ressaltou que o Sebrae disponibiliza treinamentos, oficinas, orientação personalizada e ferramentas para ajudar os empreendedores a gerenciar suas finanças.

“O Programa Sebrae na sua Empresa é um atendimento ativo, presencial e gratuito, onde o consultor vai até a empresa, realiza um diagnóstico e apresenta recomendações de melhoria. A Planejadora Sebrae também é uma grande aliada para o empreendedor analisar a situação financeira atual e projetar resultados futuros”. É possível acessar a Planejadora no link: sebrae.com.br/planejadora

## Dicas de Administração

Observações que os empreendedores devem ter sempre em mente:

- **Separação de contas:** É fundamental ter contas bancárias separadas para o negócio e para as finanças pessoais. Isso ajuda a evitar confusão e a manter o controle sobre as finanças;
- **Orçamento:** Criar um orçamento para o negócio e outro para as finanças pessoais é crucial. Isso ajuda a priorizar gastos e a evitar o uso indevido de recursos;
- **Controle de caixa:** Manter um controle rigoroso do fluxo de caixa é essencial para o sucesso do negócio. Isso inclui registrar todas as entradas e saídas de dinheiro;
- **Educação financeira:** Muitos empreendedores carecem de educação financeira básica, o que pode levar a erros graves. É importante buscar orientação e treinamento para melhorar as habilidades financeiras;
- **Planejamento:** Ter um plano de negócios sólido e um planejamento financeiro é fundamental para o sucesso a longo prazo.

## Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira  
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

# Mercosul-UE: Uma nova geografia econômica se forma

O acordo de livre comércio entre o Mercosul e a União Europeia é um dos movimentos mais relevantes da economia global recente, ao representar a formação de uma das maiores áreas de comércio do mundo. Com assinatura prevista para este mês, em Assunção, o tratado conecta dois blocos que reúnem cerca de 735 milhões de habitantes e quase 25% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, funcionando como resposta estratégica ao avanço do protecionismo e às crescentes tensões geopolíticas internacionais.

Para o cidadão comum, o efeito mais perceptível será a redução gradual e, posterior, eliminação de tarifas de importação. Produtos que, hoje, chegam ao Brasil com cargas tributárias elevadas, como vinhos (27%), laticínios (28%) e automóveis e autopeças (35%), tendem a se tornar mais acessíveis ao longo do período de transição. Em contrapartida, o setor produtivo do Mercosul passa a ter acesso preferencial a um mercado europeu sofisticado, com potencial de ampliar exportações em bilhões de dólares, sobretudo em produtos agrícolas, minerais e biocombustíveis.

Apesar das diferenças evidentes entre a economia avançada europeia e a estrutura mais concentrada em commodities do Mercosul, o acordo apoia-se na lógica da complementaridade. Enquanto o Mercosul contribui com segurança alimentar e energética, a União Europeia oferece inovação, financiamento e transferência de tecnologia. Para o bloco sul-americano, o tratado atua como um verdadeiro “vetor de modernização”, ao exigir padrões ambientais, sanitários e trabalhistas mais rigorosos, elevando a competitividade internacional da região.

Ainda assim, o êxito da integração dependerá da capacidade de adaptação dos setores industriais menos competitivos, que enfrentarão maior pressão concorrencial. Isso exigirá políticas públicas eficazes em inovação, qualificação e infraestrutura, para assegurar um desenvolvimento equilibrado. No longo prazo, o acordo não deve ser interpretado apenas como troca de mercadorias, mas como um compromisso com previsibilidade econômica e desenvolvimento sustentável, fortalecendo o Brasil e seus vizinhos no tabuleiro geopolítico global.

No contexto nacional, o Brasil tende a consolidar-se como destino estratégico de investimentos estrangeiros, especialmente em infraestrutura e energia limpa. A redução de custos de máquinas e insumos industriais importados deve impulsionar a Indústria nacional, enquanto o agronegócio sustentável encontra, na Europa, um parceiro de longo prazo. O país deixa a posição de observador para assumir protagonismo nas cadeias globais, ao aderir a normas de governança que facilitam o fluxo de capital e de conhecimento técnico.

Para o Nordeste, o acordo cria oportunidades relevantes, sobretudo na fruticultura irrigada e no setor sucroenergético, com impactos diretos em polos como o Vale do São Francisco, beneficiados pela eliminação imediata de tarifas para uvas de mesa e por cotas ampliadas para açúcar e etanol. Nesse ambiente, cidades como João Pessoa passam a ocupar uma posição estratégica ao combinar proximidade geográfica com a Europa, custos urbanos competitivos e uma base crescente de serviços, tecnologia e economia verde. A capital paraibana tende a beneficiar-se de forma indireta, mas consistente, ao integrar cadeias produtivas regionais, atrair investimentos associados à nova dinâmica comercial e reforçar seu papel como plataforma urbana de apoio ao desenvolvimento exportador sustentável.





Foto: Reprodução/Freeptik

Quase 530 mil unidades foram exportadas em 2025 e a estimativa, para este ano, é um aumento de 1,3%

PRODUÇÃO DE VEÍCULOS

# Anfavea prevê alta de 3,7% em 2026

*Movimento deve ser impulsionado pelos automóveis leves; vendas do setor cresceram 3,5% no ano passado*

Elaine Patricia Cruz  
*Agência Brasil*

A produção de veículos no Brasil — que engloba automóveis, comerciais leves, ônibus e caminhões — deve crescer 3,7% em 2026, de acordo com a estimativa da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

O movimento deve ser impulsionado principalmente pela produção de veículos leves, como automóveis e comerciais leves, que devem apresentar alta de 3,8% neste ano. Também é esperada alta no licenciamento desses veículos, que devem crescer em torno de 2,7% neste ano, informou a Anfavea.

“Continuamos com um ano de dificuldades”, disse o presidente da Anfavea, Igor Calvet, em recente coletiva de imprensa. “Eu tenho dito que nós temos um otimismo contido para o setor automotivo. Isso porque os números vão continuar crescendo, mas os fatores de imprevisibilidade continuam. Nós temos fatores geopolíticos agora muito importantes que podem afetar a cadeia de fornecimento e nós temos um ano que antecede a entrada em vigor da reforma tributária. Teremos um ano em que nós precisamos ficar alertas e essa é razão pela qual nós estamos propondo revisar nossas projeções trimestralmente para ir acompanhando passo a passo os acontecimentos”, pontuou.

No ano passado, a produção de veículos cresceu 3,5% em relação a 2024, somando 2,6 milhões de unidades fabricadas, mantendo o Brasil na oitava posição no *ranking* mundial de produção. Já as vendas totalizaram 2,69 milhões de unidades em 2025, o que representou aumento de 2,1% em relação ao ano anterior e manteve o Brasil na sexta posição no *ranking* mundial de mercado.

Segundo Calvet, esses resultados foram piores que o esperado para 2025, já que a Anfavea projetava crescimento de 7,8% para produção e de 5% para li-

cenciamento. Ainda assim, destacou ele, 2025 encerrou como um ano positivo para o setor.

“Nós tivemos um ano em que o mercado cresceu 2% e a produção cresceu 3%. Foi um ano de muita instabilidade, um ano em que nós tivemos questões geoeconômicas que influenciaram o setor”, detalhou o presidente da Anfavea.

Calvet ressaltou que também foi um ano em que houve discussões importantes como a discussão sobre o Imposto sobre Operações Financeiras, o IOF. “Então, isso tudo impacta muito o setor, sem contar a taxa de juros. Quando fizemos a projeção, lá em 2024, tínhamos uma taxa de juros de 12%. Agora, nós estamos com uma taxa de juros de 15%. O mercado automotivo é muito sensível a essas imprevisibilidades e isso tudo fez com que os números fossem menores, mas ainda sim foram números positivos para o setor”, completou.



Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

**Nós temos um otimismo contido para o setor. Isso porque os números vão continuar crescendo, mas os fatores de imprevisibilidade continuam**

Igor Calvet

## Envios ao exterior superam as importações

Além das vendas e da produção, o setor automotivo também teve um ano positivo em exportações, com crescimento de 32,1% e quase 529 mil unidades comercializadas no período.

“As exportações surpreenderam em 2025. Só para a Argentina o crescimento foi de 85% em relação a 2024. Nossos embarques ao exterior superaram as importações, que também

foram em nível alto. Tivemos quase meio milhão de veículos importados no país no ano de 2025”, expôs o presidente da entidade.

Para 2026, a expectativa de crescimento das exportações gira em torno de 1,3%. Já as importações cresceram 6,6% no período, puxado principalmente pela entrada de veículos fabricados em países sem acordo de livre-comércio com o Brasil,

como a China. O país asiático representou 37,6% dos 498 mil importados que foram emplacados no Brasil, no ano passado.

“Neste ano, a gente até acredita que as importações vão diminuir, porque há novos entrantes no mercado e esses novos entrantes projetam o início das suas produções agora, no ano de 2026. Logo, o que antes era importado passará a ser pro-

duzido no país, o que é um excelente movimento. Mas nós vamos ter um ano ainda bastante desafiador na esfera do comércio exterior, com a nossa possibilidade de avançar em acordos importantes e fortalecer a nossa relação com a Argentina e também com a Colômbia, que é um parceiro com quem tivemos problemas de acordo comercial no último ano”.

## Reforma tributária preocupa o segmento

Na entrevista coletiva, realizada na última semana, o presidente da Anfavea afirmou que uma das grandes preocupações do setor automotivo para este ano é a reforma tributária, já que ainda não foi definida a alíquota que vai incidir sobre o setor automotivo.

Igor Calvet destacou que a dificuldade de fazer planejamento preocupa muito o setor. “Nós não sabemos ainda qual a alíquota que vai incidir sobre cada um dos nossos produtos, sobre o portfólio de produtos. Isso há menos de um ano da entrada em vigor da reforma tributária. E, neste ano, também temos um grande desafio que é o desafio de acessar novos mercados. Nós temos tradicionalmente parceiros importantes na região da América do Sul e que têm sido tomados por outros concorrentes internacionais. Esse é um grande desafio para que a nossa capacidade instalada consiga ser ampliada, sobretudo produzindo para esses países”.

Outro aspecto que anda trazendo preocupações para o setor é o segmento de caminhões, cuja produção caiu 46,4% no ano passado e apresentou queda de 9,2% em emplacamentos. “Caminhões têm uma correlação muito forte com o PIB [Produto Interno Bruto]. Se o PIB cresce, em princípio, o mercado de caminhões teria que crescer, já que grande parte de nossa produção é escoada pelo modal rodoviário e

o modal rodoviário são caminhões. Então, o setor de caminhões deveria crescer, mas o que constrange o setor de caminhões hoje, no Brasil, são as altas taxas de juros”, defendeu.

Por isso, ressaltou que o programa Move Brasil, anunciado, neste ano, pelo Governo Federal, que oferece crédito para a compra de caminhões, vai acabar sendo muito importante para o setor. “Recentemente, nós ti-

vemos o anúncio de uma importante medida provisória que é o Move Brasil e que dá uma linha de crédito com condições em termos de taxas muito boas. Nós entendemos que essa é uma medida desfibrilatória para a economia brasileira e que envolve o setor de caminhões. Então, acreditamos que essa é uma medida que vai fazer com que as quedas expressivas do setor parem nesse começo de ano”.



Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

Balanco e projeção foram divulgados durante entrevista coletiva, em São Paulo



## INOVAÇÃO

# Computação quântica coloca a PB em destaque

*Estado será o primeiro do país a ter centro para pesquisas nessa área*

Kelly Souto  
Ascom Secties

A Paraíba será o primeiro estado brasileiro a ter computadores quânticos e criar o Centro Internacional de Computação e Tecnologias Quânticas (Ciquanta). A iniciativa coloca o estado em posição de destaque no cenário científico e tecnológico, consolidando-se como um *hub* de ciência, inovação e tecnologia, com impacto nacional e internacional. O equipamento será instalado na Estação das Artes Luciano Agra, em João Pessoa.

O Ciquanta é fruto de uma parceria entre o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), o Governo Federal, via Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), e instituições internacionais da China. O investimento previsto é de R\$ 80 milhões, com início da implantação previsto para o primeiro semestre de 2026.

Com mais de 5,1 mil m<sup>2</sup> de área construída, o Ciquanta-PB abrigará dois computadores quânticos, de 20 e 100 qubits, instalados em espaço com controle de temperatura e estabilidade ambiental. O espaço funcionará como um ambiente de pesquisa e inovação, voltado ao desenvolvimento de aplicações em tecnologias quânticas.

Ao trazer essa tecnologia para o estado, a Paraíba também contribui de forma direta para a soberania tecnológica do Brasil. O acesso a computadores quânticos permite que cientistas e pesquisadores brasileiros desenvolvam conhecimento próprio, reduzindo a dependência de tecnologias externas e ampliando a autonomia do país em áreas estratégicas, como segurança da informação, indústria e ciência.

O secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado, destaca que o Ciquanta está estruturado a partir de três vertentes estratégicas. “A primeira é o desenvolvi-



Ciquanta será instalado na Estação das Artes Luciano Agra, em João Pessoa

mento de cálculos em diversas áreas que hoje só são possíveis com o uso de computadores quânticos. A segunda é a transferência de tecnologia, que vai permitir que a Paraíba desenvolva seus próprios computadores quânticos. E, em terceiro lugar, teremos um centro de formação de recursos humanos, com a visita de pesquisadores internacionais, entre outras ações voltadas à capacitação”, pontua.

### O que é

Diferente dos computadores tradicionais, que operam com base na lógica binária (0 e 1), a computação quântica utiliza qubits, capazes de representar múltiplos estados simultaneamente. Essa característica permite realizar cálculos extremamente complexos em menos tempo, superando limitações físicas enfrentadas pela computação clássica.

A computação quântica surge como uma nova forma de processar informações. Em vez de trabalhar apenas com 0 ou 1, ela utiliza os chamados “qubits”, que podem representar vários estados ao mesmo tempo. Isso permite realizar cálculos muito mais rápidos e eficientes, especialmente em situações que os computadores tradicionais não conseguem resolver.

Na prática, essa tecnologia pode ser aplicada no desenvolvimento de medicamentos, na previsão climática, na segurança de dados, na logística, na indústria e na inteligência artificial.

### Cooperação internacional

O Ciquanta-PB foi criado como um lugar de ciência aberta, que se conecta com a sociedade. Lá, estão programadas ações de divulgação científica, visitas guiadas, eventos e atividades educativas, com o objetivo de aproximar estudantes, pesquisadores e o público em geral do mundo da tecnologia quântica.

O projeto conta com a cooperação da China Electronics Technology Group Corporation (CETC), um dos maiores conglomerados tecnológicos da China, com atuação em áreas como comunicações, tecnologia espacial e sistemas de segurança. A parceria baseia-se em experiências anteriores bem-sucedidas, como o radiotelescópio Bingo, instalado no Sertão paraibano.

### Formação de pessoas

Será criado o Centro de Formação Avançada em Tecnologias Quânticas, voltado à capacitação de novos profissionais. O espaço oferecerá cursos, treinamentos e acesso a laboratórios modernos, preparando a próxima geração de cientistas, pesquisadores e especialistas.

O professor, pesquisador da Física da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e coordenador adjunto do Projeto Ciquanta, Amílcar Rabelo, ressalta que o Ciquanta surge como um grande *hub* da Iniciativa Brasileira de Tecnologias Quânticas. “A partir do Ciquanta, pesquisadores e estudantes poderão acessar

remotamente os primeiros computadores quânticos da América Latina, contribuindo para a formação de uma cultura em computação, comunicação e tecnologias quânticas”, destaca.

Amílcar explica ainda que as tecnologias quânticas são disruptivas e que o mundo inteiro ainda está aprendendo a utilizá-las na indústria, no mercado e em diferentes áreas. “Esse aprendizado tem avançado muito rápido, e vários países estão investindo nisso. Por isso, é fundamental que a Paraíba esteja nessa corrida desde já”, afirma.

Entre as aplicações mais promissoras das tecnologias quânticas, estão os avanços em criptografia, estudos climáticos, previsões de terremotos, mercado financeiro e a modelagem de moléculas e proteínas, com impacto direto na saúde e no desenvolvimento de novos medicamentos. Nesse cenário, quem sai na frente no desenvolvimento dessas soluções conquistará uma importante vantagem competitiva, reforçando o papel estratégico do Ciquanta para a Paraíba e para o Brasil.

Poucos países possuem computadores quânticos em seu território. Com o Ciquanta, a Paraíba passa a integrar esse seleto grupo, reafirmando a aposta no conhecimento, na inovação e na educação como motores do desenvolvimento social e econômico.

“

**Esse aprendizado tem avançado muito rápido, e vários países estão investindo nisso. Por isso, é fundamental que a Paraíba esteja nessa corrida desde já**

Amílcar Rabelo

## Poeira Estelar

Claudio Furtado  
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

# Quando os livros abrem portas para a ciência

A coluna desse domingo nasce de um momento de falta de inspiração e dúvida sobre qual tema abordar. Pensei em falar sobre o Complexo Científico do Sertão, ou mesmo sobre alguma pesquisa que eu já fiz um dia e que acho interessante mostrar para as pessoas. Mas foi a partir desse vazio criativo que começaram a surgir várias interrogações, e comecei a me lembrar das inspirações do passado e das viagens que fazia nos livros que gostava de ler, quando ainda era muito jovem.

Dos meus 12 para 13 anos de idade, frequentava o chamado “Polivalente II”, que era a escola da época, hoje a Escola Cidadã Integral Mestre Júlio Sarmiento, em Sousa. Lá, havia uma biblioteca escolar muito inspiradora. Ali me deparei, pela primeira vez, com os livros de Érico Veríssimo, em especial a trilogia “O Tempo e o Vento”. Que viagem foi ler aquela obra. Toda aquela inspiração de Érico Veríssimo me marcou profundamente na minha formação como leitor.

As leituras da época eram as chamadas “enciclopédias”, como a “Enciclopédia Barsa” e a “Enciclopédia Britânica”. Era uma maneira de receber informação num tempo em que não existia internet e era difícil ter acesso a muitos livros. As enciclopédias davam um conhecimento geral sobre diversas áreas.

Foi ali que eu me deparei com algo que sempre me despertou curiosidade: História Antiga das civilizações. Quando me deparava com o Egito, ficava maravilhado com as descrições sobre as pirâmides, a arquitetura, os reinados, os faraós egípcios, todo o desenvolvimento que aquele povo tinha em diversas áreas.

Esse interesse me levou a uma parte da “Enciclopédia Britânica” que falava sobre a descoberta do túmulo de Tutancâmon, a primeira tumba que nunca tinha sido violada pela presença humana. A enciclopédia narrava a expedição com detalhes: o comunicado de Carter para Carnarvon dizendo que tinha se deparado com uma tumba; todo o relato de como ela foi aberta; as riquezas encontradas; os artefatos. Além dos mitos da maldição da múmia, de que as pessoas que tiveram contato com a múmia de Tutancâmon morreram tempos depois. Hoje sabe-se, cientificamente, que isso aconteceu por causa da grande quantidade de fungos do ambiente, o que causou problemas respiratórios em algumas dessas pessoas. Ou seja, não havia nada de sobrenatural nisso.

Tudo isso despertou naquele jovem que gostava de ler sobre História a curiosidade de pensar como seria interessante a vida de um pesquisador, de um arqueólogo, de um egiptólogo, procurando tumbas nas planícies de Gizé, em Karnak e em várias áreas do Egito.

Algo ficou tão arraigado que até hoje eu me vejo assistindo a documentários sobre novas descobertas, sobretudo o que a ciência pode fazer, e ainda faz, para contar a História, algo muito importante para a minha formação como pesquisador.

Isso também leva à forma como a gente deve olhar para os museus: não apenas como ambientes que contam a história, mas como espaços dinâmicos de pesquisa e de educação. Ao pensar em tudo isso, não poderia deixar de falar sobre a reconstrução do novo museu do Vale dos Dinossauros, onde temos a história de eras paleontológicas sendo revelada e a história geológica da Terra que pode ser investigada.

Além disso, vamos nos deparar com essa mesma lógica quando tivermos o Museu de Arqueologia da Paraíba, em Cajazeiras, onde vamos encontrar urnas funerárias e artefatos que contam a presença da ocupação humana aqui na Paraíba. Ou seja, são museus de ciências: ambientes de pesquisa, cultura e letramento científico, ambientes dinâmicos.

Espero que, por meio desses equipamentos, cada vez mais pessoas possam fazer a sua própria viagem pela história da humanidade, guiadas não apenas pela curiosidade, mas pelo conhecimento que a ciência nos permite construir.

Claudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba e professor doutor em Física da UFPB

Colunista colaborador



Governador João Azevêdo durante reunião com o secretário da Secties e assessores



ALÉM DA ESTÉTICA

## Espaços verdes regulam ruídos e temperatura

Ter jardim em casa ou áreas arborícolas em condomínios garante respiro no meio do caos

Camila Monteiro  
milabmonteiro@gmail.com

A primeira ideia que vem à mente quando se pensa na vida nos centros urbanos é a correria, a agitação e o cinza das vias e construções. Contudo, uma alternativa para amenizar esses efeitos é a manutenção de espaços verdes nas cidades. Ter uma casa com jardim ou áreas arborícolas em condomínios é um respiro no meio do caos da urbanização. A regulação da temperatura, diminuição do ruído, melhora na saúde física, mental e até na qualidade do ar são alguns dos benefícios que essa prática proporciona.

Contudo, não basta ter vontade; escolher a espécie que será plantada requer uma prévia pesquisa, pois elementos como profundidade e extensão da raiz, bem como a altura alcançada, devem ser levados em consideração para não gerar problemas futuros. O Jardim Botânico de João Pessoa é um local que, além de ofertar mudas para a população, oferece orientações sobre as diversas espécies encontradas em seu viveiro.

Para a ecóloga e doutora em Desenvolvimento e Meio Ambiente Anne Falcão, ter árvores e outras plantas, principalmente as nativas, em ambientes urbanos, como casas, condomínios e avenidas, é importante para manter a biodiversidade e o equilíbrio genético das espécies da flora e fauna. Além disso, outras vantagens são percebidas. “O fornecimento de frutas; a manutenção da saúde física e mental da população; o conforto térmico, com a diminuição das ilhas de calor; a melhoria da qualidade de ar; a formação de reservatório de água e a manutenção da fau-

“**Sem orientações, plantar uma espécie vegetal pode comprometer tubulações e gerar risco de curto-circuito**”

Anne Falcão

na, com o fornecimento de recursos alimentares e hábitat, são alguns desses ganhos”.

A paisagista Roberta Lima tem, na sua profissão, a incumbência de criar espaços arborizados que atendam às demandas dos clientes. Mas, para além de tornar o espaço agradável aos olhos, ela compartilha da ideia de que os benefícios são variados. “De início, podemos pensar logo na estética, porque, sem dúvidas, o verde transforma qualquer ambiente, mas as vantagens são diversas. Preservar áreas verdes em qualquer espaço é fundamental para garantir o equilíbrio ambiental”.

Com as altas temperaturas enfrentadas pelos brasileiros no período de verão, que vai de dezembro a fevereiro, o alívio do clima é um fator para ser levado em consideração na implantação de espaços verdes na cidade. O aumento da umidade relativa do ar, aliado à sombra que as árvores geram, reduz a temperatura do ambiente. “Normalmente, pavimentações e a maior parte dos tipos de solo absorvem muito o calor e o transmitem no ambiente”, explicou o biólogo Getúlio Freitas. Já em um terreno coberto por grama, por exemplo, a flora absorve o calor e não o reflete. Conforme destacou o biólogo, basta comparar a temperatura em um parque, um bosque, um espaço com plantas arborícolas, com o clima

próximo ao asfalto. Uma das explicações para isso é que as plantas utilizam grande parte da energia solar na fotossíntese, para produzir seu próprio alimento, reduzindo a quantidade de energia convertida em calor no ambiente.

A aposentada Rosário Bezerril, desde pequena, reconhece as vantagens de viver rodeada de plantas. “Manter espaço verde em casa é imprescindível para meu bem-estar. Ajudar as plantas a viverem e sentir o *feedback* não tem palavras! Chegar em casa depois de uma saída e ir para junto delas é indescritível”. Moradora do bairro de Miramar, ela mantém em seu quintal, além das demais plantas menores, um cajueiro de cerca de 20 anos e várias pitangueiras. O vínculo com a natureza, segundo ela, vem desde cedo. “Perdi de vista meu interesse por plantas. Acho que nasci dentro de um jarro! Dei meus primeiros passos numa casa com um quintal grande, com árvores frutíferas e criação de galinha”, explicou.

Apesar de todas essas benesses, o plantio de espécies da flora precisa ser acompanhado de algumas instruções. Avaliar o tempo de crescimento, o porte e o tipo de raiz são medidas fundamentais para evitar transtornos no ambiente urbano. Anne Falcão destaca que, caso essas questões não sejam consideradas, há o risco de transtornos no ambiente urbano. “Sem orientações técnicas, plantar uma espécie vegetal de grande porte pode ocasionar a destruição de ruas, comprometimento de tubulações de água e esgoto, obstrução de iluminação pública e risco de curto-circuito”.

Outro aspecto importante é a priorização de espécies nativas, isto é, aquelas originárias do Brasil. Plantas exóticas tendem a competir por recursos e, em muitos casos, acabam eliminando espécies locais, causando desequilíbrios ecológicos. Roberta Lima reforça a necessidade de valorizar a flora brasileira nos projetos paisagísticos. “Temos um privilégio muito grande porque nós temos a maior diversidade de espécies. Então devemos usar e abusar, porque opções não faltam”. Segundo ela, plantas invasoras são capazes de comprometer jardins já consolidados quando espécies exóticas são introduzidas sem controle.

Paisagista reforça a necessidade de valorizar a flora brasileira nos projetos



“Dei meus primeiros passos numa casa com um quintal grande, com árvores frutíferas”, disse Rosário

Foto: Aquino Pessoa

## Jardim Botânico: respiro em meio ao concreto urbano da cidade

Vinculado à Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema), o Jardim Botânico Benjamin Maranhão está localizado na Avenida Dom Pedro II, no bairro da Torre, em João Pessoa. O espaço desenvolve um projeto de distribuição de mudas à população, aliado a ações educativas e orientações sobre o plantio adequado das espécies.

Ao chegar ao viveiro do jardim, a equipe de reportagem do jornal A União presenciou a atividade de separação das sementes de uma espécie ameaçada para, posteriormente, serem germinadas. Ao mesmo tempo, um técnico organizava os saquinhos das mudas com a terra da composteira do próprio local. Todos esses processos têm a finalidade de preservar espécies nativas da flora, por meio de coleções vivas.

Além disso, há a entrega de mudas para quem chegar ao local também como atividade que propicia a disseminação do verde e que abre espaço para o diálogo com a população sobre os benefícios do plantio. A distribuição, que chega a 600 mudas por mês, acontece de terça-feira a sábado, no horário das 8h às 16h. “As doações são feitas de maneira contínua. O visitante que vier ao Jardim Botânico tem direito a levar uma muda de pequeno porte, seja ela alimentícia, medicinal ou ornamental”, explicou a bióloga Pietra Marques, responsável pelo viveiro.

Para visitantes que desejam adquirir sua muda, basta, portanto, chegar ao Jardim Botânico. Contudo, o espaço atende também a demandas maiores. Solicitações de mais de cinco mudas devem ser feitas pelo e-mail [jardimbotanico.jp@gmail.com](mailto:jardimbotanico.jp@gmail.com). “Quando a solicitação não vem específica sobre qual planta se quer, sempre perguntamos qual o objetivo a ser alcançado para selecionar as melhores espécies indicadas para cada processo de plantio. Nós priorizamos as espécies nativas e algumas frutíferas, como de pitanga, maracujá”, esclareceu Pietra.



O visitante que for ao Jardim Botânico tem direito a levar uma muda de pequeno porte

Fotos: Roberto Guedes

As

demandas atendidas pelo Jardim são bem diversas e, segundo o diretor Bruno Assis, entender as diferentes solicitações é um processo importante. “Quem não tem esse conhecimento, às vezes quer pegar um pau-brasil, mas mora em apartamento, ou reside no térreo e acha que tem um espaço apropriado. Então, primeiro fazemos esse diagnóstico, perguntamos qual o local em que a pessoa mora, qual o objetivo pretendido”. Ele ainda explica que esses questionamentos são necessários para que o trabalho realizado no local não seja em vão, e, que, posteriormente, seja necessário retirar a planta do local por ela estar causando alguns transtornos.

Um outro fator que precisa ser mencionado é o descarte de plantas exóticas. Conforme explicou Bruno, as pessoas, muitas vezes, querem se livrar de algumas espécies e as jogam em área de mata, o que gera um risco para as plantas que já vivem na localidade. “Quando o visitante vem e recebe todas as recomendações técnicas, conseguimos minimizar os erros e mitigar essas ações que podem colocar em risco as nossas espécies nativas”.

Portanto, fica a recomendação de Bruno: “Caso não tenham conhecimento sobre o plantio, venham até

o Jardim para ajudar o nosso planejamento.

Quanto mais visitantes recebermos, mais pessoas sairão daqui instruídas e vão poder pulverizar essas informações e, assim, vamos conseguir alcançar os resultados de preservação e de conservação desse território”.

Para Rosário Bezerril, cada nova folha que brota no jardim representa um presente. Os benefícios do contato com a natureza são inúmeros, mas, como alertam os especialistas, o sucesso dessa relação depende de planejamento e informação, para que o verde seja sinônimo de qualidade de vida e não de transtornos.



“**Quem não tem esse conhecimento, às vezes quer pegar um pau-brasil, mas mora em apartamento**”

Bruno Assis



Fotos: Max Oliveira Divulgação

Foto: Max Oliveira





SERRA BRANCA X TREZE

# Robertos duelam à beira do campo

*Técnicos de times semifinalistas  
das duas últimas edições do  
Paraibano comentam expectativas  
para o confronto de hoje, às 18h*

*Fernandes: “Nenhuma  
equipe vai ser favorita  
contra o Treze”*

*Maschio: “Já temos a  
equipe bem definida  
na nossa cabeça”*

Danrley Pascoal  
danrleyp.c@gmail.com

Serra Branca e Treze fazem, hoje, no Amigão, às 18h, uma das partidas mais aguardadas da primeira rodada do Campeonato Paraibano. As duas equipes foram semifinalistas da edição passada e são favoritas para novamente avançar à fase aguda da competição. Após um ano de centenário frustrante, o Galo estreia buscando retornar à final do Estadual, da qual ficou de fora nos últimos dois anos, enquanto o Carcará sonha com seu primeiro título.

Nos três últimos encontros, todos pelo Estadual, o Treze venceu dois e o Serra ganhou outro. As parti-

das ocorreram nas edições de 2023, 2024 e 2025, anos em que o Carcará participou do certame já como Sociedade Anônima do Futebol (SAF). Nas duas últimas temporadas, os dois clubes foram eliminados na semifinal; em anos distintos, para Botafogo e Sousa.

O confronto entre Carcará e Galo será marcado pelo encontro dos Robertos: Roberto Maschio, que é o técnico do Serra Branca, e Roberto Fernandes, treinador do Treze. Antes da estreia, ambos falaram sobre a preparação para o torneio e também para o jogo da rodada inaugural.

“Usamos os jogos-treinos para poder fazer todas as avaliações possíveis. Já temos a equipe bem definida na nos-

sa cabeça. Óbvio que a gente não vai externar, mas já temos os 11 definidos”, destacou Maschio sobre o trabalho feito durante a pré-temporada e sobre o time titular. Ele afirmou que os três dias que antecederam o jogo de estreia foram usados para ajustes e definição das estratégias para possíveis cenários do jogo e do que o Treze pode fazer com ou sem bola.

Questionado sobre o fato de o seu adversário ter tido poucos treinos em campo oficial, o técnico do Serra não acredita que isso interfira no desempenho do rival. “O Treze é uma equipe centenária, tendo 17 títulos paraibanos. Então, é uma equipe com muita tradição. Hoje, a gente usa

muito e faz treinos em espaço reduzido, faz minijogos nos treinos. No dia a dia, a gente consegue adaptar as sessões de várias maneiras. Vejo o Treze com totais condições de disputar o jogo sem problemas. E, com certeza, o professor Roberto vai organizar bem a sua equipe”, afirmou.

Na sua entrevista coletiva, Roberto Fernandes foi ao encontro da fala do treinador adversário, descartando favoritismo para qualquer lado, apesar dos problemas encontrados no decorrer da pré-temporada.

“Se a gente levar em consideração o comprometimento dos atletas, a dedicação desse grupo, o senso de responsabilidade da camisa que estão

vestindo e aquilo que ela representa, o Treze vai chegar para o jogo pronto para aquilo que é proposto, que é brigar pela vitória. Não vamos abrir mão disso de forma alguma, queremos largar bem na competição. Dentro do Amigão, colocar nosso adversário como favorito é loucura. Com exceção de jogos contra um Flamengo, na Copa do Brasil, ou contra um Palmeiras, nenhuma equipe vai ser favorita contra o Treze”, disse.

“A gente chega pronto para a estreia, mas, mesmo dentro do melhor cenário que possa acontecer, esse time ainda tem muito para crescer, tem muito para evoluir. Foi um elenco montado há pouco mais de 45 ou 50 dias, que

passou pela dificuldade de não treinar em campo oficial. A gente não está focando nos problemas, mas sim nas soluções. O que nos tem dado um respaldo muito positivo é, sem dúvida alguma, o comprometimento do elenco com o clube”, acrescentou.

Quanto ao que conhece do Serra Branca, Roberto Fernandes foi sincero. “Para mim, o Serra Branca é uma grande interrogação. O treinador deu sequência a um trabalho da temporada passada, mas, fora disso, a gente não teve acesso a praticamente nada da pré-temporada deles. Vai ser um jogo onde vamos ter de superar a falta de conhecimento sobre o adversário”, finalizou.

## NO FRASQUEIRÃO

# Botafogo vai a Natal para estreiar contra o Esporte de Patos

O Botafogo enfrenta hoje o Esporte, no Frasqueirão, em Natal (RN), às 9h. A partida marca a estreia das duas equipes no Campeonato Paraibano 2026. Agora, como Sociedade Anônima do Futebol (SAF), o Belo busca quebrar um jejum de seis temporadas sem vencer a competição, com sua última conquista ocorrendo em 2019. Já o clube de Patos corre atrás de uma vaga na Série D. Este domingo ainda tem, pela primeira rodada do Estadual, o confronto entre Nacional e Pombal no José Cavalcanti, às 17h.

Entre os clubes que estarão no Campeonato Paraibano, o Botafogo é o maior vencedor, tendo, ao todo, 30 títulos estaduais. A equipe vive seu segundo maior jejum neste século, superado apenas pelas nove temporadas sem conquistas, no período de 2004 a 2012. Ainda no rol dos maiores campeões do Estadual, o Campinense com 22, e o Treze com 17, fecham o pódio.

A temporada de 2026 é muito importante para o Botafogo, que completará seu primeiro ano como SAF. Não só o título do Paraibano é visto como crucial, mas também

alcançar o acesso para a Série B, o que encerraria o martírio alvinegro na Terceira Divisão. O clube amarga dois vices da competição local, nos anos de 2024 e 2025, além de ir para sua 13ª participação consecutiva na Série C.

Fillipe Félix, investidor do clube, tem apostado alto na reestruturação do patrimônio da agremiação. Só a Maravilha do Contorno teria recebido investimentos superiores a R\$ 12 milhões, segundo ele. Além disso, a equipe tem um elenco com grandes nomes, começando pelo meia Nenê.

Para a estreia contra o Esporte, Bernardo Franco tem a sua disposição os seguintes nomes: os goleiros Michael Fracaro, Max Walef, Edilson e Leandro Mathias; os late-

rais Erick Henrique, Dhônata Tavares, Patric Calmon e Vítor Ricardo; os zagueiros Júlio Vaz, Igor Moraes, Márcio Silva e Da Silva; os volantes Caio Garcia e Jhonata Va-

rela; os meias Ed Carlos, Igor Maduro, Thallyson, Giovanni Piccolomo e Riquelmo; e os atacantes Henrique Dourado, Dudu Hatamoto, Breyner Camilo, Gustavo Balotelli, An-

derson Santos e Guilherme Santos. O técnico conta também com alguns jovens da base. Nenê só deve estreiar na terceira rodada, contra o Sousa, no Almeidão.

isso, contará com a força de sua torcida e com os jogos como mandante no Estádio José Cavalcanti.

### Retrospecto

Segundo o pesquisador e entusiasta da história do Botafogo, Raimundo Nóbrega, o primeiro confronto entre o Belo e Esporte ocorreu em 3 de maio de 1959, no Campo do Colégio Diocesano, em Patos, quando as equipes empataram por 2 a 2, em jogo amistoso. Pelo Estadual, enfrentaram-se somente seis anos depois, no dia 6 de junho de 1965, quando o Alvinegro derrotou o time sertanejo por 3 a 1.

O último jogo entre Botafogo e Esporte ocorreu no dia 15 de janeiro de 2025, também pelo Campeonato Paraibano, no Estádio Almeidão. Naquela oportunidade, o Belo venceu por 3 a 0. Guilherme Santos, que permanece no clube, Marcelo (contra) e Danilo Mariotto marcaram os tentos da equipe pessoense. A agremiação da Maravilha do Contorno ganhou os últimos sete confrontos contra o time de Patos. A última vez que o Alvirrubro saiu vitorioso do duelo foi em 25 de janeiro de 2009, quando fez 1 a 0.

Foto: João Neto/Botafogo



Missão para os jogadores é levar o time ao título, que o Belo não conquista desde 2019



ONDAS AGITADAS

# Surfe tem calendário extenso na PB

Já em março, praia em Mataraca sediará Regional Norte/Nordeste da competição de base, que vai do Sub-12 ao Sub-18

Camilla Barbosa  
acamillabarbosa@gmail.com

O ano de 2026 promete grandes experiências para os surfistas do estado. Competições nacionais, regionais e locais, envolvendo categorias da base ao master: tudo isso faz parte das projeções da Federação Paraibana de Surf (FPBS) para a temporada da modalidade na Paraíba.

A praia de Barra de Camaratuba, em Mataraca, município localizado no Litoral Norte da Paraíba, será palco de grandes disputas. De 12 a 15 de março, sediará a etapa Regional Norte/Nordeste (segundo evento do ano) do Surf Brasil Base, que seleciona os surfistas que decidirão os títulos brasileiros das categorias Sub-12, Sub-14, Sub-16 e Sub-18 no Surf Brasil Base 2026.

Dias antes, em data ainda a ser divulgada, o local também receberá a última etapa do Circuito Paraibano de Surf 2025. De acordo com o vice-presidente da FPBS, Alexandre Palitot, estão avançadas as negociações com o secretário de Estado da Juventude, Esporte e Lazer, Lindolfo Pires, e com o diretor executivo da Confederação Brasileira de Surf (CBSurf), Geraldo Cavalcanti, para que, neste período, também seja realizada a reativação do Circuito Nordestino Profissional lá.

Estadual

**Circuito Paraibano terá etapas em Baía Formosa, no Rio Grande do Norte, e na praia de Intermares, em Cabedelo; FPBS também quer levar competição a Conde**

“A gente aproveitaria toda a estrutura que está montada e faríamos, no fim de semana anterior, junto com o Paraibano, a abertura do Circuito Nordestino Profissional. Seria um evento de quatro ou cinco dias, uma vez que os profissionais não precisam correr no final de semana. Então, eles poderiam começar, na quarta ou na quinta, o Nordestino Profissional, e faríamos a última etapa do Paraibano também”, explica Palitot.

Conforme o vice-presidente, o planejamento para a



Foto: Alexandre Condim/FPBS

Praia de Barra de Camaratuba, no Litoral Norte, foi palco da segunda etapa do Circuito Paraibano de 2025, onde competiram surfistas como Vitor Silva

reativação da competição regional — que não é realizada há 10 anos —, inclui mais três etapas: uma no Ceará, uma em Pernambuco e outra na Bahia.

**Circuito Paraibano**

O Circuito Paraibano de Surf 2026 terá sua primeira etapa em julho, em Baía Formosa, no Rio Grande do Norte. “Como é uma praia que foi descoberta por paraibanos,

e a maioria dos paraibanos treina e frequenta, conseguimos fazer uma etapa que é válida pelos *rankings* dos dois estados. Aí a gente quer vir aqui para o Litoral Sul, e já há conversação, desde o ano passado, com a prefeitura de Conde para isso; e depois, finalizaríamos em Intermares. Ou vice-versa. Vai depender muito da questão de datas, de eventos no Rio Grande do Norte, Pernambuco, e even-

tos da CBSurf também”, afirma Palitot.

Segundo ele, outro objetivo da FPBS neste ano é consolidar Barra do Camaratuba como um centro para a prática e cultura do surfe, uma vez que o local apresenta condições ideais para a modalidade, posicionando-se como o maior destaque do estado.

“Lançamos a ideia de transformar Barra do Ca-

maratuba numa *surf city* paraibana, para que a gente tenha melhores condições de surfe do que todas as outras praias aqui da nossa região, do nosso estado. Lá a gente sempre consegue apoio, principalmente das pousadas, para poder hospedar a comissão técnica”, comenta.

“A gente gostaria muito de viabilizar um planejamento para se levar mais etapas do circuito estadual

para a Barra do Camaratuba, assim como acontece em Pernambuco. Porto de Galinhas tornou-se uma *surf city* e todos os eventos nacionais e os eventos estaduais acontecem lá, na Praia do Borete. Todos concentrados numa mesma praia. Então, aqui, como a melhor onda que a gente tem é em Barra do Camaratuba, tentaremos fazer o máximo de etapas lá”, acrescenta o vice-presidente da FPBS.

## Inscrições para 1ª etapa do campeonato nacional estão abertas

A Confederação Brasileira de Surf já iniciou as inscrições para a 1ª etapa do Surf Brasil Pro 2026 que vai acontecer em Taíba, no Ceará, nas categorias masculina e feminina. Elas foram abertas desde 8 de janeiro e vão até o dia 7 de fevereiro. A 1ª etapa terá janela de

espera com nove dias, do dia 21 de fevereiro, um sábado, até o dia 1º de março, um domingo, com possibilidade de baterias com sistema de julgamento utilizando o *dual heat*.

Nos últimos anos, o surfe ganhou destaque na mídia brasileira com uma

nova geração de atletas conquistando títulos mundiais e *status* de celebridades. Com a nova gestão da CBSurf, o esporte entrou em uma nova fase e, para além da competição, a Surf Brasil promove o ecossistema do esporte nacional baseado no tripé: valoriza-

ção dos atletas, geração de novos ídolos e atração de mais fãs.

As inscrições estão sendo feitas exclusivamente via plataforma SGE Bigmidia, com controle de IDs. O Circuito aberto terá 168 atletas da categoria masculino (mínimo de vagas),

Interessados devem acessar a plataforma SGE Bigmidia até o dia 7 de fevereiro

sendo dois *wild cards* CB-Surf, e 60 atletas da categoria feminino (mínimo de vagas), sendo um *wild card* CBSurf. Todos devem ser devidamente filiados. O valor da inscrição é de R\$ 500 por atleta. Não serão aceitas inscrições fora do prazo acima estipulado.



COPA DOS CAMPEÕES

Jogadoras prometem se destacar

Conheça oito atletas para ficar de olho na competição da Fifa, que será realizada de 28 de janeiro a 1º de fevereiro

A fase final da primeira edição da Copa dos Campeões Feminina da Fifa está chegando, com Arsenal (Inglaterra), Asfar (Marrocos), Corinthians (Brasil), e Gotham FC (Estados Unidos) ainda na disputa do título. Os quatro jogos finais serão em Londres, com as semifinais, o *site* da Fifa listou oito jogadoras para ficar de olho e que poderão ser destaques na inédita competição, bem diferente da de clubes masculinos, ocorrida no ano passado, e que contou com a participação de 32 clubes, tendo quatro brasileiros: Botafogo, Flamengo, Fluminense e Palmeiras. Ela foi realizada nos Estados Unidos e teve o Chelsea como campeão. O Fluminense foi o melhor brasileiro, chegando às semifinais. Veja a seguir os destaques dos clubes.

Arsenal (Inglaterra)  
Mariona e Alessia

Quando Mariona Caldentey, campeã da Copa do Mundo Feminina da Fifa, decidiu trocar o Barcelona pelo Arsenal, em 2024, muita gente arregalou os olhos. Mas, hoje, poucos questionam sua decisão. A jogadora de 29 anos, que atua em uma posição mais recuada no meio-campo desde sua chegada ao norte de Londres, trouxe às Gunners uma combinação impressionante de criatividade e gols, ajudando o time a conquistar a Liga dos Campeões Feminina da Uefa pela primeira vez em 18 anos. Ela também foi eleita a Jogadora da Temporada da Superliga Feminina (WSL) e ficou em segundo lugar na votação para o prêmio The Best Fifa de Jogadora do Ano.

Ja a atacante Alessia Russo é capaz de marcar gols de todos os tipos. Russo vem em ótima fase. Ela conquistou a Chuteira de Ouro da WSL 2024-2025, com 12 gols, além de ajudar o Arsenal a conquistar o título europeu e a Inglaterra a alcançar a glória na Eurocopa, com um



Foto: Reprodução/Instagram @nicobanana\_12

Goleira Nicole, do Corinthians, tem agilidade na saída do gol e habilidade com a bola nos pés

gol na vitória sobre a Espanha na final. Ela manteve o mesmo ritmo nesta temporada, contribuindo com sete gols em 12 jogos do campeonato até o momento, desempenho que também lhe rendeu uma indicação ao prêmio The Best Fifa de Jogadora do Ano.

Asfar (Marrocos)  
Anissa e Mssoudy

A ex-jogadora do Paris Saint-Germain trouxe qualidade e elegância ao meio-campo do Asfar desde que se juntou à equipe, em 2024. Ela foi instrumental na conquista da Liga dos Campeões Feminina da CAF de 2025. Enfrentou o Arsenal duas vezes durante sua passagem pela capital francesa e está determinada a conquistar a vitória com seu time atual em seu próprio território.

Outra muito habilidosa e audaciosa é a meio-campista Sanaa Mssoudy, que provou inúmeras vezes ser a jogadora decisiva da Asfar. Isso ficou evidente na vitória sobre o Wuhan Jiangda, no jogo de estreia do clube marroquino na Copa dos Campeões Feminina. Com o placar empatado em 1 a 1, Mssoudy in-

vadiu a área, dominou um lançamento longo e, com um toque sutil, colocou as marroquinas em vantagem no fim do primeiro tempo da prorrogação.

Corinthians (Brasil)  
Jhonson e Nicole

Uma das promessas da Seleção Brasileira, a talentosa atacante Jhonson, de 20 anos, teve um desempenho notável em 2025. Depois de marcar o gol da vitória em sua estreia pela Seleção Brasileira, em um amistoso contra o Japão, ela foi incluída no elenco de Arthur Elias que conquistou a Copa América. Ela também brilhou pelo Corinthians, convertendo o pênalti decisivo contra o Deportivo Cali na final da Copa Libertadores Feminina, classificando o Timão para o Mundial.

Assim como Jhonson, a goleira Nicole foi crucial durante o triunfo continental de sua equipe, realizando uma série de defesas impressionantes para barrar o ataque do Deportivo Cali. Além de possuir excelentes reflexos, a jogadora de 25 anos é rápida na saída do gol e implacável no um contra um, além de ter habilidade com a bola nos pés.

Gotham FC (Estados Unidos)  
Esther e Lavelle

A jogadora natural de Huéscar marcou gols por todo o país e ajudou a Espanha a conquistar a Copa do Mundo Feminina da Fifa Austrália e Nova Zelândia 2023. Ela assinou com o clube após o torneio e continuou a balançar as redes com regularidade nos Estados Unidos, marcando nove gols no campeonato em sua temporada de estreia e 13 na última, além do gol decisivo na vitória sobre o Tigres, na final da Copa dos Campeões Feminina da Concacaf.

A dinâmica meio-campista Rose Lavelle sempre foi uma artilheira nata, e nada mudou desde que ela se juntou ao Gotham, em 2024. A jogadora de 25 anos, que balançou as redes na vitória dos EUA sobre a Holanda na final da Copa do Mundo Feminina da Fifa em 2019, marcou sete gols em sua temporada de estreia, sua melhor marca na carreira, e repetiu o feito com cinco na temporada seguinte. Ela também marcou o gol da vitória do The Bats sobre o Washington Spirit no campeonato da National Women's Soccer League (NWSL), o que lhe rendeu o prêmio de MVP.

Pedro  
Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

Boas novas

Não é das coisas mais comuns o meu combalido, por várias razões e responsáveis, futebol paraibano viver um momento com tantas notícias boas ou, no mínimo, interessantes. Tanto que, pensando nelas, no trajeto de casa para a redação do jornal **A União**, de onde escrevo esta coluna, perto do apito final do prazo, para o desespero do meu amigo João Pedro Ramalho, que, por alguns dias, está no lugar do titular da pasta editorial, Geraldo Varela, eu fiquei até um pouco assustado. Mas a miscelânea de susto e alegria no balanço do carro que me entrega ao periódico acaba por virar assunto de coluna, principalmente quando eu tenho pouco tempo para definir isso antes de redigir.

Acontece que realmente o mês de janeiro, o primeiro do ano que se chega, e os últimos de 2025 foram bastante agradáveis para quem gosta, acompanha e, de algum modo, ajuda a construir nosso futebol tabajarino. Uma das melhores notícias para o Campeonato Paraibano 2026 veio ainda no ano passado, quando a Federação Paraibana de Futebol (FPF) anunciou uma premiação para os finalistas.

Foram poucas as vezes que os melhores times do estadual foram agraciados com mimos para além dos obrigatórios e merecidos, que são as vagas para as competições nacionais e para a Copa do Nordeste. Em 2026, no entanto, vai ter um algo a mais. O campeão vai ganhar R\$ 100 mil, enquanto o vice, após lamber as feridas da derrota em campo, vai embolsar R\$ 50 mil. Nada mal.

Ontem, um outro fato histórico e importante foi registrado, no dia de estreia da edição deste ano do Campeonato Paraibano. O Campinense inaugurou, no Estádio Amigão, diante do Atlético de Cajazeiras, o serviço de biometria facial para ingresso dos torcedores às partidas na praça esportiva. Foi a primeira vez que o formato foi utilizado em Campina Grande.

Tanto Amigão quanto Almeidão vão fornecer o equipamento para uma melhor operação dos clubes que forem mandantes nas duas praças, se adequando a uma diretriz da Lei Geral do Esporte para estádios com capacidade para mais de 20 mil torcedores. A biometria facial agiliza o ingresso dos torcedores para os setores internos dos dois estádios e ainda pode ser um aliado para a segurança de todos no local, que ainda é palco sucessivo de brigas entre torcedores, sobretudo fora, nos arredores.

Outra grande notícia, muito mais para o lado alvinegro da estrela vermelha, mas também, penso eu, para o Campeonato Paraibano de uma maneira geral, foi a contratação do meia Nenê para o elenco do Botafogo-PB. O jogador de 44 anos é um reforço de peso para o Belo e uma grande atração para o campeonato. Pode marcar seu nome na competição, caso consiga levar o clube pessoense ao título. Mas, até lá, será alvo de todos os jogadores e técnicos adversários. Afinal, nada melhor do que ganhar do Botafogo-PB de Nenê. A narrativa do Estadual deste ano ganha contornos interessantes que enriquecem esse romance que ainda não tem o final escrito.

Por fim, o Campeonato Paraibano 2026 vai seguir com boas vitrines em termos de transmissão. Para quem acompanhou por muitos anos jogos a partir da imagem criada pelo rádio, acompanhar os confrontos pela televisão pode até forçar menos a criatividade de todos nós em tentar enxergar os jogos pelas palavras dos narradores e comentaristas memoráveis da nossa imprensa paraibana, mas o ganho dos detalhes para poder fazer as análises do conjunto da competição vai ser enorme.

E, para além disso, para o produto, o negócio, a exibição dos jogos é importante em tempos atuais. Teremos transmissão com imagens das filiadas da SBT e da Globo na Paraíba, além do pay-per-view da Rede Paraíba (afiliada Globo) e de jogos no YouTube, no canal Goat. Com o incremento político e filosófico de as transmissões da Globo local serem exatamente no lugar do Campeonato Carioca, para nos encher de orgulho e matar de raiva os torcedores paraibanos que torcem para os times do Rio, que ainda são maioria. São tantas boas-novas, que eu fico com medo da rebordosa.



Foto: Reprodução/Instagram @mariona8co

Segunda colocada no prêmio The Best Fifa de 2025, Mariona Caldentey foi fundamental para o Arsenal conquistar a Champions



PAULISTÃO

# Corinthians e São Paulo enfrentam-se no clássico Majestoso

*Times vêm de resultados opostos: gol de Luciano (E) levou o São Paulo à vitória; já o Corinthians perdeu por 3 a 0*

Foto: Rubens Chiri e Paulo Pinto/Sapaulofc.net

Foto: Joisel Amaral/Estádio Conteúdo

*Jogo será disputado às 16h, na Neo Química Arena; Bragantino, Santos, Vasco e Botafogo também entram em campo*

Da Redação

Hoje é dia de clássico no Campeonato Paulista: o Majestoso colocará, frente a frente, Corinthians e São Paulo, às 16h, na Neo Química Arena, pela terceira rodada. Os times vêm de resultados opostos nos jogos da última quinta-feira (15). Enquanto o Alvinegro sofreu uma dura derrota fora de casa para o Bragantino, por 3 a 0, o Tricolor conquistou a vitória, por 1 a 0, sobre o São Bernardo.

Como forma de preparação para o clássico, Dorival Júnior poupou os titulares para o começo do jogo contra o Massa Bruta, o que ajuda a explicar o domínio sofrido, especialmente porque o técnico não tem contado com um plantel extenso. Yuri Alberto, por exemplo, ainda não tem condições de disputar os 90 minutos. “Alguns jogadores não conseguimos segurar na renovação e estamos aguardando a chegada de alguns nomes para a composição da nossa equipe. Não podemos fazer altos investimentos, mas olhamos qualidades para ajudar o Corinthians”, afirmou.

Dorival também alertou a torcida corintiana para a possibilidade de o time não ter grandes exibições no campeonato, devido ao curto tempo de pré-temporada e aos jogos contra adversários de Série A logo no começo da competição. “Temos dois clássicos seguidos, acho que estamos convivendo com as dificuldades e tentando amenizá-las para diminuir

o prejuízo inicial. Vamos ter dificuldades em razão de todos esses detalhes, sei que é ruim, todos querem resultados imediatos, mas precisamos ter calma”, completou.

Já o São Paulo chega ao Majestoso com uma avaliação mais positiva do estado de seus jogadores, por parte do técnico Hernán Crespo. Jogadores como Wendell e Calleri retornaram à equipe após lesões e o próprio Luciano, que havia ido mal na estreia, recuperou-se, sendo o autor do gol da vitória contra o São Bernardo. “Muito feliz pelo Calleri que voltou, Wendell, Luciano, o gol. É um momento delicado, no sentindo que temos de estar focados nesta pré-temporada com jogos oficiais. Desses 24, 25, seis voltando de lesões graves”, apontou o argentino.

O histórico do clássico no Paulistão é equilibrado. De acordo com estatísticas do site Ogol, em 190 jogos, o Corinthians tem 68 vitórias e o São Paulo, 62; houve ainda 60 empates. Com o mando de campo alvinegro, porém, a vantagem do Timão se alarga. Das 92 partidas disputadas sob o domínio do Timão, mais da metade (47) foi vencida pelo mandante, enquanto o Tricolor ganhou em apenas 19, tendo havido, ainda, 26 empates.

#### Outros jogos

Com seis pontos conquistados e na liderança do campeonato após a vitória con-

tra o Corinthians, o Bragantino busca manter-se na crista da onda, em jogo contra o Botafogo de Ribeirão Preto agendado para as 18h15, no Cícero de Souza Marques. O técnico Wagner Mancini comentou, em entrevista coletiva, a possibilidade de a campanha positiva do time e de outras equipes do interior paulista manter-se, ao ponto de uma delas ser campeã. “Eu acho que, quanto mais curto o campeonato, mais imprevisível ele fica, porque você não tem, muitas vezes, tempo de recuperação. Se a gente tivesse sido derrotado em duas partidas, o teu foco muda e você passa a ter a necessidade de pontuar, e nem sempre você joga bem. Então, eu acho que este ano teremos surpresas. Essa é até uma frase que eu usei com os atletas, a fim de motivá-los, logicamente, para que eles acreditem piamente naquilo que pode acontecer esse ano”, contou.

Vindo de derrota para o Pal-

meiras, o Santos também entra em campo, hoje, às 20h30, no Brinco de Ouro, para enfrentar o Guarani. Ainda sem Neymar, que só deve estar à disposição em fevereiro, além de Tiquinho Soares e Gabriel Bontempo, os quais também recuperam-se de problemas físicos, o técnico Juan Pablo Vojvoda deve ter o restante do elenco disponível para a partida. A expectativa é que Gabigol volte a ser titular, enquanto Gabriel Menino, contratado na última quarta-feira (14), pode entrar no decorrer do jogo.

#### Transmissão

Todos os jogos desta edição do Paulistão têm transmissão pela plataforma de streaming HBO Max. O clássico Majestoso também será exibido, na televisão, pela TNT Sports, de forma exclusiva, assim como o confronto entre Bragantino e Botafogo-SP. Já a disputa entre Guarani e Santos, além dos dois canais ligados a Warner, terá transmissão da TV Record, entre as emissoras

ras abertas, e da CazéTV, no Youtube.

#### Carioca

O campeonato estadual do Rio de Janeiro reserva, para hoje, duas partidas com times da Série A do Campeonato Brasileiro. Tanto Vasco como Botafogo entram em campo embalados após vitórias na estreia. Enquanto o Cruzmaltino recebe o Nova Iguaçu, às 18h, em São Januário, o Glorioso vai a Saquarema para enfrentar o Sampaio Corrêa-RJ, em partida marcada para as 20h30. O primeiro jogo terá transmissão da TV Globo e do Premiere; já o segundo será exibido pelo SporTV, pelo Premiere e pelo canal do Youtube GE TV.

## Base

**Botafogo disputa as duas primeiras rodadas do Carioca com a equipe sub-20, que fez bonito na primeira rodada e busca repetir desempenho hoje, às 19h**

O Vasco teve o resultado mais expressivo da primeira rodada, com uma vitória por 4 a 2 contra Maricá. Para o jogo de hoje, a tendência é que o treinador mexa bastante na formação que começou a última partida. Nela, Rayan destacou-se ao marcar dois gols. Todavia, já há uma proposta do Bournemouth pelo atacante — algo que desagradou o técnico Fernando Diniz. “Eu via um potencial intenso no Rayan quando cheguei aqui. E acho que esse potencial está só no começo. Não acho que é o momento dele sair para nenhum time por nenhum valor nesse momento”, defendeu.

No Botafogo, já está confirmado que o jogo da noite será o último da equipe sub-20 pelo Campeonato Carioca. Dessa vez, a ideia é que o time seja 100% formado pelos atletas da base; diferentemente da estreia, em que cinco jogadores profissionais compuseram o plantel, com o goleiro Raul de titular durante os 90 minutos. O elenco principal, inclusive o técnico Martín Anselmi, só deve estreiar na próxima quarta-feira (21), no Nilton Santos, às 19h, em jogo contra o Volta Redonda.

O Vasco disputa o Carioca pelo Grupo A, ao lado de Fluminense, Bangu, Portuguesa-RJ, Sampaio Corrêa-RJ e Volta Redonda. Já o Botafogo está no Grupo B, junto de Flamengo, Boavista, Madureira, Maricá e Nova Iguaçu.

*Rayan foi destaque do Vasco na estreia, marcando duas vezes na vitória por 4 a 2 contra equipe de Maricá*

Foto: Matheus Lima/Vasco da Gama



NOVO

ALMANAQUE DE PERNAMBUCO

26 Anos de Publicação pelo Amador de Astrologia e Ciências Ocultas

JOSE COSTA LEITE

HEI DE VENCER

(17)

Previdência da Terra, Festas Modestas, Polímeros, Fazer da Lua, Dão de Plantações, Maduro, Viagem, O Fazer da Terra

Calendário Brasileiro Para 1985

(O REI DOS ALMANAQUES)

26 Anos de Publicação pelo Amador de Astrologia e Ciências Ocultas

JOSE COSTA LEITE

HEI DE VENCER

(17)

Previdência da Terra, Festas Modestas, Polímeros, Fazer da Lua, Dão de Plantações, Maduro, Viagem, O Fazer da Terra

CALENDÁRIO BRASILEIRO

Aureo Número 10, Epoca 8, Ciclo Solar 5

— 25 Anos de Publicação deste ALMANAQUE —

FESTAS MÓVEIS

Dom. de Carnaval 17 fev., 20 fev., 7 abril, Ascensão 16 maio, Esp. Santo 26 maio

Sant. Trindade 2 julho, Corpo de Deus 5, Coração de Jesus 14, 1.º D. do Adv. 1 out.

ECLIPSES: Em 1985 ocorrerão 5 Eclipses: 3 solares e 2 lunares, nas seguintes épocas: 1.º Total da Lua: 5 de mar., 2.º Parcial da Sol: 21 de maio, 3.º Parcial do Sol: 11 e outubro, 4.º Total da Lua: 29 de outubro, 5.º Parcial da Sol: 13 de novembro.

A SAÚDE DOS ANIMAIS:

O gado em 1985: Denota haver epidemia em algumas regiões sertanejas, para manguieira e mal triste, chã de Joana da escarlate com um cabacinho, leite 6, dois litros de leite e cabacinho para cada bicho grande, para cada dose.

Calendário Brasileiro para 1985

PARA FAZER PLANTACÕES

Antes da Lua Cheia: Tudo quanto dá frutos acima da terra.

Jan. de 20 a 26, Fev. de 21 a 28, Mar. de 19 a 21, Abr. de 18 a 20

Mai. de 20 a 26, Jun. de 17 a 20, Jul. de 18 a 25, Ago. de 17 a 22

Set. de 15 a 28, Out. de 15 a 29, Nov. de 13 a 20, Dez. de 13 a 31

Depois da lua Cheia: Tudo quanto dá frutos abaixo da terra.

Jan. de 6 a 20, Fev. de 5 a 19, Mar. de 7 a 21, Abr. de 5 a 19

Mai. de 4 a 18, Jun. de 3 a 17, Jul. de 2 a 16, Ago. de 1 a 17

Set. de 2 a 16, Out. de 1 a 17, Nov. de 1 a 13, Dez. de 3 a 12

Para deixar galinha, pato, ganso, peru e pavos em 1985 e Nascer mais filhotes do que macho.

ATENÇÃO! Quando deixar uma galinha escolha ovos curtos e redondos. São nascerão pintos. Se os ovos forem compridos e pentados, nascerão pintos.

Jan. de 6 a 13, Fev. de 5 a 12, Mar. de 7 a 13, Abr. de 5 a 12

Mai. de 4 a 11, Jun. de 3 a 10, Jul. de 2 a 10, Ago. de 1 a 7

Set. de 1 a 7, Out. de 1 a 6, Nov. de 1 a 7, Dez. de 1 a 5

Dias favoráveis para viajar, pedir favores, mudar de negócio ou fazer mudanças em 1985.

Jan. de 20 a 27, Fev. de 18 a 26, Mar. de 21 a 28, Abr. de 19 a 26

Mai. de 19 a 26, Jun. de 17 a 25, Jul. de 18 a 25, Ago. de 17 a 22

Set. de 15 a 22, Out. de 15 a 21, Nov. de 13 a 20, Dez. de 14 a 19

Perdido - pouco se perde. Coragem perdida - muito se perde. Tudo se perdeu.

ALMANAQUE SILVEIRA

ALMANAQUE Goulart

BRASIL

ALMANAQUE

ALMANACH

Na época dos

almanaques

Espécie de guia anual para datas comemorativas, as publicações também eram fonte de informações histórica, geográfica, econômica e cultural voltadas para o cotidiano

Acima, da dir. para esq.: capa do “Novo Almanaque de Pernambuco” (1974); “Calendário Brasileiro para 1985”, de José Costa Leite; e a mesma edição aberta; abaixo, outros exemplos de almanaques do acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida (UEPB)

Marcos Carvalho

marcoscarvalhojr@gmail.com

A cada fim e início de ano, folhinhas e almanaques movimentavam o mercado editorial de publicações populares brasileiro. Os primeiros, calendários de parede que têm suas folhas destacadas (ou viradas) a cada mês, ainda resistem, aliando funcionalidade e estética pela reprodução de pinturas clássicas, figuras religiosas ou fotografias. Já os almanaques, ao contrário, são bem mais raros hoje em dia. Eles serviam como uma espécie de guia anual para datas comemorativas religiosas e civis, mas também como fonte de informações histórica, geográfica, econômica e cultural voltadas para o dia a dia.

Derivada do árabe *al manâkh*, que significa “contar”, o seu sentido pode ser estendido para “livro de contas” ou calendário. Os primeiros almanaques de que se tem notícia são manuscritos da Idade Média, que circulavam na Europa. Com a invenção da imprensa, esse tipo de publicação tornou-se tão popular, a ponto de ser superado ape-

nas pela *Bíblia*. Tal façanha deve-se, em parte, ao fato de misturar desenhos e pinturas aos textos, de modo que pudesse ser “decodificado” por quem possuía pouca habilidade de leitura, assim como por reunir informações e saberes de interesse práticos, como previsões meteorológicas, conselhos, receitas culinárias e de remédios caseiros, além de astrologia, curiosidades, contos e anedotas.

No Brasil, de modo especial no Nordeste, os almanaques tiveram um papel fundamental para as populações sertanejas, orientando os agricultores sobre a melhor época do ano para o plantio e para a colheita, como explica a consultora da Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), professora Joseilda Diniz: “Esses livros eram conhecidos como ‘Almanaques de Feira’ e também como ‘Folhinhas de Inverno’. Como tais, eram as publicações anuais mais esperadas pelos leitores-ouvintes do cordel, que se apropriaram desse tipo de escrito para diversificar as suas vendas na chamada ‘indústria do cordel’”.

A pesquisadora especializada em literatura de cordel cita, por exemplo, o *Almanaque de Pernambuco* e o *Almanaque do Nordeste Brasileiro*, ambos publicados pela Tipografia São Francisco, de Juazeiro do Norte (CE), a partir da década de 1950. Entre os paraibanos versados nessa arte, um dos destaques foi o sapeense José da Costa Leite (1927–2021), que publicou o almanaque *Calendário Brasileiro*, nas décadas de 1960 a 1980. Joseilda Diniz recorda que, além de informações sobre plantas medicinais, banhos e outras recomendações para o combate a doenças, as publicações traziam previsões astrológicas e horóscopos, introduzindo noções das ciências ocultas, muitas delas já arraigadas aos saberes tradicionais, religiosos e místicos locais.

“A formação dos poetas, editores e horoscopistas era de indivíduos autodidatas. Na maioria das vezes, esses editores, que se especializaram na edição de almanaques, faziam uso de leitura de livros como *Lunário Perpétuo*, obra que faz menção ao livro *Lunário Perpétuo de Jerônimo Cortez*, adaptada para Portugal, em 1703. Os poetas editores recorreriam aos saberes tra-

dicionais e populares e às próprias experiências, unindo ao seu arcabouço poético, conselhos, previsões e compartilhamento de saberes coletivos enraizados na sua história cultural, transcendendo as tendências do tempo”, enfatiza a professora.

A substituição dos métodos tradicionais de impressão com tipos móveis de metal ou madeira pelas tecnologias digitais, que culminou com o desaparecimento das tipografias, é uma das principais causas apontadas por Diniz para a redução desse tipo de publicação. Como o público agora tem acesso às previsões de tempo, aos mapas astrais e aos diferentes conhecimentos dos almanaques tradicionais de modo mais ampliado pelo rádio, televisão e na *internet*, sua publicação tem sido inviável editorialmente.

Exemplares de almanaques editados pelos poetas populares fazem parte do acervo da Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida, da UEPB, em Campina Grande, evidenciando como esse gênero assumiu características próprias do povo nordestino com a apropriação pela indústria do cordel.

“Santo Antônio”, um almanaque ainda em circulação

Prestes a completar 50 anos, o Almanaque Santo Antônio é um dos poucos do gênero que resistiram ao tempo. Frei Edrian Pasini, da Ordem dos Frades Menores (OFM), editor do anuário, reforça que mesmo com as previsões de que os livros em papel acabariam com a chegada da *internet*, a popularidade do gênero mantém-se nas bienais e feiras de livros das quais participa.

“No contexto digital, as pessoas ainda mantêm o hábito de ter um livro em mãos, pronto para folhear, anotar. E os leitores especificamente de almanaques não dispensam a sua leitura na forma física ou o hábito de colecioná-los a cada ano. Mesmo com *sites* de buscas e toda a tecnologia adentrando velozmente através da *internet*, o prazer de ler um almanaque que reúne temas múltiplos é algo tentador, e isso faz parte do que poderíamos chamar de ‘relação afetiva’ com esse tipo de publicação. Ela não pode ser simplesmente substituída”, argumenta o editor.

Com uma tiragem média de oito mil exemplares, a publicação de 224

páginas recorre a ilustrações e conhecimentos culturais e religiosos para atrair famílias, professores e estudantes, que também colaboram enviando mensagens, piadas, receitas e dicas culinárias. Essa participação é um dos termômetros que frei Edrian utiliza para medir o interesse dos leitores. Há mais de 20 anos à frente do anuário, ele revela que a preparação começa mais de um ano antes, recolhendo matérias e selecionando os assuntos. A edição de 2027, por exemplo, comemorativa dos 50 anos, já está em fase de diagramação, com previsão para que fique pronta para impressão até março deste ano.

“O Almanaque Santo Antônio tem um caráter multitemático, sempre novo e atual a cada ano, trazendo calendários (civil, religioso, de agricultura e de pesca), curiosidades, humor, dados científicos, literários e informativos, como cuidados com a saúde e dicas de economia doméstica. Rico em sabedoria, traz diversos tipos de textos sobre personagens de nossa história e folclore, e de cunho religioso e evangelização, como a

vida de santos e, claro, de Santo Antônio de Pádua, que dá título à publicação”, elenca o religioso.

O Almanaque Santo Antônio pode ser adquirido em livrarias católicas, grandes livrarias ou pelo *site* da Editora Vozes ([www.vozes.com.br](http://www.vozes.com.br)). Almanaques mais específicos,

como de Astrologia, também ainda são editados, ao contrário daqueles produzidos por laboratórios farmacêuticos, como o da Biotônico Fontoura, que era distribuído gratuitamente aos clientes em farmácias, que tiveram bastante popularidade até a década de 1970.

Imagem: Divulgação/Editora Vozes

ALMANAQUE

SANTO ANTÔNIO

CALENDÁRIOS

CONTOS

CULINÁRIA

CURIOSIDADES

DICAS DIVERSAS

ECOLOGIA

EDUCAÇÃO

FOLCLORE

HUMOR

MENSAGENS

PASSATEMPO

SANTOS

SAÚDE

2026

EDITORA VOZES

Prestes a completar 50 anos, com uma tiragem média de oito mil exemplares, a publicação recorre a ilustrações e conhecimentos culturais e religiosos para atrair famílias, professores e estudantes





Amor, vida no Sertão e do vaqueiro aboiado, saudade dos pais e tristeza pela morte prematura de uma das filhas foram alguns dos motes que Amorim tomou para compor os seus versos

Marcos Carvalho  
marcoscarvalhojor@gmail.com

“Eu sou é Pedro Amorim  
Um dromedário incansável,  
Uma serra intransponível,  
Um prédio inexpugnável,  
Navalhas vulcanográficas  
de aço inoxidável”.

Com esses versos apresentava-se o repentista paraibano conhecido como o “Poeta dos Vaqueiros”, que no meio da lida no roçado fez a vida, cantando-a nas vaquejadas e nas disputas, especialmente na região do Sertão do Pajeú, no estado de Pernambuco.

Pedro Vieira de Amorim nasceu em 18 de setembro de 1921, no Sítio Surubim, à época município de Teixeira, hoje pertencente a Desterro, no Sertão paraibano, do casal Jerônimo Correia de Amorim e Tereza Maria da Conceição. Ainda criança, percorreu os quase 20 quilômetros de distância, cruzando a divisa do estado natal para se fixar com a família no vizinho Pernambuco, mais precisamente na cidade de Iapetim.

Segundo um de seus filhos, o estudo formal do pai foi muito pouco, de apenas seis meses. Foi o suficiente, no entanto, para despertar no jovem o interesse pela leitura e pela escrita. Num de seus poemas, contou:

“Sou um pobre analfabeto  
das coisas da educação  
porque me criei no mato  
sofrendo tanto maltrato

com a alpargata de sola.  
Vivo assim com as mãos grossas  
porque me criei na roça  
sem nunca ir na escola”.

Pedro Amorim buscava nos livros o conhecimento de mundo e as palavras certas para fazer as rimas, conciliando, na cidade do Sertão do Pajeú conhecida como “Ventre Imortal da Poesia”, o trabalho como agricultor e criador de gado com a arte da cantoria que fazia de improviso. Deixava o sítio aos cuidados dos filhos e da esposa, Aurina, para percorrer as cidades sertanejas e cantar, ao lado de grandes nomes do repente, a exemplo de Dimas, Otacílio e Lourival Batista, Pinto do Monteiro, Zé Catota e Cancão.

Foi justamente o exercício da pecuária e os aboios com os quais costumava terminar suas cantorias que o fizeram conhecido como o “Poeta dos Vaqueiros”. As respostas rápidas e inteligentes que dava nas apresentações, especialmente nos encontros de aboiadores e vaquejadas da região, ampliaram a fama.

O amor, o vaqueiro aboiador, a vida no Sertão, a saudade dos pais falecidos e a tristeza pela morte prematura de uma das filhas foram alguns dos motes que Pedro Amorim tomou para compor seus versos, parte deles registrados no livro *O Poeta dos Vaqueiros*, publicado originalmente em 1988 e há cinco anos reeditado pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), como parte da Coleção Pajeú. Lançado uma década após a morte do paraibano, essa segunda edição conta com a

## Pedro Vieira Amorim

# “Poeta dos Vaqueiros” campeava versos sertanejos

inclusão de versos e poesias escritos depois da publicação original.

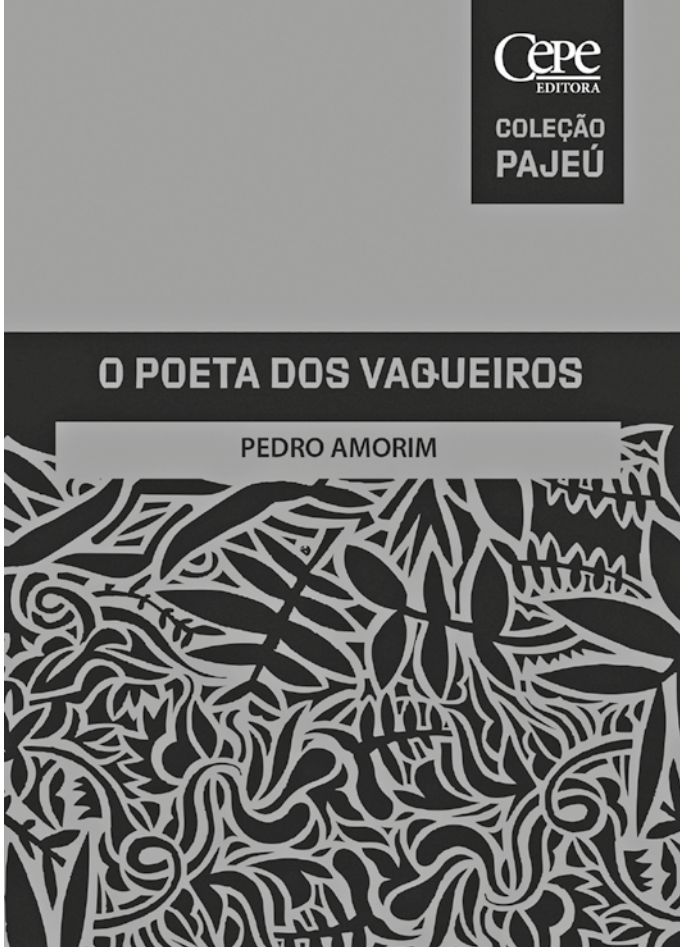
“Vaqueiro na vida real, tem sido, também, vaqueiro da poesia. Nos seus poemas, sempre deu rédeas a sua imaginação e fez dos versos e das estrofes o rebanho predileto do seu espírito. Rebanho que ele representa com zelo e sensibilidade quando campeia na vastidão infinita no campo da poesia. Seus versos têm a sonoridade do aboio dos vaqueiros e a virilidade da voz do Sertão”, destacou o advogado e também poeta, José Rabelo de Vasconcelos, no prefácio da obra.

Uma das poesias do livro e que costumava ser recitada por Amorim era a descrição da sua antiga casa, composta depois que os oito filhos, já criados, tinham saído da residência. O sentimento do ninho vazio do poeta popular expressou-se nos seguintes versos:

“Fui à casa onde criei  
Meus oito filhos queridos  
Mas com tristeza encontrei  
Já uns cantos destruídos,  
Tem de lado um umbuzeiro  
E de outro um cajueiro,  
No esquecido abandono,  
As folhas secas caindo,  
Sinais de quem está sentindo  
A separação do Dono.

Um curral desmoronado,  
Uma cocheira estragada,  
Um mourão velho deitado  
E o resto de uma latada,

Imagem: Reprodução/Cepe



Capa da nova edição da antologia “O Poeta dos Vaqueiros” (Cepe), publicada pela primeira vez no ano de 1988

Em cujo ponto, antigamente, briguei com touro valente,  
Vaca Braba e barbatão,  
Senti com rigoridade  
A navalha da saudade  
Retalhar meu coração...”

**Marca registrada**

Simplicidade, inteligência e bom humor eram os traços característi-

cos da personalidade de Pedro Vieira Amorim. Gostava de contar causos e piadas, e não perdia uma oportunidade para alguma tirada mais espirituosa, mesmo quando os filhos lhe desobedeciam. Assim aconteceu quando um deles, Raulino, descumpriu a proibição do pai de não fumar. Ao flagrar o rapaz que negava estar pitando enquanto tentava esconder

## Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

# Lei do multimídia: governo pecou, mas faltou acompanhamento das entidades

O Brasil possui agora uma legislação específica para a profissão de multimídia. A Lei nº 15.325/2026 foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 6 de janeiro, medida que gerou reações negativas de entidades e de profissionais de áreas já regulamentadas, como radialistas e jornalistas.

Conforme o texto, multimídia é “a designação do profissional multifuncional, de nível superior ou técnico, apto a exercer atividades em áreas de criação, produção, captação, edição, planejamento, gestão, organização, programação, publicação ou distribuição de conteúdos de sons, imagens e textos nas mídias”.

Sobre a nova norma, a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) ressaltou que a lei “não define acúmulos de funções distintas, nem prevê carga horária, além de não abrigar registro profissional ou formação específica”.

A legislação teve origem no Projeto de Lei nº 4.816, da deputada Simone Marquetto (MDB-SP). Apresentado em novembro de 2023, o texto original previa, no artigo 4º, que a profissão seria exercida por diplomados em cursos de graduação ou nível técnico em Multimídia e áreas da Comunicação Social, ou por profissionais com experiência mínima de um ano comprovada por sindicatos ou instituições de ensino.

O artigo 4º, porém, foi suprimido durante a tramitação no congresso, retirando as exigências de formação e tempo de serviço. A supressão foi proposta pelo deputado Paulo Magalhães (PSD-BA), relator na Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania (CCJ). Ele apontou

que a lei não poderia ser “restritiva” ou impor “barreiras desnecessárias ao livre exercício profissional”.

Na mesma linha, o deputado Kim Kataguirí (União-SP) apresentou destaque para votação em separado do trecho, justificando a observância dos preceitos constitucionais de liberdade de profissão. O parlamentar alegou que “não há evidências de que o exercício desregulamentado acarrete danos”.

Para a Fenaj, a lei tenta desregular o trabalho de jornalistas e de radialistas “à força”. Em nota, a federação avalia que a sanção ocorreu sem diálogo com as entidades e permite a inserção de uma função concorrente com profissões consolidadas. A entidade reforça que as atividades agora atribuídas ao multimídia são, por lei, exclusivas de jornalistas e radialistas.

Sim, faltou diálogo do congresso e do governo federal com as categorias. Mas também faltou acompanhamento atento por parte das federações, das associações e dos sindicatos sobre o projeto que agora é lei. Todos “comeram poeira” no processo legislativo. Eu, inclusive.

Desde a derrubada da obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em 2009, a situação da categoria vem se deteriorando. A sanção da nova lei representa apenas mais um empurrão lateral para os profissionais da área. Quando se precariza a profissão de quem tem o dever de informar, o prejuízo não é restrito a uma classe profissional específica. Perdem os trabalhadores da comunicação, mas perde também a sociedade brasileira.



Sobre a nova norma, a Fenaj ressaltou que a lei “não define acúmulos de funções distintas, nem prevê carga horária, além de não abrigar registro profissional ou formação específica”

## Tocando em Frente



Professor Francelino Soares  
francelino-soares@bol.com.br

# Catulo, João Pernambuco e o “Luar do Sertão”

Em princípio, cabe-me uma resposta bem pertinente à pergunta: Por que sendo ele maranhense tornou-se conhecido como Catulo da Paixão Cearense (São Luís-MA, 31/1/1866–Rio-RJ, 1946)? Na realidade, este é o seu nome de registro civil, embora tenha vivido no Ceará por pouco tempo (dos 10 aos 14 anos). Explica-se: o pai dele, Amâncio José da Paixão, era natural do Ceará e exercia o ofício de ourives e relojoeiro no Maranhão, para onde se havia mudado. Assim, os clientes passaram a chamá-lo “cearense”, e ele, o pai, levado por sentimentos telúricos, resolveu incorporar o termo como sobrenome oficial, que foi passado à sua prole. A esse propósito, a data do seu nascimento de Catulo está registrada como 8 de outubro de 1863, data, na realidade, de nascimento de um irmão homônimo que havia morrido e que não havia sido registrado. Coisas dos Cartórios daquela época... A família mudou-se para o Rio, em 1880.

Esclarecidos esses relevantes detalhes, embora sempre se assinando como compositor, Catulo era essencialmente um exímio letrista, atividade que o tornou escritor, com publicação de folhetos de cordel, modinhas e coletâneas, com poemas seus e de outros poetas. O contato com o meio artístico foi incrementado após a morte do pai, que não o queria frequentando o ambiente artístico, pois o achava dominado pela boêmia a que os artistas eram levados.

Reconhecido como poeta, teatrólogo e intérprete com boa voz de barítono, ele era, sobretudo, um letrista.

Após trabalhar como estivador e em função administrativa no Caís do Porto (Rio de Janeiro), enveredou pelo caminho dos estudos e das letras, e, matriculado no Colégio Teles de Mendonça, dedicou-se com afinco ao universo literário e linguístico, chegando ao domínio do português, francês, com bons conhecimentos de matemática. À experiên-



Foto: Reprodução/Arquivo Público do Estado do Maranhão

Reconhecido hoje como poeta, teatrólogo e intérprete com boa voz de barítono, Catulo da Paixão Cearense era, sobretudo, um letrista

cia levou-o a instalar o seu próprio colégio, vendo o seu universo cultural se alargar. Assim é que passou a editar obras de outros autores e especializar-se na obra do poeta francês Lamartine, traduzindo e publicando alguns dos poemas deste.

Estavam definitivamente abertas as portas para o universo que ele vinha perseguindo, o da música. Assim, é que, mais “senhor da situação”, nos deixou inúmeras criações em que ele, de forma até meio egoísta, se assinava como autor, quando, na realidade, em muitos casos, o que fazia — poeta como fora — era adaptar os seus próprios versos a melodias criadas por amigos. Isso, no en-

tanto, não invalidou o seu ofício, de vez que muitas das criações melódicas cujas letras ele acrescentou as tornaram-se grandes sucessos. O próprio Villa-Lobos chegou a afirmar que “Catulo era incapaz de escrever uma célula melódica”, o que não deixava de exponenciar sua grande competência em colocar letras em músicas de amigos.

Outra faceta admirável de Catulo era o seu conhecimento da linguagem, dos usos e costumes dos sertões nordestinos, que ele pouco vivenciara. Somente o estudo e algumas lembranças o fizeram exercer um domínio no que diz respeito a esses aspectos. Tanto que Monteiro Lobato, outro grande entendedor e

cultivador dessa cultura, chegou a afirmar, reconhecendo-o e aplaudindo-o como o grande poeta nacional, o mais autêntico: “Catulo é bem a voz terra brasílica”. Não há dúvida de que a competência dele, ao versejar, levava-o, algumas vezes, ao próprio vanglorio: “O meu grande mérito está nisso: em não conhecer o sertão e descrevê-lo tão admiravelmente”. Daí, alguns observadores juntarem a essa afirmativa: “Tão grande quanto o seu talento era sua notória vaidade”.

Dentre as inúmeras criações poéticas dele, algumas permanecem vivas em nossa memória cultural e afetiva e, dentre as quais, destacamos:

- “Cabocla de Caxangá” — batuque sertanejo, para melodia do amigo João Pernambuco, que, inclusive, lhe forneceu inúmeras criações para que Catulo colocasse letras;
- “Luar do Sertão” — outra criação musical de João Pernambuco, cuja primeira gravação, datada de 1913/14 (com Eduardo das Neves, em gravação Odeon), cuja letra Catulo adaptou do seu poema *Engenho de Humaitá*. Com relação a este hit, composto em 1911, já é decantado o fato de que a melodia foi acrescentada a letra de Catulo, como foi feito também com outras criações. Não nos cabe julgar o motivo pelo qual, quando da gravação, foi omitida a parceria com João Pernambuco, figurando o poeta maranhense como o único autor, falha que gerou um grave processo jurídico que se arrastou até o início dos anos 1960;
- “Ondas” — tango com música de Chiquinha Gonzaga, com adaptação do poema *Grácho*, de Catulo;
- “Ontem ao luar” — música de Pedro de Alcântara, para poema de Catulo, que nos chegou em marcante interpretação original de Vicente Celestino.

Enfim, Catulo é reconhecido como uma das últimas grandes figuras da nossa MPB.



QIRA

China lança IA para o uso em tempo integral

Ferramenta será acoplada em todos os dispositivos fabricados pelo grupo

Circe Bonatelli\*

Agência Estado

A multinacional chinesa Lenovo entrou na briga dos agentes de inteligência artificial (IA) com o lançamento da sua ferramenta própria: batizada de Qira, a IA será acoplado em todos os dispositivos fabricados pelo grupo, como *notebooks*, *tablets*, relógios, óculos e demais vestíveis, como um novo colar que será lançado em breve, além da linha de celulares da subsidiária Motorola. O anúncio aconteceu no último dia 6, na Consumer Electronic Show (CES), feira de tecnologia do mundo realizada em Las Vegas, nos EUA.

A Qira representa uma mudança do modelo de inteligência artificial baseado em dados gerados por aplicativos para uma IA “ambiental”, ou seja, um modelo que procura estar ciente do local em que o usuário se encontra e do momento da sua vida, a partir do processamento das informações colhidas pelos diferentes dispositivos. A IA estará disponível sem exigir que os usuários abram ou alternem esses aparelhos, facilitando a sua utilização. Basta dar um comando de voz ao aparelho que estiver mais próximo.

A ideia é que, mediante autorização, a IA monitore e aprenda o que o usuário está fazendo a cada momento. Ao acumular as experiências ao longo do tempo, a IA entenderá a intenção do usuário, antecipar necessidades e atuará com sugestões de formas que pareçam “naturais e pessoais”, segundo a companhia.

“Hoje em dia, a IA não está mais apenas gerando respostas, escrevendo código, criando imagens e produzindo vídeos. A IA está evoluindo rapidamente e ganhando no-



Foto: Reprodução/Zdnet.com

IA virá em notebooks, tablets, relógios, óculos, celulares e colares “inteligentes”

vas capacidades, percebendo nosso mundo tridimensional, entendendo como as coisas se movem e se conectam, e interagindo com a realidade de formas nunca vistas antes. A IA está em toda parte”, afirmou o presidente global da Lenovo, Yuanqing Yang, durante apresentação da novidade.

“Essa transformação é profundamente pessoal. A IA tem a chance de aumentar, elevar e maximizar o potencial humano”, acrescentou. “Esse é apenas o começo de um novo capítulo em que tecnologia e humanidade se sinergizam”, enfatizou Yang.

Na demonstração realizada no centro de eventos The Sphere — aquele em formato de meio globo, com a maior tela de *led* esférica do mundo — os executivos da Lenovo pediram para a Qira resumir as principais mensagens recebidas no WhatsApp, dar sugestões de lugar para passear com os filhos, encaixar o passeio na agenda e separar fotos para postar nas redes sociais.

Como a IA “ouve” o que o usuário e as pessoas ao

seu redor falam, ela pode ser usada para resumir o conteúdo discutido em reuniões e/ou relembrar coisas que foram ditas por terceiros ao longo do dia. Na demonstração, a Qira também respondeu a perguntas, deu sugestões para os executivos melhorarem a apresentação na grande tela e mandou *e-mails* respondendo ao comando do seu dono.

No mesmo evento, a companhia também mostrou o seu primeiro “colar inteligente”, um novo dispositivo do tipo vestível, com funções se-

melhantes ao de um óculos da nova geração *tech*. Ele tira fotos, grava vídeos, reproduz mensagens, identifica pessoas e conta com a Qira acoplada para interações. Na prática, funciona com um agente de IA que ficará pendurado no pescoço para os usuários carregarem o tempo que quiserem consigo, ajudando nas atividades do dia. Por enquanto, o colar ainda está em fase de prova de conceito, sem ter sua comercialização iniciada.

\*O jornalista viajou para a CES a convite da Lenovo

## Charada

**Resposta da semana anterior:** Onde está (2) = Cadê + raiva (2) = ira. **Solução:** assento (3) = cadeira.

**Charada de hoje:** Ele esbarra (2) exatamente próximo de uma pessoa viciada em droga (2) e levada a um profundo delírio (4).



Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Ilustração: Bruno Chiassi

## Tiras

### O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



### Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Foto: Rep./The Christie Archive Trust

## Eita!!!!

### # Agatha Christie

Na última quinta-feira (15), *O Mistério dos Setes Relógios*, de Agatha Christie (1890–1976), ganhou uma adaptação para a Netflix, em formato de minissérie em três episódios. A obra original, lançada em 1929, é ambientada na década de 1920 e traz à tona segredos e mistérios da alta sociedade inglesa. Na trama, Lady Eileen “Bundle” Brent (vivida por Mia McKenna-Bruce) é uma detetive amadora que se vê à frente do caso suspeito da morte de seu amigo. Na segunda-feira passada (12) foi lembrado o cinquentenário de morte da escritora inglesa. Por conta disso, segue algumas das principais obras da “Rainha do Crime”.

### # E não sobrou nenhum (1939)

Um dos romances policiais mais queridos pelos fãs, também foi o livro do gênero mais vendido de todos os tempos, com mais de 100 milhões de cópias comercializadas no mundo inteiro. Na trama, 10 suspeitos encontram-se isolados em uma ilha onde assassinatos são cometidos em sequência e seguindo os versos de uma canção infantil. A história não apresenta nenhum detetive para solucionar o caso. O livro já ganhou adaptações para a TV, o cinema e o teatro.

### # Assassinato no Expresso do Oriente (1934)

A história é ambientada em um luxuoso trem que é forçado a parar no meio do trajeto por conta de uma forte nevasca. No meio da madrugada, um homem é assassinado e o detetive Hercule Poirot — o personagem mais conhecido da escritora — precisa descobrir qual dos passageiros é responsável pelo ato. O livro ganhou uma adaptação para os cinemas em 2017, dirigida e estrelada por Kenneth Branagh (lembrando que um dos longas-metragens mais conhecidos do livro é a versão clássica de 1974, dirigida por Sidney Lumet).

### # O assassinato de Roger Ackroyd (1926)

Quando o personagem que dá título ao livro é encontrado morto em sua própria casa, o já aposentado detetive Poirot entra em cena para buscar uma possível ligação entre esse e outros dois crimes. Narrado em primeira pessoa pelo dr. Sheppard, o médico da cidade, o livro é considerado pelos fãs como um dos mais engenhosos já escritos por Agatha Christie.

### # Morte no Nilo (1937)

Poirot precisa desvendar, durante uma viagem de férias, o assassinato da jovem herdeira Linnet Ridgeway, que viajava em lua de mel a bordo de um cruzeiro pelo rio Nilo. Conforme a trama se desenrola, os interesses de terceiros na fortuna e na infelicidade de Linnet ficam mais evidentes, e o quebra-cabeças, cada vez mais complexo. Entre as duas adaptações cinematográficas, destacam-se a versão de 1978, de John Guillermin, e a mais recente, de 2022, dirigida e estrelada por Branagh.

### # Os crimes ABC (1936)

Um assassino misterioso desafia Poirot ao enviar cartas que informam o detetive sobre os próximos crimes. Aparentemente aleatórios, as mortes seguem apenas uma regra: são executados seguindo a ordem alfabética dos nomes das vítimas e das cidades onde acontecem.

## 9diferenças

Antonio Sá (Tônio)



### Solução

1 – barco; 2 – cabeça da mulher; 3 – boca; 4 – chapéu; 5 – nuvem; 6 – linha; 7 – peixe; 8 – boca; 9 – boca do homem.